UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Educação

JOSINEIDE ALVES DA SILVA

Reflexões acerca da educação e o cinema: breves contribuições para a pedagogia da escola contemporânea

São Paulo
2022

JOSINEIDE ALVES DA SILVA

Reflexões acerca da educação e o cinema: breves contribuições para a pedagogia da escola contemporânea

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito de conclusão do doutoramento em Educação.

Área de Concentração: Educação e Ciências Sociais - desigualdades e diferenças

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria da Graça Jacintho Setton

São Paulo

2022

JOSINEIDE ALVES DA SILVA

Reflexões acerca da educação e o cinema: breves contribuições para a pedagogia da escola contemporânea

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito de conclusão do doutoramento em Educação.

Aprovada em: 14 de março de 2022.

Banca Examinadora

_____
Dr.ª Rosália Duarte.
Pontífice Universidade Católica – PUC/RIO.
Rio de Janeiro – RJ.

_____
Dr.ª Claudia de Almeida Mogadouro.
Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo – USP.
São Paulo – SP.

_____
Dr.ª Paula Alexandra Reis Bueno.
Secretaria da Educação do Estado do Paraná.
Curitiba – PR.

_____
Dr.ª Midori Hijioca Camelo.
Centro de Ciências Exatas e da Terra da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
Natal – RN.

_____
Dr.ª Maria da Graça Jacintho Setton (Orientadora).
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP.
São Paulo – SP.

Dedicatória

A meus pais, pelo carinho e respeito demonstrado diariamente.

Aos meus sobrinhos Juliano (10 anos), Isabelle (6 anos) e Jonathan (8 anos), por me ensinarem a relevância do audiovisual em suas vidas, por dividirmos muitos momentos de entretenimento e reflexões acerca dos filmes, suas falas e expressões evidenciam as fantasias da infância e as experiências proporcionadas com os meios audiovisuais.

A todos os alunos, com os quais vivenciei diferentes formas de aprendizagens com o cinema nos distintos ambientes educacionais ao longo de anos de docência na Educação Básica.

Aos amigos e professores que compartilham do apreço pelo cinema, e de seu estudo relacionado ao processo ensino e aprendizagem.

Agradecimentos

À professora Doutora Maria da Graça Jacintho Setton, pela competência e dedicação na orientação deste estudo.

As Professoras Doutoras Rosália Duarte, Claudia de Almeida Mogadouro, Paula Alexandra Reis Bueno e Midori Hijioca Camelo, pelas contribuições concedidas para esta pesquisa no Exame de Qualificação e Defesa da Tese.

À Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, pela fundamentação teórica e prática recebida no processo do doutoramento, por me proporcionar o cumprimento desta realização pessoal e conquista profissional.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.13
A586r

Alves da Silva, Josineide
Reflexões acerca da educação e o cinema: breves contribuições para a pedagogia da escola contemporânea / Josineide Alves da Silva; orientadora Dra. Maria da Graça Jacintho Setton. -- São Paulo, 2022.
163 p.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação Educação e Ciências Sociais: Desigualdades e Diferenças) -- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Cinema. 2. Educação. 3. Formação audiovisual de professores. 4. Ensino. 5. Aprendizagem. I. Jacintho Setton, Dra. Maria da Graça, orient. II. Título.

Lista de imagens dos filmes sugeridos na disciplina – O Cinema na Educação: humanidades, técnicas e linguagem

Imagem 1 – Filme: *O MENINO E O MUNDO*.....127
Imagem 2 – Filme: *IDA*.....128
Imagem 3 – Filme: *MORTE E VIDA SEVERINA*.....129
Imagem 4 – Filme: *O LABIRINTO DO FAUNO*.....130
Imagem 5 – Filme: *QUE HORAS ELA VOLTA?*.....132
Imagem 6 – Filme: *EXPRESSO DO AMANHÃ*.....133
Imagem 7 – Filme: *TROPA DE ELITE*.....134
Imagem 8 – Filme: *CAPITÃO AMÉRICA – O PRIMEIRO VINGADOR*.....135
Imagem 9 – Filme: *BACURAU*.....137
Imagem 10 – Filme: *TERRA EM TRANSE*.....138
Imagem 11 – Filme: *VIDA DE MENINA*.....139
Imagem 12 – Filme: *SELMA: UMA LUTA PELA IGUALDADE*.....140
Imagem 13 – Filme: *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*.....142
Imagem 14 – Filme: *LORE*.....142
Imagem 15 – Filme: *BILU E JOÃO*.....144
Imagem 16 – Filme: *HAIR LOVE*.....145

Resumo

SILVA, J. A. da. **Reflexões acerca da educação e o cinema: breves contribuições para a pedagogia da escola contemporânea.** 2022. 163p**.** Tese (Doutorado em Educação e Ciências Sociais: Desigualdade e Diferenças) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2022.

Este estudo tem por objetivo desenvolver uma disciplina na interface da educação e o cinema que possa compor os currículos dos cursos de graduação em Pedagogia e demais licenciaturas no país. Trata-se de um estudo com ênfase central no cinema, na tentativa de levantar conhecimentos teóricos e práticas pedagógicas elencadas como prioritárias na formação audiovisual docente. Tal estudo justifica-se tendo em vista a **Lei nº 13.006**, sancionada em 26 de junho de 2014, que determina a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de ensino básico por, no mínimo, duas horas mensais. Parte-se do pressuposto de que o cinema, como objeto da indústria midiática, opera como uma matriz de cultura e que, na qualidade de produção humana, pode se destacar como: a) uma linguagem artística produtora de sentido; b) uma técnica de registro, portadora de estética/linguagem passível de ser usada como documento sócio-histórico; c) além disso, pode se destacar como produção simbólica, uma vez que apresenta ideologias diversas, permitindo identificar perspectivas filosóficas, históricas e culturais que abrem o diálogo com o público, ampliando sua capacidade crítica e criativa. Para desenvolver a investigação, realizamos uma pesquisa documental nas produções acadêmicas registradas em instituições científicas e periódicos que cultivam a interface da educação e o cinema com base nos trabalhos de Lakatos e Marconi (2010); Ludke e André (1986); entre outros. Cabe destacar que os estudos bibliográficos centrados em teorias específicas do cinema na qualidade de arte, comunicação e indústria cultural, explorados por Turner (1997); Kellner (2001); Duarte (2002); Xavier (2003); Bergala (2008); Napolitano (2009); Thiel (2009); Bordwell e Thompson (2013); Fresquet (2013); bem como os trabalhos na área de Sociologia, mais especificamente as contribuições de Sorlin (1994); Fischer (2007); Setton (2010); além de pesquisas no campo da Educação como Gadotti (2005); Libâneo (2013); Nóvoa (2017); farão parte do escopo teórico desta investigação. Como resultado, espera-se construir conhecimento sistemático a respeito de teorias cinematográficas, da análise de iniciativas acerca da formação audiovisual docente relacionadas ao cinema, a fim de subsidiar o desenvolvimento de uma disciplina para integrar a grade curricular dos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas no país.

Palavras-chave: Cinema; Formação audiovisual de professores; Ensino e aprendizagem.

Abstract

SILVA, J. A. da. **Reflections on education and cinema: brief contributions to the pedagogy of contemporary school**. 2022. 163p. Tese (Doutorado em Educação e Ciências Sociais: Desigualdade e Diferenças) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2022.

This study aims to develop a discipline at the interface of education and cinema that can compose the curricula of undergraduate courses in Pedagogy and other degrees in the country. This is a study with a central emphasis on cinema, to raise theoretical knowledge and pedagogical practices listed as priorities in audiovisual teacher training. This study is justified in view of **Law No. 13.006,** enacted on June 26, 2014, which determines the exhibition of films of national production in elementary schools for at least two hours per month. It starts from the assumption that cinema, as an object of the media industry, operates as a matrix of culture and that, as a human production, it can stand out as: a) an artistic language that produces meaning; b) a recording technique, bearing an aesthetic/language that can be used as a socio-historical document; c) in addition, it can stand out as a symbolic production, since it presents different ideologies, allowing the identification of philosophical, historical and cultural perspectives that open dialogue with the public, expanding its critical and creative capacity. To develop the research, we carried out documentary research on academic productions registered in scientific and periodic institutions that cultivate the interface of education and cinema based on the works of Lakatos and Marconi (2010); Ludke and André (1986); between others. It is worth noting that the bibliographic studies focused on specific theories of cinema in the quality of art, communication and cultural industry, explored by Turner (1997); Kellner (2001); Duarte (2002); Xavier (2003); Bergala (2008); Napolitano (2009); Thiel (2009); Bordwell and Thompson (2013); Fresquet (2013); as well as works in the field of Sociology, more specifically the contributions of Sorlin (1994); Fischer (2007); Setton (2010); in addition to research in the field of Education such as Gadotti (2005); Libâneo (2013); Nóvoa (2017); will be part of the theoretical scope of this investigation. As a result, it is expected to build systematic knowledge about cinematographic theories, the analysis of initiatives about audiovisual teacher training related to cinema, to subsidize the development of a discipline to integrate the curriculum of Pedagogy courses and other degrees in the country.

Keywords: Cinema; Audiovisual teacher training; Teaching and learning.

Sumário

Resumo.....9
Abstract.....10
Introdução.....12
Capítulo 1 - Educação e Cinema no Brasil: um breve histórico 17
1.1 Lei 13.006/14: o cinema nacional na educação básica.....23
1.2 Considerações a respeito da **Lei nº 13.006/14**.....30
1.3 Cinema e indústria na América Latina.....33
1.4 Educação e cinema na América Latina.....40
Capítulo 2 - Iniciativas de Formação Audiovisual: educação e cinema 52
2.1. Quadro demonstrativo: iniciativas de formação docente.....84
Capítulo 3 - Educação e Cinema: aspectos teóricos e metodológicos 87
3.1. Algumas considerações acerca da linguagem cinematográfica: identificando uma tensão.....95
3.2 . Uma tensão teórica ou metodológica?.....106
Capítulo 4 - Reflexões a Respeito da Formação Docente e o Cinema.....114
4.1. O Currículo segundo a vertente didática e a institucional.....119
4.2. Disciplina – O Cinema na Educação: humanidades, técnicas e linguagem 122
4.3. Justificativa para a seleção de filmes 147
Considerações Finais.....153
Referências Bibliograficas.....157

Introdução

Reafirmamos que estudo tem por objetivo desenvolver uma disciplina na interface da educação e o cinema que possa compor os currículos dos cursos de graduação em Pedagogia e demais licenciaturas no país. Temática elucidada pelas discussões oriundas do processo que envolve a aplicabilidade da **Lei nº 13.006**, a sua regulamentação, implementação e efetivação nos ambientes educacionais. A referida lei, de autoria do senador Cristovam Buarque, foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff, em 26 de junho de 2014, determinando a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de ensino básico por, no mínimo, duas horas mensais, como componente curricular complementar na educação básica, integrado à proposta pedagógica da escola.

Neste contexto, alguns questionamentos colocaram-se como pautas essenciais: quais as condições presentes nas escolas para a exibição de filmes do cinema nacional? Como trabalhar a diversidade da cinematografia brasileira? Como garantir o acesso dos professores ao repertório de filmes nacionais? Como orientar o encaminhamento metodológico a ser concedido para a utilização de filmes nacionais e consequentemente os internacionais na educação básica? E, sobretudo, como assegurar a formação audiovisual, em especial a cinematográfica, para professores e demais profissionais que integram os ambientes educacionais?

Estas são algumas das questões que permeiam as argumentações deste estudo. Esperamos contribuir com este processo, uma vez que nosso objetivo consiste numa proposta de formação audiovisual para graduandos dos cursos de licenciaturas, especialmente a Pedagogia. Buscamos desenvolver uma formação com fundamentos teóricos e práticos que possa amparar procedimentos futuros de ensino e aprendizagens por intermédio de profissionais na educação de crianças, jovens e adultos pelo país, em intervenções pedagógicas com o cinema nos distintos ambientes educacionais.

Como é sabido, para a consolidação da análise e dos resultados de uma determinada pesquisa faz-se necessário o desenvolvimento de técnicas que direcionam o andamento do objeto em estudo e das fontes utilizadas. Eva Lakatos e Marina Marconi (2010, p. 157) apresentam a seguinte definição acerca das técnicas para a realização de pesquisas: “um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática”. Nesse estudo, o procedimento técnico utilizado volta-se para a pesquisa qualitativa que envolve a modalidade bibliográfica em diálogo com a análise documental, sendo que a coleta de

dados está fundamentada em documentos escritos e audiovisuais de fontes primárias. Em razão disso, entendemos que uma pesquisa passa por um ou mais métodos, técnicas e fases para a sua elaboração, pressupõe planejamento que caracterize suas ações teóricas e metodológicas, pautadas de racionalidade, coerência e objetividade.

A primeira fase deste estudo consistiu em um levantamento de artigos científicos publicados em alguns periódicos qualis (A). Seriam eles: a *Revista Brasileira de Educação, Educação & Realidade, E-compós, Educação & Sociedade* e *Revista Contemporânea de Educação*. Concedemos ênfase aos trabalhos que enfocavam a relação entre educação e cinema, reflexões produzidas entre os anos de 2008 e 2018. No processo do levantamento encontramos dezoito artigos nos critérios selecionados. Optamos pela análise textual de dez deles, visto que fundamentavam as referências desta pesquisa, apresentando discussões teóricas e metodológicas acerca da relação entre educação e o cinema.

Em um segundo momento, passamos para o levantamento de fontes bibliográficas que apresentassem reflexões a respeito da história, das teorias de cinema, suas relações com a educação e a formação audiovisual de professores. Durante esta investigação identificamos um número significativo de materiais relacionados às temáticas em estudo. A fim de fundamentar a discussão, examinamos e consideramos utilizar um conjunto de artigos, livros, dissertações, entrevistas, conferências e teses, especialmente a coletânea organizada por Fresquet (2015)[1] com vários textos de diferentes autores referente ao cinema nacional e a **Lei nº 13.006/14**.

Finalizados os levantamentos bibliográficos, com a devida análise e registro, começamos a pesquisar iniciativas de formação audiovisual ofertadas para graduandos de licenciaturas na interface da educação e o cinema no Brasil. Identificamos vinte e uma iniciativas na modalidade, como mostras, cursos de extensão, oficinas, cineclubes, minicursos e outros eventos realizados em universidades federais e estaduais pelo país. Na sequência, passamos a examinar, em detalhe, as iniciativas desenvolvidas entre os anos 2008 e 2018 nas cinco regiões do país.

Em seguida, buscamos, mediante a análise das iniciativas de formação audiovisual selecionadas para este estudo, compreender como a linguagem do cinema tem sido aproveitada. Em outras palavras, quais foram as abordagens propostas para sua utilização no ensino superior, na variedade de instituições educacionais públicas, suas

---

[1] Coletânea Organizada por Adriana Fresquet (2015) – **Cinema e educação: a lei 13.006 reflexões, perspectivas e propostas.**

regiões de inserção e atuação profissional. Cientes do debate interno da bibliografia especializada, procuramos identificar se as abordagens refletiam a perspectiva do cinema *comunicação/linguagem/ideologia*, seguindo de uma *análise estética e ideológica*, do *aluno/leitor e espectador/crítico* ou *do cinema arte "criação do novo*", com possibilidade de pontes de análise que são estabelecidas para que resultem na travessia e na criação, *colocando o aluno/leitor também na posição de autor/produtor de filmes.*

De acordo com Graeme Turner (1997) e Rosália Duarte (2002), o primeiro foco parece ser algo comum em sociedades audiovisuais, uma vez que a interpretação dos códigos das diferentes narrativas fílmicas é desenvolvida na maioria das vezes pela experiência e pelo diálogo com outros espectadores. Entretanto, convém conhecermos a gramática cinematográfica e sua complexidade, o sistema de significações produzido pelos especialistas, com o propósito da ampliação da capacidade de ver, pelo exame minucioso dos quadros, da evolução da narrativa, das técnicas utilizadas em sua produção, até obter o possível domínio do desenvolvimento do filme, proporcionando experiências prazerosas nas análises.

Por outro lado, na perspectiva do cinema compreendido como arte, na qualidade de manifestação cultural humana, repleta de significações, convém considerarmos também espaços de análise e criação nos ambientes educacionais, devido às possibilidades de experiências críticas e criativas que estes podem proporcionar aos estudantes na educação formal. Portanto, como sugerem Alain Bergala (2008) e Adriana Fresquet (2013), é fundamental observarmos os filmes em ambientes educacionais como manifestações artísticas que provocam, desestabilizam, oferecem uma janela para olhar o mundo, a si mesmo e aos outros, almejando o desenvolvimento de subjetividade, intelectualidade, sensibilidade, bem como possíveis transformações e projeções de futuro. Estas questões que por vezes sugerem tensionamento nesta interface, alimentam nossas reflexões a respeito da proposta de construção de uma disciplina para os cursos de Pedagogia e demais licenciaturas.

Para desenvolver estas ideias, no primeiro capítulo apresentamos um breve histórico a respeito da relação entre a educação e o cinema no Brasil, com início por volta do ano de 1920, período em que educadores passaram a identificar o potencial do cinema na educação e sua trajetória até a contemporaneidade. Expusemos as argumentações de diferentes estudiosos da interface educação e cinema no Brasil, o processo que envolve a carência de regulamentação da **Lei nº 13.006/14**, para a sua aplicabilidade e efetivação nos espaços educacionais. Findamos o primeiro capítulo com reflexões acerca do cinema

latino-americano, seus contextos socioculturais e econômicos plurais, a indústria cinematográfica produzida entre o final do século XX e o início do século XXI, algumas iniciativas entre a educação e o cinema, e as suas manifestações na esfera pública realizadas na região da América Latina. Isto é importante uma vez que é a cultura que os estudantes experimentam em seu cotidiano, pelo contato com os diferentes meios midiáticos, no entanto, ainda se mostra como uma prática cultural que necessita de aprimoramento nos ambientes educacionais.

No segundo capítulo descrevemos e analisamos dezenove[2] iniciativas teóricas e práticas realizadas entre os anos de 2008 e 2018, em cursos de extensão, cineclubes, oficinas, mostras e minicursos promovidos por diferentes universidades federais e estaduais, nas cinco regiões do país. Nosso objetivo voltou-se para a compreensão de quais foram os eixos norteadores da relação entre educação e cinema em andamento neste período, com uma perspectiva formativa.

No terceiro capítulo expusemos algumas possibilidades de abordagens entre a educação e o cinema, considerando os estudos de pesquisadores nacionais e internacionais e as suas contribuições para o desenvolvimento de diferentes procedimentos, problematizações e realizações a respeito da educação e do cinema no Brasil. Evidenciamos dados de pesquisas acadêmicas atuais acerca do processo que envolve a formação audiovisual docente, os desafios e os resultados que estas apresentaram, da mesma maneira nos atentamos para a discussão do cinema na qualidade de *comunicação e arte*. Lembramos neste capítulo a importância de sua recepção, análise e criação nos ambientes educacionais na perspectiva do *estudante espectador/crítico* e *autor/produtor*.

No quarto capítulo concedemos ênfase ao processo histórico que envolve a formação inicial e continuada de professores da educação superior e básica no Brasil, analisando os conceitos: *formação, docência e audiovisual,* ressaltando sua finalidade e atuação social. Discorremos acerca das problemáticas que permeiam o documento curricular em conformidade com a vertente didática e a institucional. Não obstante, enfatizamos as orientações relacionadas às questões didáticas, uma vez que nosso objetivo consiste na elaboração de uma disciplina que forme professores para as potencialidades do trabalho com audiovisual na educação.

---

[2] No processo investigativo selecionamos vinte e uma iniciativas de formação audiovisual para docentes, no entanto desprezamos duas delas durante a análise, visto que ambas faziam parte do sudeste e apresentava uma quantidade superior às demais iniciativas desenvolvidas nas outras regiões do país.

Concluímos este capítulo com a descrição dos objetos de ensino derivados do amplo leque de conhecimentos na interface da educação e o cinema, dos procedimentos e das referências teóricas do programa que desenvolvemos para a disciplina intitulada, por ora, **Educação e cinema: teorias, análise e perspectivas**. Nossa justificativa de pesquisa é a urgência de uma formação universitária que habilite docentes e discentes para um conhecimento acerca do audiovisual. Por isso, esta tese destaca o exemplo do cinema.

Capítulo I

1. Educação e cinema no Brasil: um breve histórico

Este capítulo apresenta um breve histórico da inserção do cinema na educação brasileira, as observações e as ações de educadores e governantes neste processo. Trata-se de recuperar uma discussão que ainda hoje imprime grande importância devido à presença do audiovisual no contexto cultural da nação. Aqui tentaremos recuperar o papel do cinema na qualidade de cultura de massa e agente social, uma mídia interativa com potencial educacional pelas trocas que estabelece com seus espectadores, uma cultura cotidiana que adultos e crianças experienciam em seu contato com os distintos meios midiáticos. Logo, necessitamos aprimorá-la nos espaços escolares.

Neste capítulo, refletimos ainda, acerca de argumentações de diferentes estudos na interface da educação e o cinema no Brasil, tal qual a regulamentação e a implementação da **Lei nº 13.006/14**. Foi necessário abordar, portanto, o processo legal que fundamenta a indústria cinematográfica em países da América Latina, no final do século XX e início do século XXI, suas produções, crises, incentivos públicos e privados. Por fim, expusemos iniciativas relacionadas à educação e ao cinema que foram desenvolvidas em países latino-americanos.

A relação entre a educação e o cinema no Brasil teve como marco inicial os anos de 1920, período em que produções cinematográficas foram identificadas por educadores como “um potencial educacional” e passaram a admitir a sua introdução nas escolas por intermédio de projetos educacionais. Esses fatos resultaram no avanço de estudos acerca das formas do uso de filmes nas escolas, permitindo aos intelectuais discutirem as possibilidades da criação de um cinema educativo.

A década de 1920, foi também um período que marcou a reforma na educação brasileira, uma vez que estava em pauta no cenário político-social ideias de construção de um país segundo a ótica da modernidade e do progresso. Foi nesse contexto que o pensamento da Educação Nova se institucionalizou, mais especificamente em 1924, mediante à Associação Brasileira de Educação que gerou uma série de reformas em diferentes Estados como São Paulo e o Rio de Janeiro, dentre outros.

As reformas educacionais desse período procuraram criar um programa de ensino integrado aos ideais de progresso articulado com o sistema econômico. Dentre

alguns estudos essenciais para esse modelo educacional, podemos citar o de Lourenço Filho, acerca da Introdução ao Estudo da Escola Nova, da mesma forma o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional, redigido por Fernando Azevedo e assinado por vinte e seis educadores. Foi nesse contexto que ocorreu o surgimento das bases ideológicas de utilização do cinema (filme) como "um sintoma e recurso da educação moderna". (FRANCO, 2004, p. 22).

No âmbito legal, foi promovida por Fernando Azevedo, no ano de 1928, uma reforma cujo objetivo era renovar o ensino. O Decreto nº 2.940, apresentou artigos que determinaram a função e o uso do cinema (filme) nas escolas. Franco (2004, p. 23) explica como seria desenvolvido esse processo: "o cinema será utilizado exclusivamente como instrumento da educação e como auxiliar do ensino que facilite a ação do mestre sem substituí-lo"; o cinema "será utilizado, sobretudo para o ensino científico, geográfico, histórico e artístico". Nesta perspectiva, o uso de filmes ocorreria em diferentes escolas, ou seja, no "ensino primário, normal, doméstico e profissional", sendo um instrumento a serviço da educação, com a perspectiva de auxiliar o conteúdo de disciplinas específicas.

No estado de São Paulo, a Diretoria Geral de Ensino, em 1931, foi responsável pelo desenvolvimento de uma atividade cinematográfica na educação, por intermédio de uma Comissão Especial realizou a "Semana do Cinema Educativo". Tratou-se de uma demonstração para professores e demais interessados de como seria o uso de filmes nas escolas e a utilização dos equipamentos necessários para as projeções disponíveis na época. Tal comissão passou a organizar também os espaços nas escolas para a exibição, a compra de aparelhos e películas, definir o controle da programação e o processo avaliativo das sessões, que seriam de teor recreativo e educacional.

No período que antecedeu ao governo de Getúlio Vargas, as principais ações na área educacional estavam sob a responsabilidade dos estados, porém Vargas modificou esse cenário quando programou um Sistema Nacional de Ensino e criou o Ministério da Educação e Saúde. Teve como Primeiro-Ministro Francisco Campos, substituído posteriormente por Gustavo Capanema, que realizou várias reformas nos níveis do ensino fundamental e ensino médio. O currículo passou a ser seriado, estabeleceu-se a presença obrigatória dos alunos nos ambientes educacionais e a conclusão do ensino médio tornou-se exigência para o ingresso no ensino superior.

Além disso, esse ministério incentivou o ensino profissionalizante, criou universidades, estabeleceu um sistema universitário nacional e o Serviço do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)[3], conforme o objetivo de "representar a identidade e a memória da nação". Dentre suas atribuições também ampliou a quantidade de bibliotecas públicas em vários estados do país, por intermédio do Instituto Nacional do Livro. Na mesma direção, o governo realizou algumas ações para regulamentar o cinema no Brasil. A primeira delas foi em 1932, período em que se estabeleceu a "obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais" em qualquer sessão regular de cinema. (Leite 2005, p. 39).

Em 1936, o governo de Getúlio Vargas organizou uma comissão responsável pela criação do INCE - Instituto Nacional de Cinema Educativo, e como projeto oficial o INCE foi regulamentado pela Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. O INCE tinha como responsabilidade promover, orientar e auxiliar o uso de filmes como um recurso para o ensino. O Instituto contou com orientações de Humberto Mauro, diretor de cinema nacional, mas esteve sob a direção de Roquette Pinto, responsável pela promoção de filmes como instrumento educativo.

Contudo, é importante lembrar que o cinema educativo brasileiro organizado pelo Estado foi um instrumento a serviço deste, com o propósito de produzir, exibir e centralizar ideais de uma filosofia nacionalista de governo. Apresentava traços do cinema fascista italiano, liderado por Mussolini, uma vez que o Estado exercia o papel de mentor e produtor desse tipo de cinema direcionado para a valorização do Estadista e seus feitos. Ou seja, atuava como um instrumento de propaganda ideológica governamental.

De igual modo, os filmes brasileiros produzidos nesse período e governo contribuíram para reforçar alguns mitos: a cordialidade do povo brasileiro, a miscigenação racial e a ideia de uma nação homogênea e harmônica. Esses são alguns dos argumentos que compunham a base ideológica do imaginário social construído pelo discurso político do Estado Novo.

> O cinema educativo atuou como um dos principais pilares de um projeto mais amplo, isto é, a tentativa de organizar a produção, o mercado exibidor e o importador e, concomitante, servir aos propósitos do Estado, notadamente a interação nacional, a centralização da ação governamental e a difusão da ideologia nacionalista. [...] A partir da revolução de 1930, a tendência de maior intervenção do Estado em todas as esferas se ampliou e alcançou a cultura. Tal ampliação se consolidou com a chegada do Estado Novo, em 1937. As

[3] Na atualidade é identificado como (Iphan) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.

> políticas do governo Vargas para as atividades cinematográficas nesse período foram condicionadas por uma via de mão dupla. Por um lado, o líder populista afirmou em diversas oportunidades a importância do filme que, na sua ótica, passou a ocupar no mundo contemporâneo o papel que o livro havia desempenhado no passado, princípio também defendido por Mussolini; por outro, os profissionais ligados à área que pleiteavam a presença mais ostensiva do Estado nesse campo. (LEITE, 2005, p. 38 - 39).

O INCE teve uma durabilidade de 30 anos, sendo produtor de vários filmes educativos em conformidade com a orientação governamental do Estado Novo. Não obstante, o período de existência e duração do Instituto Nacional de Cinema Educativo "deveu-se ao cumprimento discreto dos objetivos pedagógicos para os quais fora criado", dado que os filmes produzidos não estavam em conexão didática com os programas de ensino vigente.

Vale ressaltar que o contexto sociopolítico, econômico e a reforma educacional apresentavam contradições, visto que as décadas de 1920 e 1930 representaram o "palco da luta mais profunda entre o velho e o novo, no Brasil". Uma sociedade organizada "política e ideologicamente, pelo elitismo e pelo aristocratismo, as novas ideias de progresso geraram-se no próprio seio do tradicionalismo". (FRANCO, 2005, p. 28 e 29). Leite ainda acrescenta:

> A produção do INCE dividiu-se em filmes escolares de 16mm, mudos e sonoros, destinados a circular nas escolas e institutos de cultura, e filmes populares, de 35mm, encaminhados para o circuito das casas de exibição pública de todo o país. A produção foi intensa – até 1941, por exemplo, foram produzidos aproximadamente 200 filmes – e funcionou de forma ininterrupta por mais de 20 anos. Os filmes abordavam os temas mais variados desde aulas de geografia e história até documentação científica. Todas as atividades de produção, ou seja, filmagem em estúdio, revelação dos filmes, montagem, gravação de som e copiagem, foram desenvolvidas no próprio INCE. Assim, com a criação do instituto, o Estado passou a atuar na produção iniciando uma nova fase com o mercado cinematográfico brasileiro. Numa perspectiva mais ampla, seu funcionamento contribuiu para difundir duas ideias-força da propaganda político estadonovista: a) a centralização política e b) a integração nacional. (LEITE, 2005, p. 40).

Estes fatos foram fundamentais para as incoerências presentes entre a proposta do INCE e a centralização de uma reforma da educação nacional; convém mencionarmos que "todas as reformas ou modernizações do sistema de ensino sofreram com o excesso de matéria transplantada de outros sistemas para o nosso corpo educacional.

Outras medidas referentes ao cinema foram organizadas em governos posteriores a Getúlio Vargas, como ocorreu no Decreto nº 43, de 18 de novembro de 1966, período de governo do militar Castelo Branco. Esse governo passou a controlar as produções cinematográficas educacionais e comerciais, colocando a responsabilidade do Instituto Nacional do Cinema (INC) no desenvolvimento de produções e exibições de filmes. Os demais produtores, distribuidores e exibidores só poderiam atuar se possuíssem registro junto ao INC; esse fato limitou, reduziu a indústria cinematográfica e, consequentemente, as produções do cinema educativo.

Em uma breve análise das relações entre a educação e o cinema desde a década de 1960 até o final do século XX, no Brasil, precisamos destacar a influência e a função da TV educativa, que passou a exibir os filmes educacionais e se responsabilizou pela produção de novos filmes direcionados para o ensino. As filmotecas que colocaram à disposição de escolas filmes relacionados a conteúdos de diferentes disciplinas, caracterizaram-se pelo uso de novas tecnologias na produção e projeção de filmes e impulsionou o cinema na educação: entre eles, os cartuchos, a fita cassete e o Vídeo Home System (VHS). Outro fato significativo foi a disseminação de videoclubes, de vídeo locadoras e os DVDs que propagaram o uso de filmes tanto em forma doméstica como em salas de aula.

O acesso a produções cinematográficas na atualidade difundiu-se intensamente em virtude do uso televisivo na maioria das residências brasileiras, pela disseminação da internet e o desenvolvimento de novas tecnologias de informações por multimídia. Logo, o acesso e a veiculação de filmes passaram a ser disponibilizados por diferentes meios: as salas de cinema, os filmes em DVDs ou Blu-ray, a TV aberta ou por assinatura, os aplicativos para TV digital, os smartphones e tablets, os serviços de streaming como a Netflix, a Globoplay, o Star+, o Amazon Prime, a Disney+ e o HBO Max, são algumas das formas de aquisição e recepção de filmes pelos espectadores.

Neste cenário de ampliação e veiculação de mídias audiovisuais e multimídias na contemporaneidade, convém mencionar que vivemos em uma sociedade midiática, com intensa presença e atuação de informações, em que os meios de comunicação de massa constroem sistematicamente referências culturais. Dessa maneira, a influência das mídias, destacando aqui o cinema/filme na formação da personalidade de crianças, adolescentes e adultos, ocupa, hoje, amplo e inevitável espaço educacional na medida em que propõe conhecimentos, interações e experiências. Em síntese, um ativo agente construtor de imaginários.

José M. de Melo e Sandra P. Tosta (2008, p. 30 - 31) relatam que do ponto de vista etimológico a palavra “mídia” refere-se a um vocábulo latino: “*Media* é o plural de *médium.* No singular, significa ‘meio’, ‘veículo’, ‘canal’. [...] A mídia tem a ver com a indústria de bens simbólicos”. Ou seja, corresponde “a um sistema complexo de produção, circulação e consumo de bens culturais. Seu objetivo está orientado a fabricar artefatos que se materializam em palavras, sons, imagens, seja no plano real, seja no plano imaginário”. De igual modo, a mídia estabelece-se como “fonte de poder” na qualidade de produtora de uma indústria diversificada, que influencia as ideias e forma a opinião pública por meio dos diferentes conteúdos que veicula. A intensa atuação junto ao cotidiano dos espectadores designa-lhe um lugar de atenção e cuidados pedagógicos.

No contexto de atuação social das mídias, é importante refletirmos acerca da necessidade de leitura da cultura ideológica produzida por elas, uma vez que estas requerem identificação de algumas questões em específico. Em outras palavras, seus idealizadores utilizam estratégias na elaboração e veiculação de produtos moldados por conteúdos ideológicos, que são respaldados em um campo de batalhas de grupos sociais que defendem diferentes interesses e posicionamentos liberais, radicais ou conservadores. Nesse sentido, a cultura produzida pela mídia constitui-se em um campo amplo de estudo, imprescindível na sociedade para a compreensão de sua atuação e interferência na vida cotidiana. (KELLNER, 2001).

É plausível, observarmos ainda, a rotina digital presente na sociedade contemporânea, o chamado “mundo on-line”, aquele desenvolvido pelas redes sociais, seus contatos e pesquisas de informações, de igual modo o acesso a mídias como a Televisão e as suas telenovelas, séries e documentários, o cinema e sua diversidade de produções fílmicas. As mudanças sociais ocorridas com o decorrer do tempo trouxeram mudanças nos modos de existência, nas práticas cotidianas, logo, as relações nos ambientes educacionais também se transformaram. As experiências com os saberes, as trocas entre os indivíduos, as formas com as quais se inscrevem no social (escrita e fala), como pensam o mundo e a si próprios estão hoje no centro do debate educacional. (FISCHER, 2007).

Pedrinho A. Guareschi e Osvaldo Biz (2005, p. 38) agregam elementos para essa discussão ao declararem: “a mídia é o coração da sociedade de informação, sob cuja égide vivemos”. Sendo assim, ela constrói realidades; atribui valores; direciona as discussões presentes no cotidiano; concede sentido e dimensão em diferentes espaços e tempo. Da mesma forma, as mídias tradicionais ou interativas podem ser objetos a serviço

da educação, especialmente as audiovisuais, por sua importância na construção de conhecimento, uma vez que, as mídias são formas de mediação no processo de ensino e aprendizagem, apresentam representações acerca de diferentes questões presentes no planeta.

Portanto, em conformidade com as orientações de Setton (2010, p. 9), podemos afirmar que as mídias são: “agentes de comunicação, agentes de diálogo e da mediação com seus consumidores. São característicos do fenômeno midiático os atos de reciprocidade e da troca de mensagens, códigos e saberes”. Dessa forma, a utilização de mídias em práticas educacionais tem por escopo: “exprimir uma ideia, um conteúdo, tem a intenção de transmitir, divulgar conhecimentos, habilidades e competências.” (SETTON, 2010, p. 9).

Na inclusão de materiais midiáticos nas discussões acerca de didática e prática de ensino, sugerimos análises específicas para os produtos audiovisuais envoltos em discursividade, complexas relações, “verdades” veiculadas, lutas, jogos, modos de sujeição e subjetivação. Isto posto, ressaltamos que o objetivo desta tese é sublinhar o “caráter de onipresença” desses meios nas experiências contemporâneas, suas características de produção, veiculação e consumo, os materiais, os sujeitos produtores, os usuários dessas mídias e os modos de aprender os fatos da cultura, direcionados ou mediados por um educador em seu cotidiano escolar. (FISCHER, 2007).

Por conseguinte, são necessárias reflexões na educação e na formação de professores a respeito das diferentes mídias audiovisuais, em especial o cinema, sua influência social e sua importância na qualidade de objeto artístico-cultural nos ambientes educacionais. Nesse contexto, também assumem destaque estudos voltados para as dimensões interpretativas das imagens presentes nos diferentes discursos midiáticos. Reflexões acerca da indústria cultural, da mediação escolar e o cinema como prática social apontam para a urgência de mais estudos e incentivos para a formação audiovisual de professores, coordenadores, diretores e supervisores de ensino.

1.1. Lei 13.006/14: o cinema nacional na educação básica

Texto oficial publicado no Diário da União no dia 27 de junho de 2014.

> LEI Nº 13.006, DE 26 DE JUNHO DE 2014
> Acrescenta 8º_ ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

> A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
> Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:
> Art. 1º_ O art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de1996, passa a vigorar acrescido do seguinte:
> "Art.
> 26…….....
> ..…….....
> A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais". (NR)
> Art. 2º_ Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.
> Brasília, 26 de junho de 2014; 193º da Independência e 126º da República.
> DILMA ROUSSEFF
> José Henrique Paim Fernandes
> Marta Suplicy

Tendo como referência a **Lei nº 13.006/14**, apresentada acima, é plausível considerarmos algumas análises e perspectivas relacionadas a sua regulamentação, aplicabilidade e efetivação nos ambientes educacionais. Para tanto, observaremos alguns estudos na interface da educação e o cinema pelo país.

Isto posto, passaremos às discussões propostas pelos autores Adriana Fresquet, coordenadora do Laboratório de Educação Cinema e audiovisual da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Cezar Migliorin coordenador do Laboratório Kumã de Pesquisa Experimentação em Imagem e Som na Universidade Federal Fluminense. Fresquet e Migliorin (2015) fazem uma trajetória analítica acerca das potencialidades e das fragilidades na obrigatoriedade de filmes nacionais na educação básica, a respeito do texto da **Lei nº13.006/14,** e da entrevista[4] feita em 2012 com o senador Cristovam Buarque, seu idealizador, no período de análise e debates do **Projeto de Lei nº 185/08**, que resultou na lei em discussão.

Na introdução do texto **da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14**, Fresquet e Migliorin (2015) apresentam três premissas que ratificam a importância das relações entre a educação e o cinema e a sua recepção nos ambientes educacionais:

1ª – o cinema intensifica as invenções de mundo pelas questões culturais presentes nos filmes e por apresentar diferentes estéticas que possibilitam experiências que despertam ou ampliam a sensibilidade dos estudantes.

2ª – o cinema precisa estar na escola por ser um ambiente de reflexão de como vemos o mundo que nos cerca, sem deixar de ser um desafio para os educadores em sua utilização como objeto didático e pedagógico.

---

[4] A entrevista foi apresentada no IV Fórum da Rede Kino: Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual, ocorrido na 7ª Mostra de Cinema de Ouro Preto – (CineOP/2012).

3ª – é preciso cultivar a relação dos alunos com os filmes, imagens e sons para um desenvolvimento intelectual e sensível destes.

No corpo do referido texto relatam algumas considerações relacionadas à Lei em estudo, são elas:

1ª – Democratizar o acesso

- O cinema nacional ao alcance de todos na escola: alunos, professores e comunidade, os filmes precisam transitar pela comunidade, transformando todos em espectadores, como sujeitos que possam ter "experiências subjetivas", e a possibilidade de desenvolvimento de "consciência crítica" e "criativa";
- A Lei cria possibilidades de discussão com filmes que vão além da estética de mercado;
- A escola é o espaço polo para o "audiovisual na comunidade", e espaço coletivo de "contemplação, intelectualização e sensibilização com as obras cinematográficas".

2ª – Acesso, diversidade e capilaridade de decisões

- Fazem algumas indagações sobre a regulamentação da Lei: como efetivar a prática do cinema na escola? Como trazer a comunidade escolar para a efetivação da Lei?
- Descentralizar o processo de seleção de filmes e aguçar o critério educativo para essa seleção, evitando que tudo o que seja produzido gire indiscriminadamente nas escolas, e que esta seleção priorize questões de imagens e estéticas, diferentes das quais os alunos estão convencionados a ver no seu cotidiano televisivo;
- Sobre a sua regulamentação a Lei diz pouco.

3ª – Valorizar as ações existentes e locais

- Compreendem a Lei como uma "ação desesperada", no sentido de tornar obrigatório a relação educação e cinema (audiovisual nacional), gerando duplo sentido: de hiper crença no cinema e descrença nas práticas dos professores, visto que retira destes profissionais a opção de utilizar o cinema nos espaços escolares por escolha própria;
- Ressaltam a necessidade de valorização das políticas locais já existentes em secretarias, universidades e escolas acerca da educação e o cinema. Logo, a regulamentação desta Lei não pode substituir as ações existentes, mas estimulá-las, como um direito à arte e às experiências sensíveis que esta possa proporcionar.

4ª – O cinema deve ser arriscado

- Chamam a atenção para o uso dos filmes na escola, entendem o cinema como arte (belo), mas também como feio e perturbador, ou seja, uma análise de variados e diferentes filmes em estética e temáticas que possibilitem criar uma "postura crítica e questionadora" que resulte em conhecimento.

5ª – Cinema é conhecimento e invenção do mundo

- Fazem uma reflexão acerca do papel da escola pública na atualidade, na qualidade de "esvaziamento de sentido", visto que ideologicamente a formação escolar está voltada para o mercado e o sucesso pessoal;
- Observam o "uso de filmes" em projetos escolares com ênfase no conteúdo. Logo, salientam a necessidade de ir além desta premissa para que os alunos possam "alargar o conhecimento de si e do mundo", por intermédio da "pedagogia de sua criação". Observam também a análise do conteúdo e a linguagem utilizados nos filmes no momento de sua elaboração e do estímulo no processo de criação/produção de imagens e filmes pelos alunos.

6ª – A escola não forma consumidores

- No processo de regulamentação da referida Lei, recomendam a necessidade de cuidados na utilização do cinema nacional nos espaços escolares, para não se cair no discurso do consumo.

7ª – Tensão na estrutura das escolas

- Problematizam as condições físicas das escolas para a exibição de filmes com qualidade de som, imagem, acústica e conforto para os espectadores. Nessa perspectiva, esta Lei pode conseguir bons resultados em algumas escolas, porém em outras não.

8ª – Por que cinema nacional?

- Declaram que essa escolha pelo cinema nacional foi apenas um recorte sem intencionalidade de formação, de abordagens bem elaboradas e definidas no texto da Lei.

9ª – Promover a criação de imagens e 10ª – As experiências com o cinema

- Faz-se necessário despertar a sensibilidade em ver e ler imagens em movimento, construir conhecimento por intermédio da análise e da produção de filmes, logo, é imprescindível incentivar os alunos de diferentes idades em processo de formação a serem produtores de algumas imagens e vídeos. Nesse processo,

construir experiências próprias de “emancipação intelectual”, em suas formas de ver e entender o mundo e as possibilidades de mudanças mediante experiências com o cinema de maneira estética e subjetiva.

O segundo texto selecionado, **Novos desafios frente à Lei 13.006/14**, de autoria de Antônio Carlos Amâncio (2015), Coordenador do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense. Esse apresenta uma análise com reflexões positivas, indica ausências e melhorias na implementação e na regulamentação da referida lei. Logo, destaca os seguintes aspectos:

- A determinação legal expande os horizontes da regulação do setor (produtor-distribuidor-exibidor);
- Valoriza a iniciativa legal sobre o cinema nacional na educação, visto que este tem pouco reconhecimento no país;
- Ressalta a importância concedida à formação do público jovem entendido como “força motriz” para a sustentabilidade do setor;
- Essa legislação retoma a Medida Provisória nº 2.228-1/01, que dispõe sobre as obras realizadas com recursos públicos ou renúncia fiscal, ou seja, após dez anos de sua primeira exibição comercial as produções poderão ser exibidas em estabelecimentos de ensino, no entanto, carece de regulamentação;
- Expressa a necessidade de regulamentação da Lei para a exibição de filmes nas escolas e questiona a ausência de outras manifestações audiovisuais que estão presentes no cotidiano dos jovens;
- A exibição de filmes nacionais nas escolas pode propiciar aos alunos o autorreconhecimento de sua cultura local, de diferentes hábitos culturais e a formação de plateia;
- Enfatiza que o cinema não pode ser introduzido em ambientes escolares conforme o discurso “salvacionista” no processo ensino e aprendizagem. No entanto, precisa centrar a relação entre educador-educando-filme nacional para fomentar e incentivar hábitos culturais;
- A importância da regulamentação da exibição de filmes nas escolas: preservação, acesso, difusão e os direitos autorais;
- Acesso dos alunos a um repertório de imagens, leitura de mundo, letramento, interpretação de textos audiovisuais e a sensibilização do olhar;

- Incentivo e formação de professores para atuarem com textos audiovisuais carregados de “proposições estéticas e políticas”, para serem pensados no processo de ensino e aprendizagem, além dos “reflexos de conteúdos” a serem problematizados;
- A promoção de espaços adequados nas escolas para as projeções cinematográficas.

> A Lei 13.006/14 é um passo, entre muitos, que pode operar mudanças e transformações no cenário educacional. Porém, essa iniciativa sozinha não resultará em mudanças de hábitos ou formação cultural, se não for cuidadosamente implementada. Devemos estar atentos à prática de exibição de filmes nacionais em sala de aula que, sem a devida problematização, perdem potência política. O repertório deve ser expansivo, a fim de contemplar também toda uma produção comunitária, popular e alternativa. Novas práticas devem ser incorporadas ao espaço escolar visando ao compromisso com a formação humana e, nessa perspectiva, a filmografia produzida nacionalmente deve ser constantemente revisitada e pesquisada a fim de abarcar múltiplas experiências. Não há apenas uma forma de se fazer ou pensar o cinema nacional. Todo esse cuidado, resultado de uma formação continuada, deve fazer parte das preocupações do educador audiovisual, sensibilizado a pensar propostas de cinema e/na educação para os seus futuros parceiros: diretores, coordenadores e professores das redes educacionais. Dessa forma, a Lei 13.006/14 representa um esforço de normatização; o educador audiovisual se apresenta como o processo, a mediação cultural fundamental para uma educação transformadora. (AMÂNCIO, 2015, p. 30).

O terceiro texto selecionado para esta discussão, **E se eu assistir a duas horas de filme brasileiro por mês na escola?** De autoria de Jane Pinheiro, professora de Artes Visuais, Fotografia, Cinema e Vídeo no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, faz uma breve reflexão acerca das implicações da implementação e regulamentação da **Lei nº 13.006/14** nos espaços escolares. Inicia suas discussões com a seguintes afirmativas: essa Lei “pode ser pensada de muitas maneiras”, porém “representa um avanço”. No entanto, necessita de regulamentação:

- Que filmes serão exibidos?
- Organização dos espaços físicos nas escolas para a exibição de filmes em manutenção, equipamentos e suporte técnico;
- Como será o acesso aos filmes para exibição?
- É necessário pensar e incentivar a diversidade “poética, temática e estética” das produções cinematográficas nacionais nas escolas (curta, média e longas-metragens);
- Quem fará as escolhas dos filmes e quais são os critérios de seleção?

- Formação para os professores da educação básica acerca do uso de filmes nas escolas que priorize pela relação forma/conteúdo.

> Temos uma Lei que torna obrigatória a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica do nosso país. Pensamos que isso representa um avanço, que aporta inúmeros desafios. Temos clareza de que uma Lei, por si só, não garante nada. [...] A Lei 13.006 é mais um desafio para nós que desejamos uma educação de qualidade no país. Porque não podemos assistir a quaisquer filmes, de qualquer forma, para que a Lei alcance seus objetivos. Temos um longo caminho pela frente. (PINHEIRO, 2015, p. 79).

O último texto selecionado para esta análise, **Á luz da lei**, de autoria de Maria Carmen Barbosa, Maria Angelica Santos e Angelene Lazzareti (2015), professoras responsáveis pelo Programa de Alfabetização Audiovisual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresenta algumas reflexões relativas à criação e à implementação da **Lei nº 13.006/14**. As autoras iniciam o texto afirmando que esta iniciativa legal é uma "conquista importantíssima para professores, cineastas, pesquisadores e governantes interessados na interseção entre o cinema e a escola, a cultura e a educação", na sequência passam a destacar as "controvérsias" criadas pela lei, dentre elas "a exigência de conteúdo nacional e a obrigatoriedade de exibição".

Nesta perspectiva, fazem uma breve abordagem histórica das relações entre a educação e o cinema, ressaltando como marco dessa trajetória o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) criado no governo de Getúlio Vargas. Enfatizam que a iniciativa legal vigente permitirá que ações já praticadas nesse eixo possam ser intensificadas, gerar discussões abrangentes em cenário nacional, reunir educadores, estudantes, cineastas, produtores e demais interessados em apontar novos questionamentos, traçar objetivos, reconhecer as potencialidades de uma formação cultural ativa e consciente para os sujeitos envolvidos no trabalho de produção e recepção do audiovisual nos espaços escolares.

As pesquisadoras ressaltam a necessidade de formação dos professores a respeito do uso de filmes nacionais e os diferentes materiais do audiovisual nas escolas, uma formação teórica e prática que reconheça o potencial estético, ético, artístico e as representações pautadas nos filmes. Uma iniciativa que resulte em ações e interações nos espaços escolares que possibilite ampliar o conhecimento, a sensibilidade e a alfabetização do olhar.

As referidas autoras ainda apontam a relevância em dinamizar "produções nacionais para crianças e jovens", em diversidade de gêneros, estilos e autores. Além de

proporem um acervo audiovisual regulamentado à semelhança do Programa Nacional do Livro Didático, solicitam ações junto ao Ministério da Educação e Cultura que priorizem a garantia de ambientes escolares de qualidade, reservados para tal ação. Finalizam as suas discussões argumentando que a questão central dessa legislação consiste em permitir aos alunos "contatos com obras fundamentais para o entendimento da cultura brasileira". Contudo, entre os fatos controversos presentes no texto da lei em estudo está o sentido de obrigatoriedade e as implicações que esta possa apresentar em sua execução.

> Resta-nos acreditar na busca consensual, construída pelo trabalho constante de formação docente, aliada a uma busca constante de melhoria nas condições de exibição e apoiada num amplo e rico repertório de cinema nacional de fácil acesso às escolas, para professores e alunos. Resta-nos acreditar no pacto social que possa, cada vez mais, emergir da obrigatoriedade o prazer e o interesse, e da pluralidade de experiências audiovisuais a construção de um público exigente e interativo. (BARBOSA; SANTOS; LAZZARETI, 2015, p. 38).

1.2. Considerações a respeito da Lei nº 13.006/14

Pelas discussões elencadas pelos professores e pesquisadores na interface da educação e o cinema em diferentes estados do país e suas considerações acerca da aprovação, da aplicabilidade e da regulamentação da **Lei nº 13.006/14**, foi possível verificar que estes reconhecem a importância do cinema nos ambientes educacionais na qualidade de objeto artístico-cultural, didático e pedagógico. Com ênfase no processo do ensino e aprendizagem, apostam na formação de sensibilidade, educação do olhar, leitura de textos audiovisuais, consciência crítica, criativa. Consideram que este aprendizado proporciona conhecimento de diferentes propensões estéticas, poéticas, políticas e as representações presentes nos filmes.

Os pesquisadores identificam também a necessidade de regulamentação do uso dos filmes, seu processo de seleção, a manutenção de ambientes educacionais adequados com equipamentos e suportes técnicos, além do envolvimento da comunidade educacional para a sua execução e adequação. Sobretudo, lembram a importância da formação audiovisual para professores da educação básica, especialmente acerca do cinema e sua recepção ao observarem os aspectos temáticos, estéticos e ideológicos, em razão da natureza representativa do cinema, uma vez que os filmes são portadores de linguagem específica.

Tais reflexões consideram ainda a aplicabilidade dela como um desafio para a comunidade educacional, assim sendo, recomendam a formação audiovisual para

supervisores, diretores e coordenadores da educação básica a respeito do cinema e sua relevância na educação. Nesse sentido, é plausível considerarmos que a formação audiovisual se faz imprescindível, dado que ideais pejorativos ainda permeiam os ambientes educacionais a respeito do uso de filmes, que são identificados como entretenimento ou engambelação de aula ou quando recomendado como objeto didático e pedagógico, ressalta-se seu teor temático ou ilustrativo.

Dessa forma, reiteram a necessidade da presença de outros materiais de produção audiovisual nos ambientes educacionais, pleiteando uma formação docente para trabalhar com a diversidade desse audiovisual que permeia a realidade do público de crianças e adolescentes que compõe a maioria dos estudantes da educação básica. O papel do professor seria o de mediador entre os filmes em análise e as atividades propostas para os alunos. Conviria aos alunos serem espectadores, leitores, produtores de imagens, vídeos ou filmes de curta-metragem, entre outras possibilidades, mediante seu desenvolvimento e os objetivos definidos no processo ensino e aprendizagem.

Os autores Fresquet e Migliorin (2015), Amâncio (2015), Pinheiro (2015), Barbosa, Santos e Lazzareti (2015), não apresentam contradições e divergências em suas reflexões a respeito da **Lei nº 13.006/14**. É possível afirmar que suas discussões são complementares, uma vez que identificam os aspectos positivos, as necessidades de melhoria, a regulamentação e a aplicabilidade da lei em questão. No entanto, a indagação fundamental destes pauta-se, dentre os vários argumentos já apresentados para a utilização do cinema/filmes, em especial o nacional nos ambientes educacionais, no empenho para a ampliação do conhecimento a respeito dos diferentes aspectos da cultura brasileira, das técnicas e da linguagem cinematográfica.

Após identificarmos as qualidades e a necessidade de regulamentação da referida lei, faz-se imprescindível analisarmos o processo de elaboração dela, que ocorreu de maneira vertical, ou seja, de cima para baixo, sem debate prévio com os professores e os demais profissionais da área educacional. Tal proposição não apresentou sugestões ou cursos de formação para a atuação com o audiovisual nos espaços escolares, mais especificamente as características cinematográficas e suas instâncias de atuação social, seja na qualidade de arte, comunicação ou indústria cultural e as experiências que os filmes poderiam proporcionar aos estudantes em seu processo de formação.

> Insisto em que o uso do cinema com fins pedagógicos exige que se conheça pelo menos um pouco de história e teoria do cinema. Filmes não são decalques ou ilustrações para “acoplarmos” aos textos escritos nem, muito menos, um

> recurso que utilizamos quando não podemos ou não queremos dar aula. Narrativas fílmicas falam, descrevem, formam e informam. Para fazer uso delas é preciso saber como elas fazem isso. (DUARTE, 2002, p. 95).

Estamos argumentando a respeito de um país abrangente em seu território, diferentes contextos locais e regionais em aspectos culturais e econômicos, falta de infraestrutura para a recepção, a exibição e a criação de filmes em muitos ambientes educacionais, da fundamentação teórica para orientar a prática diária e, sobretudo, quais os objetivos definidos pela lei. Seria a ampliação do repertório cultural dos alunos? As formas de ver e fazer cinema? Ou formar um público cativo[5], consumidores de cultura de massa com fins econômicos? O professor e pesquisador de Cinema e Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Cristiano Rodrigues, expõe suas contribuições a respeito da lei em análise:

> A ideia é exatamente essa: formar público. Mas nisso, há também um pequeno incômodo, pois mira o nosso cinema de uma perspectiva muito "comercial" demais. No entanto, além de pensar em formar público apenas, a iniciativa pública deveria pensar também em formar pessoas. É necessário formar pessoas que se emocionam no cinema, mais diretores de arte, preparadores de elenco, técnicos de áudio e fotógrafos. [...] Seria ótimo não precisar da lei para fomentar o consumo de filmes nacionais, mas nessa conjuntura é fundamental ter o nosso cinema participando na educação de nossas crianças e adolescentes. Só assim o audiovisual brasileiro terá encontros com seu público e poderá crescer em volume de obras, diversificação de temas, formatos e gêneros, além de aprimoramento artístico, técnico e criativo. (RODRIGUES, 2016).

Reconhecemos que a lei se faz importante para pensarmos o cinema nacional na educação, muitas vezes desvalorizado, especialmente quando comparado às produções hollywoodianas na atualidade, visto por muitos como entretenimento ou pouco reflexivo do ponto de vista estético e temático.[6] Nesse sentido, a lei tem intensificado

---

[5] O senador Cristovam Buarque (PDT-DF), autor do projeto (PLS 185/2008), posteriormente **Lei nº 13.006/14**, defende a ideia de que o cinema é a arte mais fácil para ser levada às escolas e acredita que esses alunos poderão adquirir o hábito de frequentar as salas de cinema. "A única forma de dar liberdade à indústria cinematográfica é criar uma massa de cinéfilos que invadam nossos cinemas, dando uma economia de escala à manutenção da indústria cinematográfica. Isso só acontecerá quando conseguirmos criar uma geração com gosto pelo cinema, e o único caminho é a escola", disse Buarque no dia 5 de junho de 2014, quando a proposta foi aprovada pelo Senado e enviada para sanção presidencial. Disponível em: https://culturaemercado.com.br/publicada-lei-que-torna-cinema-nacional-obrigatorio-das-escolas/

[6] Professor Cristiano Rodrigues, pesquisador de Cinema e Educação da UFJF, fala sobre a **Lei nº 13.006/14**, que formaliza o cinema nacional na escola – Qualquer forma de arte, comunicação e expressão só se completa no encontro com o seu outro, ou seja, o público, as pessoas. No caso do audiovisual, nossa produção televisiva – e agora a internet – não tem ruídos e sinapses nessa comunicação: ela é direta, precisa e eficiente. Os brasileiros são muito "imagéticos". Porém, com o nosso cinema a história é outra, os filmes têm muita dificuldade de chegar até as pessoas e assim criam "lendas" do tipo: "O cinema brasileiro é muito chato", "o som do cinema brasileiro é ruim" e/ou "o Brasil não sabe fazer musical". Disponível em: https://impulsohub.com.br/cinema-na-escola/

debates, gerado grupos de estudo, discussões variadas e pertinentes para os campos da educação e o cinema, além de termos estudos significativos em diferentes projetos e escolas pelo país por intermédio de iniciativas universitárias anteriores à sanção da **Lei nº 13.006/14**. Lembramos alguns deles:

- Educação, Docência e Cinema (Grupo Mutum), coordenado pela professora Inês Teixeira (UFMG);
- Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual (Cinead), coordenado pela professora Adriana Fresquet (UFRJ);
- Laboratório de Estudos Audiovisuais (Olho), coordenado pelo professor Carlos Eduardo Albuquerque Miranda (FE/Unicamp/SP);
- Laboratório Kumã, mediante coordenação do professor Cezar Migliorin (UFF);
- Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (Lápis), coordenado pelo professor Henrique Luiz Pereira Oliveira (UFSC);
- Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia (Grupem), coordenado pela professora Rosália Duarte (PUC/RIO), entre outros.

Contudo, a lei apresenta lacunas que precisam ser sanadas: por que a presença do cinema nacional nas escolas? Quais filmes selecionar? Quais metodologias utilizar? Quais as possíveis relações com os projetos pedagógicos das escolas e a organização curricular? Essas lacunas desfavorecem a viabilização da lei que se apresenta inicialmente como imposição, sendo mais uma demanda para as escolas em defesa de interesses específicos. Salientamos, ainda, a carência de incentivos para a sua efetivação, a empolgação de cineastas pela ampliação no mercado cinematográfico nacional, e que, após a promulgação da **Lei nº 13.415/17**, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura curricular do ensino médio, a **Lei nº 13.006/14** não sofreu alterações, ou seja, não foi oficialmente regulamentada.

1.3. Cinema e indústria na América Latina

Em conformidade com Martín-Barbero (1997), reconhecemos que a América Latina se constitui como uma região de “debate e combate”, por sua construção histórico-social mediante a dominação europeia, a mestiçagem, os tempos e as culturas, até os efeitos da reorganização imperialista no início do século XX, direcionados por fragmentação e dispersão. Contudo, a concepção de modernização ocorrida por volta do ano de 1930 assentou-se nos ideais de adaptação econômica e cultural, experimentando

um processo de nacionalismo na região caracterizado pela massificação. Ou seja, uma cultura de massa que passou a ser desenvolvida e disseminada pelo rádio e o cinema, assegurando os fundamentos sociais defendidos pelo Estado vigente em suas diretrizes populistas de organização político-social.

Na década de 1960, a América Latina vivência novas mudanças econômicas e políticas: a concepção de desenvolvimento prevalece pelo crescimento industrial e a ampliação do mercado interno. No cenário político houve a ascensão de regimes ditatoriais que se manteve até os anos de 1980, modificando o papel do Estado que abandona suas diretrizes democráticas e direciona-se para a vigilância e a repressão. Nesse contexto, o processo de massificação desenvolvido pelos meios midiáticos vigentes a serviço do Estado volta-se para o controle das massas em um processo de homogeneização. Além do rádio e do cinema, a televisão começa a fazer parte desse cenário social como um instrumento a mais e contributivo para a manutenção do *status quo*.

Durante a década de 1980 a região latino-americana passa pelo advento da inserção de novas tecnologias midiáticas, começa a evidenciar algumas formas de ruptura com a homogeneização cultural, da mesma forma que procura valorizar as identidades culturais diversas. No entanto, permanece no discurso produzido pelas novas tecnologias procedimentos de manipulação social conveniente aos distintos grupos organizadores desses meios midiáticos com intervenção na formação cultural da população. Na contemporaneidade, os meios midiáticos e as suas mediações apresentam discursos fundamentados em ideologias sociais diversas, em contextos plurais de atuação e inserção, portanto, difundindo um processo midiático híbrido, principalmente no campo cinematográfico.

Nesta perspectiva, discorrer sobre o cinema latino-americano é delimitar um abrangente território com cinematografias diversas, afinidades culturais, linguísticas, históricas, projetos nacionais, defasagem industriais e produtivas, mercados, políticas, legislações e incentivos, ou seja, contextos socioculturais e econômicos plurais. Entretanto, nos atentaremos para uma breve abordagem a respeito da indústria cinematográfica produzida nessa região, entre o final do século XX e o início do século XXI. Observaremos, também, algumas iniciativas entre a educação e o cinema, e as suas manifestações na esfera pública.

Entre os anos de 1930 e 2000 foram produzidos 12.500 filmes na América Latina: 45% no México, 25% no Brasil e 20% na Argentina, ou seja, 90% da produção

cinematográfica concentrou-se nesses três países, e 10% em mais de 20 países. Essas produções ocorreram como resultado de investimento em estúdios de som e filmagem em laboratórios cinematográficos com projetos de produções integrais, aptos a desenvolverem roteiros, fabricação e comercialização, possuindo academias de artes cinematográficas, festivais locais ou internacionais e publicações. (GETINO, 2007).

No período de 1960 – 1990, Cuba teve uma produção constante e sistemática em estúdios próprios, laboratórios, grupo técnico e artístico. As indústrias brasileira e argentina de cinemas deixaram de existir por algumas décadas, com estúdios desfeitos que passaram a dar espaço à produção televisiva ou publicitária. No Brasil o surgimento da Rede Globo (1965); na Argentina o Clarín, a telefónica (1990) e a Walt Disney Company América Latina; no México a Televisa (1973) e a TV Azteca (1993) passaram a produzir filmes sob coprodução de fundos estatais locais ou estrangeiros. Na ocasião receberam influência do cinema norte-americano, atores e narrativas em estilo televisivo, meios técnicos de qualidade equivalente e arrecadação em torno de 70%.

As atividades audiovisuais publicitárias, suportes de vídeo, documentários, vídeos domésticos e curtas-metragens também foram desenvolvidos em outros países da América Latina, observando as possibilidades e as características peculiares de cada um deles. Além da programação disponível na TV aberta, despontava os serviços por assinatura. Em países com um mercado cinematográfico fluente, alguns autores e diretores tornaram-se produtores, financiadores de seus projetos respaldados por acordos governamentais, resultando em: produções independentes, escolas e festivais de cinema, ampliação de mercado produtivo, reconhecimento e prestígio internacional.

As carências políticas em incentivo às produções audiovisuais tanto pelo setor público, quanto pelo privado, geraram um isolamento de vários autores-produtores que se desvincularam de seus países para buscar apoio internacional. Outro fator relevante para o incentivo cinematográfico na América Latina permeou o território da concorrência de grandes financiadoras, com potencial econômico e domínio dos recursos de telecomunicação e informática, tais empresas intensificaram o audiovisual com novas tecnologias no setor e reduziram a sobrevivência de pequenas empresas com dificuldades e limitações no mercado da comercialização internacional.

No final do século XX e início do século XXI, as produções de filmes na América Latina avançaram de forma significativa. Porém, um fator específico impulsionou essas trajetórias: na Colômbia, a **Lei nº 814/03**, apresenta as normas para o fomento da atividade cinematográfica ao estabelecer benefícios fiscais e criar um fundo

para o desenvolvimento cinematográfico; em 2004, no Chile, é aprovada a **Lei nº 19.981**, acerca do fomento para o cinema e o audiovisual, que associada a outras normativas e organismos estatais impulsionaram a produção, a qualidade dos filmes e o intercâmbio com outros países; na Venezuela, a Lei de Cinematografia Nacional foi reformulada em 2005, regulamentando o cinema estrangeiro no país, estimulando a produção e o consumo nacional. (IZCUE, 2007).

Em 2006, no Equador foi sancionada uma lei sobre o cinema que incentivou a atividade produtiva e sustentável. No Uruguai, o Programa Ibermedia[7] estimulou a qualidade nas produções, gestão e cineastas em suas experiências produtivas e organismos de cinema. O país também é amparado pela **Lei nº 18.284**, (Instituto do Cinema e do Audiovisual do Uruguai), publicada em 2008. No México, entre os anos 2000 e 2004, 54% dos filmes de longas-metragens produzidos receberam apoio estatal, com ocorrência de produções independentes ou coprodução com o Estado que somaram 46%. Nesse período, alguns filmes obtiveram êxito em bilheterias e temáticas: **Amores perros** (Alejandro Gonzáles Iñárritu, 2000), **Y tu mamá también** (Afonso Cuarón, 2001), **El crimen del padre Amaro** (Carlos Carrera, 2002) e **21 gramos** (Alejandro Gonzáles Iñárritu, 2003), dentre outros. (GETINO, 2007).

As produções cinematográficas na Argentina têm seu destaque em ressurgimento, baixos custos e qualidade, desde a década de 1990, por diferentes fatores. Dentre eles destacamos os financiamentos europeus, as campanhas do Instituto Nacional de Artes Cinematográficas e Audiovisuais em espaços de exibição, legislação com apoio a cineastas independentes e 'autores industriais'. O apoio governamental por intermédio do **Decreto nº 1.248/01**, que passou a regulamentar o fomento das atividades cinematográficas nacionais, e o INCAA que faz parte do Ministério da Cultura da

---

[7] O Ibermedia é um programa de incentivo à coprodução de filmes de ficção e documentários realizados na comunidade integrada por vinte e um países: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Itália, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Puerto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Sua missão é trabalhar para a criação de um espaço audiovisual ibero-americano através de apoios financeiros e concursos abertos a todos os produtores de cinema independentes dos países-membros da América Latina, Espanha, Portugal e a Itália recentemente incorporada. Promove a excelência do cinema na comunidade, contribui para a realização de projetos audiovisuais dirigidos ao mercado, incentiva a integração das empresas produtoras em redes para facilitar as coproduções e apoia a formação contínua dos profissionais da produção e gestão empresarial audiovisual através de oficinas, bolsas ou seminários, estimulando a colaboração solidária e a utilização de novas tecnologias. Desde que o projeto Ibermedia surgiu em 1997, foram lançadas 29 convocatórias, que permitiram apoiar 948 projetos de coprodução, contribuíram para a exibição de 298 filmes e concederam 2.842 bolsas de formação em todos os países da comunidade.
Disponível em: https://www.programaibermedia.com/el-programa/

Argentina, foram responsáveis pela regulação e promoção do cinema nacional em seu território e no exterior. (FALICOV, 2007).

Apesar das incertezas geradas pela crise econômica e política vivenciada pela Argentina, no ano de 2001, a indústria cinematográfica conseguiu avançar com a restauração do INCAA, o retorno de financiamentos e a motivação das expressões artísticas. Logo, "é notável o fato de a Argentina ter produzido 67 filmes em 2003, 54 filmes em 2004 e 65 em 2005". O Programa Ibermedia também contribui nesse processo com subsídios para o desenvolvimento da atividade cinematográfica no país, entre os filmes produzidos no período estão: **Kamchatka** (Marcelo Piñeyro, 2002), **Irmãs/Hermanas** (Julia Solomonoff, 2002) e **Família Rodante** (Pablo Trapero, 2004). Outras fontes de financiamento foram importantes e benéficas para a Argentina. (RECAM, 2006).

O cinema argentino passou por diferentes fases desde o início das atividades no país, até a atualidade. Seriam elas: os primeiros filmes nacionais; a chegada do cinema sonoro; o cinema clássico; o primeiro novo cinema argentino; o cinema da pós-ditadura; o segundo novo cinema argentino; o cinema independente argentino; e o novo cinema argentino de gênero. Cada fase com características peculiares que marcaram períodos, cineastas, críticas, bilheterias, indicações e premiações: **A História Oficial** (Luís Adalberto Puezo, 1985), **Tango** (Carlos Saura, 1998), **O segredo de seus olhos** (Juan José Campanella, 2009), **Carancho** (Pablo Trapero, 2010), **Relatos selvagens** (Damián Szifron, 2015), entre outros.

Em 2004, iniciativas dos organismos cinematográficos do Mercosul enunciaram a prática de atividades que objetivavam desenvolver a integração cinematográfica da América Latina. Para tanto, criaram uma secretaria em Montevidéu responsável por questões técnicas, porém cada país teria seu aporte de funcionamento específico. Nesse sistema de informação a respeito do cinema latino-americano, a reunião especializada de autoridades cinematográficas e audiovisuais do Mercosul e estados associados (RECAM) criaram o Observatório Mercosur Audiovisual (OMA), que possibilitou avanços na integração industrial e cultural do cinema na América Latina.

> O Mercado Del Film Mercosur (MFM) é uma iniciativa com vistas a abordar comercialmente, em princípio, os mercados da Ásia e da Europa e o mercado interno. Segue a mesma linha do Mercosul: a exportação. Está constituído, em princípio, como um espaço de comercialização de projetos audiovisuais. Não contempla a concessão de subvenções a esses projetos. O apoio dos governos latino-americanos ao MFM é fundamental para consolidar essa iniciativa

> exportadora e evitar que se converta em uma célula isolada dentro do empreendimento de integração que a América Latina se propôs. (VILLAZANA, 2007, p. 191 - 192).

No Brasil, a partir da década de 1990, os filmes estão agrupados em torno do cinema de retomada. Ou seja, a ideia de retomada está vinculada à interrupção da produção cinematográfica realizada no governo do presidente Fernando Collor de Melo (1990 - 1992), pelo fechamento da Embrafilme que patrocinava, distribuía e assegurava a exibição das produções cinematográficas nacionais. O referido governo também extinguiu o Conselho Nacional de Cinema (órgão gestor do cinema brasileiro criado em 1976) e fundos resultantes da receita de filmes estrangeiros no Brasil, além do Ministério da Cultura ter sido rebaixado para secretaria, atos que representaram uma desvalorização pelos bens culturais do país, um período de crise que se instaurou na proteção, na produção e na exibição do cinema nacional.

O governo Itamar Franco que substituiu Collor de Mello, aprimorou as leis de incentivo à cultura: fortaleceu a Lei Roaunet, incentivou a produção de filmes nacionais, reestabeleceu o Ministério da Cultura, promulgou a **Lei do Audiovisual nº 8.685**, em 20 de julho de 1993, incentivando a produção e a distribuição de filmes. Os governos posteriores também contribuíram politicamente para o avanço do mercado cinematográfico nacional: no ano 2000 houve a criação do Grupo Executivo de Desenvolvimento do Cinema (GEDIC), com o objetivo de elaborar um planejamento para estruturar a indústria cinematográfica nacional; já no ano 2001 ocorreu a edição da **Medida Provisória nº 2.228**, que criou a Agência Nacional do Cinema (ANCINE)[8] responsável pelo fomento, regulação e a fiscalização do mercado do cinema e do audiovisual no Brasil.

Medidas tomadas pelo Congresso Brasileiro de Cinema e outras esferas do poder público, não restritas ao âmbito federal, também proporcionaram o

---

[8] É uma autarquia especial, vinculada ao Ministério do Turismo, com sede e foro no Distrito Federal, Escritório Central no Rio de Janeiro e escritório regional em São Paulo. É administrada por uma diretoria colegiada aprovada pelo Senado e composta por um diretor-presidente e três diretores, todos com mandatos fixos, aos quais se subordinam cinco Superintendências: Análise de Mercado, Desenvolvimento Econômico, Fiscalização, Fomento e Registro, além das Secretarias Executiva, de Gestão Interna e de Políticas de Financiamento. Atualmente enfrenta o desafio de aprimorar seus instrumentos regulatórios, atuando em todos os elos da cadeia produtiva do setor, incentivando o investimento privado, para que mais produtos audiovisuais nacionais e independentes sejam vistos por um número cada vez maior de brasileiros. Disponível em: https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/ancine/apresentacao

desenvolvimento da indústria nacional. Neste escopo desenvolvem-se novos polos de produção, ampliação no número de espectadores e salas de cinema, bilheterias e as arrecadações promissoras. No entanto, o cinema do período ainda estava sob o controle de produtoras norte-americanas e da estética hollywoodiana, assim, "na era da retomada, é perceptível o fato de que o mercado cinematográfico se encontra ocupado pelo capital internacional de maneira vertical, ou seja, na distribuição, na produção e na exibição". (GATTI, 2007, p. 112).

Fica evidente que a atuação do Estado em incentivos e legislações contribuíram para o avanço de produções cinematográficas, salas de cinema, arrecadações e espectadores em diferentes países da América Latina. Porém, não podemos desconsiderar o papel importante da iniciativa privada como financiadora e incentivadora das produções cinematográficas na região.

> O principal mérito dos recursos oriundos das leis de incentivo foi o fato de que eles foram os responsáveis pela reativação da produção de filmes. Tanto que, entre 1994 e 1999, foram produzidos 116 longas-metragens, 80 documentários e um grande número de curtas no país, com investimentos de US$ 332 milhões em produção e comercialização. Tomando-se como exemplo o período de 1995 – 2002, de acordo com o relatório da Secretaria do Audiovisual, do Ministério da Cultura (SDAv/MinC), foram apoiados 1.199 filmes, sendo 190 longas de ficção, 669 curtas-metragens e 340 documentários, não especificados quanto a duração. (GATTI, 2007, p. 120).

No cenário cinematográfico brasileiro contemporâneo destaca-se a Globo Filmes, que foi criada em 1998, uma empresa conceituada no segmento do audiovisual, em recursos, bilheterias, produções e coproduções de entretenimento direcionado para variados públicos e faixas etárias. A Globo Filmes exerce certa hegemonia no mercado nacional, da mesma forma que busca por mais espaço no meio internacional e fortalece a indústria audiovisual brasileira, atuando em parceria com outras produtoras independentes nacionais, distribuidoras nacionais e internacionais.

Podemos citar alguns filmes produzidos pela Globo com recursos próprios e patrocínios: O **Auto da Compadecida** (Guel Arraes, 2000), **Caramuru**, **a invenção do Brasil** (Guel Arraes, 2001) e **A Grande Família** (Maurício Farias, 2007). Coproduções com destaque internacional: **Carandiru** (Héctor Babenco, 2003), **Olga** (Jayme Monjardim, 2004), **Tropa de Elite 2** (José Padilha, 2010), **Aquarius (**Kleber Mendonça Filho, 2016), entre outros.

Nesse contexto, despontam produções independentes, coproduções comerciais e experimentais, numa variedade de propostas estéticas, culturais e temáticas,

pelos diferentes estados e regiões do país, fato que se evidenciou por meio dos filmes: **O Que é Isso Companheiro?** (Bruno Barreto,1997), **Central do Brasil** (Walter Salles, 1998), **Cidade de Deus** (Fernando Meirelles, 2002), **O Menino e o Mundo** (Alê Abreu, 2013), **Que Horas Ela Volta?** (Anna Muylaert, 2015) e **Bacurau** (Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019). Essas produções, dentre outros filmes, obtiveram reconhecimento de público e crítica no país e no exterior, atestando a sua vitalidade.

Convém destacarmos os desafios que estão surgindo e os aperfeiçoamentos que o cinema procura realizar na atualidade, em razão das inovações tecnológicas na indústria digital. Estas despontam a cada dia modificando os contextos socioculturais em diferentes regiões do planeta e, consequentemente, atingindo o cinema, sua produção e mercados culturais. Os avanços tecnológicos e a convergência de diferentes mídias sugerem desafios, oportunidades e criatividade, uma vez que a conectividade faz parte do estilo de vida em sociedade, sendo tecnicamente possível produzir filmes com qualidade, custos reduzidos e viabilizado em diferentes suportes de difusão.

Portanto, observamos que a indústria cinematográfica procura se adequar ao contexto socioeconômico contemporâneo, suas possibilidades de produção e as variadas formas de difusão tais como a TV por assinatura, os DVDs, uma vasta seleção de filmes em diversas plataformas, a TV digital aberta, os aplicativos para celulares e tabletes, e os serviços de streaming. O cinema avança inexoravelmente em suas produções e inovações: imagens, temáticas, técnicas e sons que proporcionam aos espectadores diferentes formas de ver e pensar o mundo que os rodeia, especialmente o cinema latino-americano que, desde a segunda metade do século XX, assumiu um caráter nacionalista, procurando retratar assuntos regionais com estilos próprios e distanciar-se do padrão hollywoodiano.

1.4. Educação e cinema na América Latina

Para discutirmos a relação entre educação e cinema na América Latina, faz-se necessário observarmos as iniciativas realizadas por alguns países de forma independente ou viabilizadas em ações conjuntas.

Nesta perspectiva, identificamos que uma dessas iniciativas é a Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual (Rede Kino), que foi criada em uma reunião na Faculdade de Educação da UFMG, em Belo Horizonte no ano de 2009,

por professoras universitárias[9] idealizadoras de projetos diversos na interface da educação e o cinema. Uma das ações iniciais da Rede Kino foi procurar parcerias com projetos conjuntos na área, para tanto, participaram desse processo de criação e fortalecimento dessa iniciativa: grupos de professores, pesquisadores, produtores, estudantes e representantes de organizações do âmbito do cinema e do audiovisual.

Desde a sua criação até a atualidade, seus participantes em diferentes estados pelo país têm desenvolvido fóruns, circuitos, mostras, encontros nacionais, internacionais, atividades de pesquisa, ensino e extensão que resultaram em parcerias entre diferentes países da América Latina. São ações que procuram contribuir em questões relativas à articulação entre o cinema e a educação, entre elas: formulação de políticas públicas[10]; produção artística e formação humana; formação de professores e o exercício da docência; estimular produções audiovisuais em espaços educativos e colaborar com a educação estética audiovisual.

Evidenciamos, também, uma parceria promissora que se estabeleceu entre o Brasil e alguns países da América Latina, mais especificamente com a Bolívia, o Chile e a Argentina, é o Projeto de Extensão **Cinema**, **Educação e Direitos Humanos: Inventar com Diferença** (vinculado à Rede Kino). Foi organizado pelos professores doutores Cezar Migliorin, Isaac Pipano e Luiz Garcia da Universidade Federal Fluminense – (UFF/Niterói/RJ), com primeira edição no ano de 2014, mediante à coordenação de Migliorin, professor de Cinema e membro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e uma equipe de professores colaboradores.

Com proporção nacional, o projeto atuou em todos os estados do país, tendo como participantes e colaboradores Universidades e Institutos Federais, ONGs,

---

9 Inês Teixeira (Faculdade de Educação/UFMG), Rosália Duarte (PPGE/PUC-Rio), Milene Gusmão (Curso de Cinema da Uesb), Adriana Fresquet (PPGE/UFRJ), Bete Bullara e Marialva Monteiro (Cineduc-RJ).

10Em 2015, os integrantes da Rede KINO, presentes na 10ª Mostra de Cinema de Ouro Preto – (CineOP), reunidos no VII Fórum da Temática Educação, manifestaram-se, através da "Carta de Ouro Preto 2015", sobre a promulgação da Lei nº 13.006, sancionada em 26 de julho de 2014. Entendemos que a nova lei, ainda a ser regulamentada, incorre em um conjunto de ações de órgãos públicos, instituições e autoridades representantes da sociedade civil, responsáveis pela criação, implementação e fortalecimento das políticas públicas da educação e do cinema brasileiro e, indica que sejam ouvidas atentamente as demandas daqueles que também ocupam as salas de aula, as coordenações pedagógicas, as universidades, as direções escolares e também os cineastas, cineclubistas, produtores e agentes do setor. A partir destes princípios a Rede KINO se coloca então no debate público para o fomento de discussão, ideias e experiências para o trabalho educacional com o cinema nacional na escola. Coerente com a sua criação e com sua forma de funcionamento a Rede Kino publicou em 2015, na 10ª Mostra de Cinema de Ouro Preto – CineOP, a obra "Cinema e Educação: a Lei nº 13.006" que apresenta um conjunto de 20 reflexões e propostas teórico-metodológicas sistematizadas por 40 profissionais de diferentes grupos de pesquisa das universidades brasileiras, professores da educação básica, cineclubistas, que vem trabalhando na interface do cinema e educação. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/eventos/mostrakino/paginas/redekino.html

Escolas Estaduais e Municipais, por intermédio de um grupo de coordenadores, mediadores regionais e locais com formação em audiovisual (cinema), educação, direitos humanos e demais áreas que pudessem integrar as temáticas básicas do projeto. Seu objetivo foi oferecer formação e acompanhamento a educadores de escolas públicas de todo o país, para a realização de trabalhos audiovisuais com estudantes em torno da temática do Cinema e dos Direitos Humanos, durante o primeiro semestre de 2014.

Compreendemos que as ações do projeto estiveram fundamentadas na concepção de cinema como experiência sensível, que possibilitaram aos estudantes o desenvolvimento do audiovisual, sendo reconhecida como uma atividade reflexiva e inventiva do cotidiano, que potencializa a dimensão crítica em relação ao mundo e as imagens que os cercam. Logo, seus idealizadores concebem o cinema na educação como um objeto artístico-cultural, didático e pedagógico, que valoriza os filmes como experiência inventiva, estética e ética de mundo.

A metodologia inicial consistiu na produção de imagens e sons entre os participantes, com circulação deles em seus meios sociais para proporcionar discussões ativas acerca do material que produziram. Caracteriza-se como uma metodologia democrática que reuniu experiências e propostas práticas de atividades com o audiovisual na educação, uma forma para pensar o cinema e os direitos humanos em ambientes educacionais com recursos simples, de maneira espontânea e criativa. Foi providenciado um material pedagógico impresso a respeito dos fundamentos do projeto, com acesso disponibilizado na página da instituição que viabilizou seu alcance e utilização.

O objetivo geral das ações procurou incentivar a percepção de si e do outro, a singularidade do olhar para as diferenças e para as possíveis fragilidades existentes nas comunidades de inserção. Portanto, ressaltamos que os resultados desta primeira edição voltaram-se para a produção de 1.400 vídeos, com propostas e discussões relacionadas a temática dos direitos humanos, proporcionou experiências para a continuidade do projeto e para a ampliação de repertório, permitindo o estímulo à adesão e ao envolvimento de um maior número de professores, o que consolidou parcerias pelo país, permanecendo em andamento na atualidade.[11]

No ano de 2017, Pipano e Migliorin estiveram na Bolívia em palestras e oficinas para apresentar o referido projeto, **Cinema**, **Educação e Direitos Humanos: Inventar com Diferença** para professores e alunos do ensino superior. O público-alvo

---

[11] Disponível em: https://www.inventarcomadiferenca.com.br/

foi composto por educadores da rede pública, de diferentes áreas do conhecimento e estudantes de licenciatura interessados na formação em cinema, produzir tecnologias e propor metodologias que pudessem unir a educação e o cinema.

Tal iniciativa figura como parceria com o Ministério da Educação da Bolívia, incentivada pela equipe de Formação Artística de Direção Geral de Educação Superior Técnica, Tecnológica, Linguística e Artística, em cooperação com a Embaixada Brasileira. Após essa ação conjunta, já existe um grupo de educadores bolivianos aplicando de forma independente a metodologia desenvolvida pelo projeto brasileiro da Universidade Federal Fluminense.

Outro programa relevante acerca de estudos entre a educação e o cinema e suas relações com o Brasil é o **Cineduca** (Unidade Acadêmica de Pedagogia Audiovisual), um programa de formação audiovisual do Conselho de Formação em Educação da Administração Nacional de Educação Pública do Uruguai (ANEP), em atividade desde o ano de 2009, direcionado para professores e estudantes dos Centros de Formação Docente no país. É composto por uma coordenação central com trinta e três coordenadores audiovisuais nos Centros de Formação Docente no Uruguaio, objetivando promover o desenvolvimento da cultura e a formação da linguagem audiovisual para os docentes e os estudantes da Educação Básica em seu país.

O **Cineduca** compreende a linguagem audiovisual não apenas como objeto de ensino, mas como discurso sócio-histórico, assim, promove projetos de realização audiovisual com estudantes e professores, esses incentivam a alfabetização audiovisual por intermédio do cinema e das novas mídias. Também desenvolvem oficinas sobre: a realização de roteiros, a iluminação, a fotografia, a edição e a produção de filmes que estão disponíveis em seu canal no YouTube[12]. Por fim, observamos que o **Cineduca** elabora e produz materiais audiovisuais de apoio ao ensino, às atividades de extensão e pesquisas dos Institutos e Centros de Formação em Educação pelo país, com realização de uma feira anual quando são exibidos os diferentes produtos feitos por seus estudantes.

Percebemos que em seu conjunto de ações se constitui frequente as participações e as contribuições de seus membros em diferentes eventos pelo Brasil. Exemplo disso é a palestra da professora Cecilia Etcheverry, **sobre relatos das experiências do Uruguai no uso do audiovisual na educação**, realizada em maio de 2017, no I Encontro Estadual de Audiovisual e Educação pela Universidade Estadual do

[12] Disponível em: https://www.youtube.com/user/cineduca.

Paraná (Unespar – *campus* de Curitiba/PR), mediado pela organização e coordenação da professora do curso de Cinema e Audiovisual, Solange Straube Stecz (coordenadora da Rede Kino). Também houve participação de membros do **Cineduca** na **13º CINEOP (Mostra de Cinema de Ouro Preto)**, ocorrida em junho de 2018, com reflexões pela salvaguarda do patrimônio audiovisual brasileiro em diálogo com a educação e intercâmbio com o mundo, entre outros eventos nacionais.

Na Argentina, identificamos que desde o ano de 2016, as relações entre a educação e o cinema se pautaram pela organização do programa a **"Escola Vai Ao Cinema"**, uma iniciativa pública de inclusão no Currículo da Educação Primária ou Educación General Básica (1º ao 6º ano), feita em parceria com a França, a exemplo do programa "Collège au Cinéma" (um acordo entre o presidente francês, François Hollande, durante visita à Argentina). O objetivo foi levar inicialmente estudantes de sete das vinte e quatro províncias argentinas às salas de cinema para verem filmes nacionais de forma gratuita para que pudessem assistir e analisar filmes na qualidade de arte, com aulas sobre a história e a crítica da produção cinematográfica do país, conforme o propósito de valorização e compreensão das obras e seu contexto.

Uma parceria com o INCAA (Instituto Nacional de Cinema e Artes Audiovisuais), da agência de filme CNC da França e do Instituto Francês, o programa objetiva aproximar o cinema do público infantil, estimular a audiências nos cinemas locais e incentivar o mercado de filmes argentino. O projeto recebeu aprovação popular como disciplina obrigatória nas escolas primárias argentinas e de profissionais da área, outro fato significativo está no desenvolvimento e na criatividade que o contato constante com a sétima arte pode proporcionar as crianças e aos adolescentes: ver e fazer cinema.

A Diretoria de Projetos Especiais (DPE) pertencente à Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), incentivadora da educação pública, tem criado políticas de melhorias em materiais, equipamentos, recursos didáticos, dentre outras ações que viabilizam a qualidade do ensino no estado de São Paulo. Uma de suas iniciativas voltada para a educação e o cinema consiste no projeto **o Cinema vai à Escola – o uso da Linguagem Cinematográfica na Educação**. Constatamos que este foi iniciado no ano de 2008, implantado pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo como parte do Programa Cultura é Currículo, respaldado por um conjunto de materiais composto inicialmente por quatro cadernos, alguns roteiros e caixas de filmes selecionados para serem analisados com os estudantes do Ensino Médio.

Os Cadernos de Cinema do Professor *um, quatro e cinco*, apresentam vários filmes de diferentes temáticas, gêneros, época e nacionalidades, cada um deles é composto por: fichas técnicas, sinopses, algumas curiosidades, as possíveis áreas curriculares para sua utilização e as metodologias de abordagem, preferencialmente com ações interdisciplinares. O Caderno de Cinema do Professor *dois* apresenta discussões bibliográficas a respeito do cinema como experiência artístico-cultural e fundamentos teóricos acerca dos procedimentos metodológicos para a utilização de filmes nos ambientes educacionais. O Caderno de Cinema do Professor *três* contém algumas entrevistas com cineastas como: Walter Lima Jr., Anselmo Duarte e Eduardo Coutinho; diretores como Carlos Magalhães e críticos de cinema como Inácio Araújo.

Pelo que foi exposto acerca do material descrito anteriormente, compreendemos que seu objetivo visa contribuir para a formação dos estudantes de maneira crítica e reflexiva, ampliando seu repertório cultural, favorecendo contatos com produções cinematográficas diversas em temática, temporalidades, estéticas e nacionalidades repletas de possibilidades para a educação do olhar. Esta é uma perspectiva de análise voltada para a formação do estudante espectador crítico, mediada pelos professores sob a ótica do cinema na qualidade de comunicação e arte.[13]

Por fim, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA[14] criada pela **Lei nº12.189**, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva

---

[13] **Projeto "O Cinema vai à Escola" – o uso da Linguagem Cinematográfica na Educação**. Disponível em: http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/cinema/Cinema.aspx?menu=13;projeto=3
Objetivos do projeto: Favorecer o acesso de educandos e educadores do Ensino Médio das escolas estaduais do Estado de São Paulo à produção cinematográfica de diferentes categorias e gêneros, com apoio de material para a prática educativa. Que o aluno possa: conhecer a linguagem cinematográfica como mais um elemento constitutivo de sua formação; analisar produções cinematográficas, estabelecendo o diálogo entre a narrativa do cinema, os conhecimentos adquiridos ao longo da escolaridade básica e os demais conhecimentos; incorporar a arte do cinema ao seu repertório cultural, ampliando, assim, sua potencialidade no exercício de uma postura crítica e reflexiva na vida e no trabalho. **Justificativa:** Na contemporaneidade, é importante que a Educação Escolar ofereça aos alunos oportunidades de conhecer e aprender por meio de uma das principais linguagens da atualidade: a linguagem cinematográfica. Seu uso, como prática educativa, facilita significativamente o diálogo entre os conteúdos curriculares e os conhecimentos mais gerais. Por intermédio da leitura e análise de imagens e de ferramentas utilizadas pelo cinema, o trabalho com essa linguagem, entre outros aspectos, contribui para o desenvolvimento da compreensão crítica do mundo e das novas tecnologias, tendo em vista os benefícios que proporciona à formação do aluno. A cada exibição cinematográfica, novos olhares, sensações e experiências se renovam e se fortalecem e ainda podem gerar reflexões que se prolongam por toda a vida. Os universos reais e fictícios projetados na tela simulam contextos e cenários que retratam valores individuais e coletivos, que poderão ser discutidos e ampliados por meio do debate com a comunidade escolar. Com sua expressiva versatilidade, a linguagem cinematográfica compreende, além de um corpo de conhecimento notável, mecanismo de interfaces com outras linguagens, dialogando com várias expressões: o teatro, a dança, a música e as artes visuais.

[14] Sua proposta institucional é a de formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul (Mercosul). A vocação da UNILA é o intercâmbio acadêmico e a cooperação solidária com países integrantes do Mercosul e com os demais países

no dia 12 de janeiro de 2010, é um órgão de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná. A Universidade iniciou suas atividades acadêmicas no dia 16 de agosto do referido ano, mediada pelo objetivo de integração latino-americana, logo, passou a selecionar alunos oriundos do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, subdivididos inicialmente em seis cursos de graduação.

É uma universidade de caráter internacional, na qual parte dos seus estudantes e professores tem cidadania brasileira e parte é originária de outros países. Como instituição bilíngue, adotou os conceitos de multiculturalismo e interdisciplinaridade para o desenvolvimento de seu projeto pedagógico. Tem como prioridade a formação de profissionais e pesquisadores comprometidos com o desenvolvimento econômico, social, cultural e político da América Latina e do Caribe, por meio da interatividade entre as diferentes áreas de conhecimento acadêmico, fortalecendo a vocação plurinacional e integradora da instituição.

Dentre os cursos de sua grade curricular está a graduação em Cinema e Audiovisual, com sede no Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH), junto com os cursos de Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana; História – Licenciatura; História – América Latina; Letras, Artes e Mediação Cultural; Letras – Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras; e Música. O curso de Cinema e Audiovisual objetiva cooperar, tanto nacional como internacionalmente, com o campo cinematográfico e audiovisual latino-americano e apresenta conteúdos inovadores, atividades de promoção, intercâmbio de conhecimento e práticas especializadas. Nessa perspectiva, sua criação o coloca como uma área estratégica para as políticas públicas na região, para a expansão do conhecimento e para a inclusão social e digital.

> O curso aborda, em sua matriz curricular, pilares para o desenvolvimento de pesquisas em cinema e audiovisual, para os estudos de diferentes setores e fases da realização audiovisual como a produção, a realização, a distribuição, a pós-produção, a exibição, a preservação, a economia do audiovisual e para as políticas públicas voltadas para a produção audiovisual. Além disso, possibilita a capacitação técnica e estética com sólida formação cultural e interdisciplinar nas disciplinas formadoras em cinema e audiovisual na forma interativa com a cultura, as artes e as sociedades. O curso contempla os processos e modelos de intermidialidade, as relações dialógicas e as influências recíprocas entre os produtos audiovisuais, as artes e os meios de comunicação, como as literaturas, a televisão e a internet. O estímulo ao conhecimento das

---

da América Latina. Os cursos oferecidos são em áreas de interesse mútuo dos países da América Latina, sobretudo dos membros do Mercosul, em áreas consideradas estratégicas para o desenvolvimento e a integração regionais. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/institucional

> múltiplas diversidades das produções audiovisuais (artísticas, culturais, ideológicas, tecnológicas, políticas etc.) se faz presente, com isso aspira conscientizar o aluno a respeito das particularidades locais e regionais da realização audiovisual latino-americana a fim de elaborar inovadoras alternativas de realização, produção e pesquisa. A estrutura interdisciplinar do curso relaciona os processos e produtos cinematográficos e audiovisuais a variados fenômenos artísticos, antropológicos, musicais, sociais e culturais da América Latina e do Caribe. Esta particular convergência de conhecimentos e práticas objetiva fomentar a criatividade na elaboração de produtos e formatos audiovisuais e promove a pesquisa de cinema como fenômeno cultural com profundas implicações na cultura. (2018)[15].

É plausível mencionarmos as contribuições do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA na formação continuada de professores da educação básica, das Secretarias de Educação Estadual e Municipal na cidade de Foz do Iguaçu. Uma parceria com o Núcleo Regional de Ensino da região Oeste do Paraná, em cidades vizinhas como: Toledo e Assis Chateaubriand, nos anos de 2017 e 2018, mediado pela coordenação das professoras Virginia Osório Flores e Kira Santos Pereira. Tal empreendimento é assessorado por estudantes da graduação, propondo uma formação inicial para os professores da disciplina de Artes e posteriormente estendida aos profissionais de outras disciplinas como um curso de extensão.

> Com o objetivo de proporcionar uma formação em cinema para os professores e fomentar o fazer cinematográfico aos alunos das escolas públicas do estado, o curso Formação para professores de Arte: Cinema na escola, proposto pelo Núcleo Regional de Educação de Toledo e ofertado pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana, curso de Cinema e Audiovisual do Instituto Latino Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH) foi uma importante parceria para o NRE Toledo, através do qual professores da disciplina de Arte, tiveram a oportunidade de estudo, experiência e formação em cinema. A Formação para professores de Arte: Cinema na escola, oferecida pela UNILA teve início no ano de 2017, com a formação de duas turmas, e, no ano de 2018, mais duas turmas. Ao longo deste processo, os docentes da referida instituição compartilharam saberes, experiências, conhecimento, vivências e diferentes meios de produção audiovisual, diferentes formas de pensar, ver, ler, reelaborar, aprender e criar em cinema. Nestes dois anos de parceria com a Universidade Federal da Integração Latino-Americana quatro turmas de Professores de Arte da Rede Pública Estadual, tiveram acesso a formação de 32 horas em cinema. No segundo semestre deste ano, ampliou a formação para Professores de Arte do NRE de Assis Chateaubriand. (2018)[16].

---

[15] **Projeto Pedagógico do Curso de Cinema e Audiovisual –** Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA.
Disponível em: https://portal.unila.edu.br/graduacao/cinemaeaudiovisual/arquivos/PPCCinema.pdf

[16] **Curso – Formação para Professores de Arte: Cinema na Escola.** Disponível em: http://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=15245

Em janeiro do presente ano, observamos que mais uma iniciativa de formação continuada para professores da educação básica, na cidade de Foz do Iguaçu/PR, foi ofertada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, por intermédio do curso de graduação em Cinema e Audiovisual, de forma gratuita e on-line. O **Curso de Storyboard e Maquete: Imersão em Processo Criativo** foi ministrado pela professora Emmanuelle Vaccarini, este curso integrou o projeto de extensão Cinema na Escola com o intuito de formação para professores, em atividades virtuais ocorridas entre os dias 21 e 28 de janeiro.

> O programa abrange o estudo de elementos visuais, a análise de obras audiovisuais e a contextualização e a seleção de referências. No plano prático, está prevista a produção de storyboard e maquetes pelos participantes. A partir de um roteiro predefinido, as histórias contadas em filmes, animações e séries foram visualmente pensadas pelo Departamento de Arte, responsável pela composição imagética de uma obra. Portanto, os desenhos das cenas, o que chamamos de storyboard, cenários, figurinos, objetos, cabelo e maquiagem fazem parte dessa estrutura e são indispensáveis em uma produção audiovisual. No cotidiano da sala de aula, podemos trabalhar esses elementos a partir de ilustrações de textos e confecção de maquetes, que podem resultar em animação stopmotion, feita em app de celular. Um exercício de experimentação criativa que busca referenciais teóricos e práticos em diferentes obras, artistas e movimentos da história da arte. (2021)[17].

Para concluir, salientamos que a Rede do Universo Audiovisual da Infância Latino-americana (Rede UNIAL) é uma iniciativa cubana, fundada em 1986 como parte das atividades do Festival Internacional do Novo Cinema Latino-americano, sendo oficializada no ano de 1991. Seu processo inicial contou com a participação de um grupo de investigadores e promotores culturais para uma reunião acerca da investigação social aplicada à comunicação com foco na infância. Essas discussões resultaram na iniciação de crianças em filmagens cinematográficas, em espaços formais e alternativos, na valorização de espaços de formação e do papel do agente formador, que pode ser um adulto, jovem ou outra criança que já tenha feito parte de um espaço desta natureza.

Nessa perspectiva, percebemos que a Rede UNIAL desenvolve um projeto de educação audiovisual que tem como fundamento o respeito à criatividade, à liberdade e à expressividade das crianças e jovens, e de suas identificações com valores que lhes são próprios. Mantém vínculos de cooperação com instituições acadêmicas, centros de pesquisa, entidades internacionais, organismos estatais, produtoras de cinema, de

---

[17] **Curso de cinema para professoras(es) recebe inscrição em Foz**. Disponível em: https://www.appfoz.com.br/curso-de-cinema-para-professorases-recebe-inscricao-em-foz/

televisão e organizações não governamentais em diferentes países, entre europeus, americanos, asiáticos e africanos.

A rede UNIAL[18] trabalha conjuntamente com entidades, tais como: a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF); a Organização Pan-americana da Saúde (OPS); o Centro Internacional de Filmes para a Infância e para a Juventude (CIFEJ); a Fundação Prix Jeunesse Internacional; o comKids, entre outras. Os vínculos estabelecidos durante os intercâmbios e anos de trabalho constante proporcionaram à Rede UNIAL um acúmulo de projetos, tanto nacionais como internacionais, acerca de diversas perspectivas da comunicação. Em 2013, a rede passou a viabilizar a proposta de criação de uma Plataforma Audiovisual Latino-americana para a Infância e a Adolescência, em quatro linhas fundamentais:

> 1) Festivais para crianças e adolescentes.
> 2) Experiências de educação para a comunicação em espaços comunitários e escolares, como parte de um processo de participação ativa de comunicação das nossas crianças e adolescentes.
> 3) Produção audiovisual para meninos, meninas e adolescentes na América Latina e no Caribe.
> 4) Pesquisa e à docência da Educação para a Comunicação como uma alternativa de visualização de suas potencialidades (SANABRIA[19], 2013).

A proposta coletiva da criação dessa plataforma almejou uma ampliação de redes e de projetos comuns, para agregarem ideias múltiplas e novas aprendizagens. Uma das parcerias realizada com o Brasil ocorreu no ano de 2014, em um evento intitulado **Educação e Cinema além das fronteiras: diálogos entre Brasil e Cuba**, organizado pelo Grupo de Pesquisas sobre Docência, Educação e Cinema (Mutum) e o Grupo de Pesquisas acerca das Condição e Formação Docente Mais (Prodoc), promovido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) intitulado: **o Uso do Cinema como Ferramenta Educativa**.

Na ocasião, o evento reuniu educadores, profissionais e pesquisadores da área da educação e o cinema que analisaram projetos do Brasil e de Cuba. Contou com a participação da professora Eileen Herrera, da Rede do Universo Audiovisual da Infância Latino-americana (UNIAL) que realizou a Palestra: **a Rede UNIAL: história e deveres** e a sessão comentada do filme **Suíte Havana** (2003), dirigido por Fernando Pérez.

---

[18] Disponível em: https://comkids.com.br/plataforma-unial/

[19] Eileen Sanabria é a atual coordenadora da Rede do Universo Audiovisual da Infância Latino-americana (UNIAL) e investigadora em Educomunicação, Consumo e Mediação familiar, em Havana, Cuba.

Outra ação conjunta existente entre o Brasil e Cuba foi o convênio de 30 anos entre o Governo Federal e a Escola Internacional de Cinema e Televisão de San Antonio de Los Baños (EICTV), nas proximidades de Havana, em Cuba. Uma instituição considerada referência no ensino de audiovisual no mundo, vista como uma das melhores escolas da área na América Latina, foi fundada em 1986, por iniciativa da Fundação do Novo Cinema Latino-americano (FNCL). Teve como pioneiro e principal investidor o escritor ganhador do prêmio Nobel de literatura Gabriel García Márquez e contou com a participação de um grupo de cineastas, escritores e intelectuais latino-americanos. Para se manter atualizada, a EICTV busca respaldo em doações e o apoio financeiro do governo cubano.

Identificamos que seu corpo docente teve como colaboradores: Francis Ford Coppola, Walter Salles, Martin Scorsese, Robert Redford, George Lucas, Emir Kusturica e Lucrécia Martel. Dessa instituição saíram importantes nomes do cinema nacional brasileiro, como Erik Rocha, vencedor do prêmio Olho de Ouro em Cannes pelo **documentário Cinema Novo** (2016). Nessa parceria entre o Brasil e Cuba, o MinC oferecia bolsas de até 75% do valor do curso para os brasileiros que passavam pelo processo seletivo da Escola Internacional de Cinema e Televisão de San Antônio de Los Baños (EICTV). Contudo, esta ação conjunta foi encerrada pelo Ministério da Cultura em 2017, no governo de Michel Temer, mediante a justificativa de não haver respaldo legal, fato considerado como perda para o Brasil e suas produções audiovisuais.

Acerca da forma de governo estabelecida na conjuntura política direcionada pelo então Presidente Temer, após o impedimento de Dilma Rousseff, o Professor de Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB), Luís Felipe Miguel argumenta:

> O governo que assumiu interinamente em maio e de forma definitiva em agosto, despido de qualquer compromisso popular, aderiu, sem ambiguidades e sem hesitações, à promoção do retrocesso. A entrega do petróleo do pré-sal ao capital estrangeiro e a emenda constitucional que congela o investimento social do Estado são indicadores suficientes da natureza do governo atual. Em ambos os casos, consensos construídos ao longo de décadas – o monopólio estatal do petróleo e a ação pública em favor do combate à desigualdade social – estão sendo revogados sem qualquer tentativa de debate com a sociedade. Embora o rito da aprovação parlamentar esteja seguido, o que ocorre, de fato, é a imposição autoritária de uma agenda pelos detentores do poder, sem negociação, sem qualquer abertura para o diálogo, sem sequer esclarecer a cidadania do que se trata. (2016) [20].

[20] A cidadania sitiada. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2016/11/14/a-cidadania-sitiada/

Finalizando este capítulo, observamos a relevância das iniciativas entre a educação e o cinema na América Latina, suas qualidades e a variedade de abordagens propostas no processo de ensino e aprendizagem no Brasil, na Argentina, na Bolívia, no Uruguai e em Cuba. Sua importância pode ser observada mediante à perspectiva de fomento público internacional, federal e estadual, de formação inicial e continuada de professores, de ações conjuntas em rede, com estudantes no papel de espectadores e produtores de audiovisuais, especialmente os filmes, experimentando formas de ver e fazer cinema em diferentes contextos de inserção e atuação. Por fim, reconhecemos que se trata de uma breve análise. Não se esgotam nas observações aqui realizadas, podendo e precisando ir além.

Capítulo II

2. Iniciativas de formação audiovisual: educação e cinema

Como Lakatos e Marconi (2010, p. 139) já definiram, a pesquisa deve ser considerada como "um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais". Neste contexto, acerca da escolha dos procedimentos a serem encaminhados nesta pesquisa perfizemos algumas proposições: analisamos as possibilidades da aplicação de um questionário com professores de graduação e pós-graduação com pesquisas relacionadas ao objeto deste estudo.

Fizemos algumas tentativas nesta direção, mas infelizmente não foram bem-sucedidas devido à falta de detalhes nas respostas recebidas. Posteriormente, passamos a admitir um segundo procedimento. Ou seja, a elaboração de entrevistas gravadas à distância. Contudo, mais uma vez, descartamos a ação devido à pequena adesão dos profissionais das cinco regiões do país, em razão de compromissos que estes já haviam assumido anteriormente.

Após esses indicativos, optamos pelo levantamento de iniciativas concretas de formação inicial e continuada para professores sobre a relação educação e cinema. Aqui encontramos informações minuciosas em forma de artigos, páginas de instituições de ensino superior com descrição de cursos, projetos, cineclubes, oficinas, anais de eventos científicos e blogs.

Nesse sentido, um dos procedimentos relevantes para o andamento desta pesquisa consistiu em identificar e analisar um conjunto de iniciativas acerca da formação audiovisual realizadas entre os anos de 2008 e 2018, no Brasil, promovidas por instituições públicas estaduais e federais de ensino superior, em cursos de Pedagogia e demais licenciaturas. Trata-se de um estudo com ênfase central na relação educação e cinema, sob a tentativa de levantar conhecimentos teóricos, práticas didáticas e pedagógicas elencadas como prioritárias na formação inicial de docentes acerca da educação e o cinema desenvolvidas pelo país. Com tal característica, priorizamos critérios que serão descritos na sequência:

- Identificar as universidades estaduais e federais nas cinco regiões do país com Cursos de Graduação e Programas de Pós-graduação em Pedagogia (educação), Licenciaturas, Comunicação e Audiovisual (cinema);

- Consultar seus periódicos, grupos de pesquisa, cursos de extensão, mostras, oficinas, palestras e os demais eventos realizados na década de 2008 – 2018;
- Selecionar e analisar os registros das iniciativas desenvolvidas nas diferentes regiões do país que apresentem formação para universitários em cursos de Pedagogia e demais licenciaturas;
- Descrever no mínimo duas iniciativas realizadas por região do país. Durante o levantamento das atividades ficou perceptível que as regiões sul e sudeste dispunham de maior número em iniciativas efetivadas e divulgadas em seus meios eletrônicos.

Após a realização destes procedimentos e da seleção de vinte e uma iniciativas que priorizam a interface educação e cinema segundo a perspectiva da transversalidade, consideramos descrever e analisar dezenove delas: nordeste (três), sul (quatro), centro-oeste (três), norte (três) e sudeste (seis). Embora o objetivo de análise desta pesquisa sejam as iniciativas voltadas para o ensino superior, ou seja, para a formação inicial de docentes, observamos a relevância de mencionar uma iniciativa de formação continuada por região no país, pelas contribuições, visibilidade e referências no contexto regional de inserção e de atuação das distintas instituições de ensino superior pelo país.

Os dados coletados em uma pesquisa conduzem o pesquisador a novas observações e considerações acerca do tema estudado; deste modo, o papel do pesquisador volta-se para a ação entre os conhecimentos já estabelecidos acerca do objeto pesquisado e os novos indícios que despontam das análises realizadas. Isto posto, passaremos à descrição e à análise das iniciativas em relação à educação e ao cinema na formação de graduandos em cursos de Pedagogia e demais licenciaturas no Brasil, procurando as evidências em projetos, oficinas, cursos, mostras, cineclubes e minicursos que possam revelar as práticas de articulação entre a educação e o cinema.

Região Nordeste

- Universidade Estadual da Paraíba – Departamento de Educação (CEDUC/UEPB-Campus Campina Grande) - Grupo de Pesquisa "Educação, Infância e Cultura Visual". Curso de Extensão – **“Cinema e História da Educação”**.

Trata-se do curso de formação inicial e continuada sobre **Cinema e História da Educação** ministrado pelas professoras Senyra Martins Cavalcanti

(DE/UEPB), Maria Lindací Gomes de Souza (DH/UEPB) e Patrícia Cristina de Aragão Araújo (DH/UEPB). Teve como público-alvo estudantes de cursos de licenciatura de IES's e professores da educação básica da cidade de Campina Grande/PB, com carga horária total de 30 horas, em encontros às quartas-feiras no horário das 14h30 às 17h00, no auditório da Central de Integração Acadêmica (CIA) da UEPB, com início em 15 de abril e término em 17 de junho de 2015. O curso é parte integrante das atividades do Projeto de Extensão **"Cineduc: Articulando Cinema, História e Educação"**.

Conteúdo Programático:

> 1. O cinema e sua história: surgimentos; cinema e narrativa; cinema e teatro; narração de ficção; a palavra e a imagem; temporalidade narrativa e cinema; o ponto de vista: saber e ver, focalização cinematográfica;
> 2. A história no cinema: cineastas e historiadores; a adaptação e a verossimilhança; a formação de mitos: imagens canônicas Vs. pesquisas históricas; o cinema como possibilidade de contra análise da história; o discurso fílmico e a monumentalização do passado;
> 3. Metodologia da análise de filmes: heranças estruturalistas; enunciação e narração; categorização, análise de elementos técnicos e simbólicos, análise sintagmática (estrutura do enredo e funções dos personagens), análise paradigmática (oposições binárias), estado de plenitude.
> 4. Oficina-aula a partir de temas em história da educação. (UEPB, 2015).

Em nossa análise do conteúdo programático dessa iniciativa evidenciamos uma preocupação com a história e a teoria de cinema, questão imprescindível para nortear as ações e as intervenções com o cinema na educação, uma vez que concedem subsídios para os educadores entenderem suas origens, pluralidades e potencialidades, na qualidade de arte, comunicação e indústria cultural, sua inserção e atuação social. O escopo de análise voltou-se para a história representada no cinema, identificou os filmes como documentos culturais ideológicos e fontes de pesquisa, pautados de representatividades, inseridos em diferentes contextos de produção e atuação, bem como suas contribuições e interferências no processo histórico: mitos, imagens e discursos.

Observamos que o curso procurou identificar metodologias de análise de filmes com destaque para os aspectos da linguagem cinematográfica, como estes se concebem e se estabelecem. Ou seja, uma análise pautada nos elementos técnicos e simbólicos que estruturam os discursos que os fundamentam, um olhar que problematiza seu objeto de análise para compreender sua totalidade, em questões estéticas e ideológicas neles postulados. Sendo finalizado com discussões práticas, realizadas em oficinas, as possibilidades de inserção dos filmes nos ambientes educacionais, em especial na relação história e educação.

Além do curso mencionado acima, identificamos um artigo relatando as ações desenvolvidas em uma oficina pedagógica[21], realizada no dia 18 de abril de 2015, com a participação de 29 cursistas, na Universidade Estadual da Paraíba. Essa oficina deriva do projeto "**O Cinema na Sala de Aula**" /PROEX/UEPB", que objetivou oferecer formação continuada para professores da educação básica (ensino fundamental), para utilizar filmes do gênero animação nos espaços escolares. O projeto esteve sob a coordenação de Senyra Martins Cavalcanti, professora do Departamento de Educação/UEPB e teve a colaboração de alunos graduandos envolvidos em seu grupo de pesquisa.

- Universidade Federal do Rio Grande do Norte – (UFRN) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática do Centro de Ciências Exatas e da Terra. Minicurso – "**Fundamentos do Cinema para o Professor de Física"**.

O minicurso foi realizado no XXI Simpósio Nacional de Ensino de Física, ocorrido nos dias 27, 28 e 29 de janeiro de 2015, na Universidade de Federal de Uberlândia – (UFU/MG), com duração de seis horas, ministrado pela professora doutora Midori Hijioka Camelo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), além de contar com a participação da mestranda Maria Romênia da Silva (tema de sua dissertação de mestrado em desenvolvimento no período). Teve como público-alvo professores de Física da educação básica, superior e graduandos. Participaram 36 cursistas que responderam a alguns questionamentos propostos em que identificaram suas afinidades com a temática em curso, também apresentaram suas realizações em sala de aula, as dificuldades encontradas no percurso e as experiências bem-sucedidas.

---

[21] **Cinema & formação de professores: o trabalho com o tema transversal de pluralidade cultura a partir do filme "A princesa e o sapo". Objetivos da Oficina:** desmitificar o uso de filmes não apenas como entretenimento, mas mostrar que eles podem ser incorporados no currículo escolar do ensino fundamental, de forma que professores e alunos sejam beneficiados, vem a ser um objetivo perseguido pelo Projeto *"O Cinema na Sala de Aula" /PROEX/UEPB.* O Projeto tem como perspectiva orientar, assessorar e capacitar professores do ensino fundamental da rede pública de ensino de Campina Grande-PB, para o uso didático-pedagógico de filmes de animação nas salas de aula. **O filme e os conteúdos abordados:** promovemos uma oficina pedagógica no primeiro semestre de 2015 com o filme "A Princesa e o Sapo", com sugestões didático-metodológicas de trabalho com o filme a partir do Tema Transversal Pluralidade Cultural dos PCN´s/MEC, abordando temas como: a valorização da diversidade cultural brasileira, o reconhecimento de nossas heranças culturais e a importância de repudiar toda discriminação baseada nas diferenças étnico-raciais em tempos e espaços escolares. **Considerações gerais sobre a oficina realizada:** destacamos a importância de o educador dispor de instrumentos para avaliar, criticar e identificar aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o cinema, educando seu olhar para novas leituras de imagens, tomando como base o acesso a diferentes tipos de filmes, não ocultando conceitos relevantes para a formação de crianças e adolescentes.

Descrição da organização do minicurso

Conteúdos abordados:

- Introdução à Linguagem Cinematográfica: elementos, técnicas e relações com o ensino.
- Apresentação de análises fílmicas.
- Aspectos históricos.

Justificativa e objetivos:

> O curso tem por objetivo contribuir para a apropriação da cultura audiovisual no processo de formação inicial e\ou continuada dos professores de Física. Assim, almeja-se com o curso colaborar para que o futuro professor e\ou professor em exercício possa reconhecer a sétima arte como uma linguagem educativa.

Considerações gerais:

> Durante os três dias de minicurso, procuramos em cada sessão, trazer discussões e reflexões que se encaixasse, na medida do possível, nas expectativas apontadas pelos participantes no questionário aplicado no primeiro dia. Um dos participantes do minicurso apontou como expectativa, "Interagir com outras pessoas/grupos que tenham interesse pela temática do cinema e educação em ciências", e durante a realização do minicurso essa interação aconteceu espontaneamente, pois, o que unia a todos que estavam presentes em cada sessão era o interesse pela Sétima Arte, promovendo um fortalecimento nos laços de amizades, resultando na criação de um grupo nas redes sociais que mantivesse todos conectados de certa forma, onde podemos compartilhar nossas experiências em relação à utilização do Cinema na sala de aula. Para finalizar as atividades do minicurso, foi aplicado um questionário de feedback, com o objetivo de sondar alguns aspectos práticos no que diz respeito a realização do minicurso. Em relação à proposta apresentada pelo minicurso, uma porcentagem de 31% considerou interessante e 69% afirmou ser muito interessante, logo, os dados revelam um interesse de 100% pela proposta apresentada. (SILVA, 2015, p. 180).

Mediante nossa análise do conteúdo programático, dos objetivos e das justificativas, podemos identificar que o centro das discussões acerca do cinema e a física estiveram direcionadas para a Linguagem Cinematográfica, mais especificamente seus elementos técnicos, como os mecanismos que envolvem sua produção, do ponto de vista tecnológico, das estratégias utilizadas e como estas podem proporcionar discussões e a análise de conceitos para o ensino de física, sem desprezar as demais temáticas presentes nos filmes em estudo. Uma tentativa que objetivou incentivar a valorização do cinema, de seu potencial educativo para as disciplinas das ciências exatas, a troca de experiências realizadas em salas de aula pelos participantes e a criação de um grupo de discussão acerca da temática: o cinema e o ensino de física.

Região Sudeste

- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Departamento – Administração Escolar e Economia da Educação. Disciplina: EDA0646 – **Cinema e Educação: Pressão Pedagógica e Imaginários Contemporâneos**.

O professor Rogério de Almeida é parte integrante do corpo docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), no Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação, coordena o Lab_Arte (Laboratório Experimental de Arte-Educação & Cultura) e o GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura). Trabalha com temas ligados ao Cinema, a Literatura, a Filosofia Trágica e ao Imaginário, ministra algumas disciplinas na instituição, dentre elas, a optativa eletiva – EDA0646 – **Cinema e Educação: Pressão Pedagógica e Imaginários Contemporâneos** que integra a Estrutura Curricular (48015) do Curso de Licenciatura em Pedagogia para os ingressantes a partir do ano de 2017, e continua em andamento ao ser ofertada no primeiro semestre do ano vigente, para o período noturno com quatro créditos semanais.

Estrutura da disciplina: EDA0646 – **Cinema e Educação: Pressão Pedagógica e Imaginários Contemporâneos**[22].

> **Objetivos:** estudar as relações entre cinema e educação a partir da implicação com os imaginários contemporâneos, tendo em vista que as imagens de mundo (discursos, proposições, ideologias etc.) figuradas pelos filmes exercem uma pressão pedagógica na compreensão dos sentidos e modos de viver contemporâneos.
>
> **Programa Resumido:** abordar, a partir das pesquisas sobre cinema e educação, a potencialidade formativa das narrativas cinematográficas. Aprofundar os fundamentos do cinema e, mais especificamente, os fundamentos educativos do cinema. Estudar a pressão pedagógica que as narrativas cinematográficas, principalmente quando continuamente reiteradas, exercem sobre os imaginários contemporâneos e suas figurações de mundo e modos de vida.
>
> **Método:** aulas expositivas e dialogadas. Problematização das leituras indicadas. Discussões sobre filmes previamente estabelecidos para estudo.
>
> **Critério:** realização de exercícios interpretativos. Domínio dos conceitos fundamentais do campo. Adequação às orientações estabelecidas para a realização dos trabalhos.

[22] Júpiter - Sistema de Gestão Acadêmica da Pró-Reitoria de Graduação. Disponível em: https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=EDA0646

Por intermédio de nossa observação dos objetivos, do programa e do itinerário das aulas que direcionam a disciplina, é notório que são abordados temas gerais sobre a teoria cinematográfica: a linguagem e a narração; a imersão e a recepção; os gêneros cinematográficos; a ficção e a realidade. Esta expõe alguns fundamentos relacionados à educação e ao cinema, são eles: o cognitivo; o filosófico, o estético e o mítico; o existencial, o antropológico e o poético.

Compreendemos que a disciplina apresenta temáticas direcionadas para alguns aspectos dos imaginários contemporâneos: os direitos humanos e a diversidade; a distopia; o niilismo; a nostalgia e a afirmação trágica. Em sua organização está a introdução à disciplina e à dinâmica das aulas, nelas são encaminhas sugestões bibliográficas obrigatórias e suplementares e uma indicação filmográfica para cada aula, orientada pelos temas relacionados anteriormente.

- Universidade Estadual de Campinas – FE/Unicamp/SP – Laboratório de Estudos Audiovisuais Olho – Projeto de pesquisa, extensão e docência. **Linguagem e Arte Cinematográfica na Educação – tecnologia, imaginação e memória**.

Em 2009, esse projeto desenvolveu algumas atividades, dentre elas destacamos uma disciplina no Curso de Pedagogia **EP347 – Educação, Cultura e Linguagem** e o subprojeto **Registros de Vídeo**[23] realizado na Escola Municipal Vicente Ráo, ambos coordenados pelo professor doutor Carlos Eduardo Albuquerque Miranda[24] da Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas. Em nossa análise, identificamos que a disciplina foi realizada nos dois semestres do referido ano e objetivou

[23] Fundamentado nos estudos de Bergala, Miranda passou a realizar o Subprojeto **Registros de Vídeo** na Escola Municipal Vicente Ráo, contou com a participação da professora Renata Lanza que era doutoranda no programa de pós-graduação da instituição e tema de sua pesquisa/tese (fazer cinema na escola), também recebeu o apoio e a participação da direção, da coordenação pedagógica, de cinco professores e vinte alunos da referida escola envolvidos no projeto. Os recursos materiais para a realização do projeto são da própria Escola, do Laboratório de Estudos Audiovisuais Olho e do dos colaboradores do mundo do cinema do GEIE. Subprojeto **Registros de Vídeo**: objetivos, ações e referencial teórico: esse grupo tem como meta produzir, ainda esse ano, dois filmes: um sobre a fanfarra da escola e outro a respeito dos olhares invisíveis sobre a escola (propostas dos alunos). Nosso trabalho tem sido realizar, junto com Renata Lanza e outros membros do Grupo de Estudos de Imagem e Educação/GEIE, oficinas de sensibilização para o cinema. Ao mesmo tempo em que estamos montando nosso material para contaminar a escola com cinema, iniciamos as oficinas. Nesse momento, nossa principal inspiração é a proposta de pedagogia do fragmento e de promover o encontro com o cinema na escola, ambas de Alain Bergala. Com pouco menos de um mês do início do trabalho, não arriscamos análises e reflexões da experiência e das atividades, apenas podemos dizer que somos tributários de Bergala por ter nos apontado caminhos para iniciar um trajeto, que é o nosso desejo de fazer cinema na escola. (MIRANDA, 2010, p. 49).

[24] É membro do grupo de Coordenadores da Rede Kino – Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual.

desenvolver com os graduandos produções de vídeos ficcionais ou documentais como trabalho final. Para tal ação foi promovido estudos teóricos sobre a produção audiovisual, as suas técnicas e a linguagem cinematográfica.

No segundo semestre constatamos que Miranda passou a utilizar também as discussões teóricas-metodológicas fundamentadas nos estudos de Alain Bergala acerca do cinema e a educação, especialmente a proposição da pedagogia da criação que consiste na produção de filmes em contextos educativos. Considerou reflexões sobre o cinema como arte, expressão humana que privilegia o ato criativo, ou seja, uma pedagogia centrada na criação quando os estudantes assistem aos filmes ou quando os realizam. Nos estudos propostos por Bergala, essa pedagogia comporta a análise e a síntese, uma produção de conhecimento com o cinema e sobre cinema, pela preparação do estudante para a prática da criação, ao criar imagens/filmes para fazer e contar histórias.

Proposta e conteúdo da disciplina no primeiro semestre:

> A proposta da disciplina consistiu em fazer cinema com alunos de graduação no curso de pedagogia. Nomeamos essa proposta de "fazer uma produção audiovisual". Desde o seu início, no entanto, já estavam contidos os elementos do "fazer cinema". Trabalhamos com a construção de planos, com a sensibilidade do olhar da câmera, com os procedimentos técnicos da pré-produção como roteiro, sinopses e argumentos, com noções e experimentações de montagem e edição. No plano teórico, a disciplina continha linguagem e estética do cinema, para dialogar com o processo de entendimento fílmico. (MIRANDA, 2010, p. 48).

Proposta, conteúdo e resultados da disciplina no segundo semestre:

> Nesse momento, encontramos Alain Bergala e sua obra L'hypothèse cinéma. A partir desse encontro, passamos a considerar os cinco níveis do gesto cinematográfico que Alain Bergala fórmula para uma pedagogia da criação com o cinema: os componentes fundamentais do gesto de criação cinematográfica (a eleição, a disposição, o ataque); as condições reais da tomada de decisão pelo cineasta; a questão nodal da totalidade e do fragmento; a questão do encontro do "programa" com a realidade da filmagem; a questão da negatividade que opera no ato de criação. Estes níveis do ato de criação proporcionaram formas imaginativas de organização da produção dos alunos, direcionaram nosso trabalho de sensibilização nas aulas e, principalmente, criaram um diálogo fecundo entre nós, os realizadores convidados e auxiliares do mundo do cinema e alunos. (MIRANDA, 2010, p. 48 e 49).

EP347 Educação, Cultura e Linguagens:

> Ementa: Estudos sobre as diferentes linguagens verbais (fala e escrita), visuais (artes plásticas) e audiovisuais (cinema e televisão) que dão forma à Educação cultural e escolar, ao imaginário e a inteligência contemporâneas. (2020).

Observamos que disciplina permanece na grade curricular do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas na atualidade. Pela proposta apresentada em sua ementa referente ao ano de 2020, esta preocupou-se com as diferentes linguagens verbais, visuais e audiovisuais e suas contribuições no processo educacional contemporâneo. Portanto, de acordo com o referencial teórico e as atividades práticas desenvolvidas pelas produções audiovisuais com os graduandos em Pedagogia, o cinema foi identificado nessa disciplina como um ato de criação, que necessita ser mais explorado nos ambientes educacionais, fugindo da perspectiva pedagógica de formação do estudante espectador crítico.

- Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Educação – Projeto de extensão **CINEAD: Cinema para Aprender e Desaprender em parceria com o Laboratório do Imaginário Social e Educação. Curso de extensão – "Cinema para Aprender e Desaprender".**

Organizado pela professora doutora Adriana Mabel Fresquet (Coordenadora do Laboratório de Educação Cinema e audiovisual da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e equipe de professores colaboradores, o curso de extensão **"Cinema para Aprender e Desaprender" com proposta de realização para um encontro** ocorreu na sexta-feira, dia 26 de junho do ano de 2009, das 8h30 às 16h30, no Auditório Manoel Maurício Albuquerque (CFCH) no Campus da Praia Vermelha. Teve como público-alvo principal os professores da rede pública de ensino e demais interessados pelo assunto, cujo objetivo era a aproximação de professores e graduandos para a experiência do cinema.

A proposta do curso:

> A proposta é desconstruir a visão instrumentalizada do cinema na prática pedagógica e pensar outras possibilidades que o cinema oferece também para aprender, desaprender e reaprender. (VOLPI, 2009).

O conteúdo programático e as estratégias utilizadas:

> Na primeira parte introduz brevemente algumas de suas teorias em particular, o cinema como substituto do olhar, como arte, como pensamento e como manifestação de afetos e simbolização do desejo (Aumont; Marie). Defende uma aproximação ao conceito de cinema como *hipótese de alteridade* no contexto educativo, provocando com o ato criativo a instituição escolar (Bergala) teórico que introduziu o cinema nas escolas públicas da França.

> Na segunda parte do curso, após a visualização de alguns filmes dos irmãos Lumière, que dispunham de um cinetoscópio que usava películas de 17 metros, produzindo filmes de pouco mais de 50 segundos -, tentaremos que os alunos façam a experiência de "restaurar a primeira vez do cinema" na produção de *Minutos Lumière* filmando os jardins da Praia Vermelha, inspirados numa prática das oficinas pedagógicas da Cinemateca Francesa. (VOLPI, 2009).

Evidenciamos que o curso esteve fundamentado nas discussões do cineasta Alain Bergala sobre a educação e o cinema, dentre outros autores. Fresquet parte neste curso de extensão do pressuposto do cinema como experiência, não voltado apenas para a análise de filmes, na função de espectador crítico, do cinema comunicação e ideologia. No entanto, sugere ser essencial que os participantes em formação assistam aos filmes, relatem as experiências ali encontradas sem direcionamento prévio, a orientação é que a partir das vivências com os filmes os cursistas possam estabelecer as pontes de análise, para chegarem às ideias e aos conceitos.

Nessa perspectiva, observamos que o curso se estruturou com questões de ordem teórica acerca da educação e o cinema, identificando-o como arte, produção humana marcada de manifestações e simbolismos, voltado para a alteridade. Ou seja, os filmes permitem indagarmos como olhamos para nós e para os outros, um ato de criação que precisa ser incentivado na educação superior e básica. Também desenvolveu atividades práticas ao permitir que os cursistas pudessem experimentar a produção de filmes curta-metragem, à semelhança do momento inicial de surgimento do cinema, como fizeram os irmãos Lumière. Para tanto, os participantes filmaram os jardins da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, cidade onde o curso foi realizado.

- Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (USP/Campus de Ribeirão Preto). Curso de extensão – **Cinema: uma ferramenta pedagógica e humanistas para temas em saúde e educação. A experiência do CineSocial**.

O curso de extensão foi uma iniciativa interdisciplinar entre os Departamentos de Medicina Social, Pediatria e Puericultura, Saúde Pública, Ciências Farmacêuticas e do Centro de Apoio Educacional e Psicológico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP. Uma atividade de caráter socioeducacional e científica que procurou estabelecer por meio do cinema maior diálogo/interação entre a universidade e a sociedade. Foi realizado em cinco sessões, ocorridas entre os meses de agosto e dezembro, do ano de 2008, nas dependências da referida universidade, no

anfiteatro - Espaço Cultural Capela, equipado para a exibição dos filmes selecionados e posterior discussões. Teve como participantes graduandos, profissionais da saúde e professores da rede municipal de ensino.

Organização do curso:

> **Objetivo**: foi utilizado recurso audiovisual (filmes) para propiciar reflexões, discussões e atualização de professores, alunos e profissionais da saúde em temas sociais pertinentes às áreas da saúde e educação. Além dos temas centrais, na primeira sessão (ato inaugural), foi também debatido o tema "Arte-Ciência: interlocução com diferentes áreas de expressão do conhecimento humano" com especialistas das áreas da Saúde Pública, Ciências Sociais, Música e Teatro. E para o encerramento, foi debatido o tema "Cinema e Educação" com especialistas das áreas do Cinema, Antropologia visual e História
>
> **Metodologia**: foram abordados temas relevantes em Saúde e Educação (fome, violência escolar, gravidez na adolescência, processo saúde-doença e drogas na adolescência) com convidados especialistas em cada temática para debate. O instrumento utilizado para captar as percepções dos participantes foi um questionário de 14 questões semiestruturadas e ao final de cada encontro foi solicitada a entrega de relatório. Foi realizada Análise Temática de Narrativa de material proveniente dos relatórios individuais de reflexão.
>
> **Resultados**: os encontros tiveram a presença de 49 participantes (estudantes de graduação, professores da rede municipal de ensino, profissionais da área da saúde, pós-graduandos e docentes do ensino superior). Na análise do material narrativo advindo das questões abertas dos relatórios individuais de reflexão foi possível levantar dois blocos de categorias, sendo que o primeiro deles destacou as expectativas que os participantes tinham antes de iniciar o projeto CineSocial e o segundo bloco levantou a opinião dos participantes sobre a relevância do curso.
>
> **Discussão e Conclusões**: o uso do cinema possibilitou a circulação dos conhecimentos, tornou possível a difusão de experiências, corroborou a ideia de que documentários assim como filmes de ficção podem exprimir os conhecimentos orientados pela Ciência. O cinema como metodologia de ensino não assume o papel de solução mágica, mas pode ser um colaborador eficaz para aprendizagem. Mais ainda, pode servir para iniciar um processo de mudança; mudança perseguida para uma formação intelectual sensível à condição humana e à realidade social. (DEWULF, 2011, p. 260 - 261).

Reconhecemos que o cinema foi observado nesse curso como um objeto artístico-cultural de mediação entre a universidade e a comunidade, um meio de comunicação que objetivou proporcionar reflexões sobre alguns temas de saúde pública, numa perspectiva educacional, informativa, de prevenção e melhoria da qualidade de vida. O cinema também foi discutido sob a ótica da arte, da ciência e da educação, em palestras e debates mediados por diferentes professores especialistas nas temáticas desenvolvidas. Os filmes utilizados privilegiaram dois gêneros: a ficção científica e o documentário, possibilitando a ampliação de conhecimento e a difusão de experiências concretas no campo da ciência e a educação.

- Universidade Federal do Triangulo Mineiro (UFTM/MG) – Cinematografia e Formação Inicial de Professores: relato de experiência com alunos do Pibid-Matemática (UFTM). Oficina - **“Cinema e aprendizagens possíveis”**.

Esta oficina foi realizada nos dias 16, 23 e 30 de agosto 2012, teve como participantes os graduandos integrantes do Programa de Iniciação à docência do curso da Matemática (PIBID/Matemática/UFTM). Foi coordenada pela professora doutora Váldina Gonçalves da Costa do Curso de Licenciatura em Matemática, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e contou com professores colaboradores. A oficina objetivou investigar como os estudantes do PIBID se apropriavam de técnicas cinematográficas para produção de vídeos e que aprendizagens poderiam ser suscitadas a partir dessas experiências vivenciadas.

Sua realização ocorreu em duas etapas que serão descritas na sequência:

> a) Fundamentação teórica sobre o uso de técnicas cinematográficas: foi realizado um breve histórico sobre a origem do cinema e uma discussão sobre o impacto da indústria cinematográfica no cotidiano. Posteriormente, foi discutido sobre a importância de um argumento e da cinegrafia para a produção de vídeos. Para a introdução do conceito de enquadramento de uma imagem foram utilizadas diversas cenas do filme O Julgamento de Nuremberg, direção de Stanley Kramer em 2000. O filme mostra um julgamento de líderes nazistas pelos crimes cometidos durante a 2ª Guerra Mundial. Foram selecionadas cenas que representassem diferentes planos de filmagem (geral, inteiro, conjunto, detalhe, sequência, americano, italiano, médio e close), bem como a discussão dos principais movimentos de câmera (horizontal, panorâmico, vertical, detalhe, evangelion) e ângulos de filmagem (baixo, normal, alto, holandês e olho de pássaro).
> b) Elaboração de roteiro, filmagem, edição de vídeos e apresentação dos vídeos produzidos: Três grupos de seis alunos foram formados para produção de três curtas metragens. Inicialmente, foi desenvolvido um argumento, ou seja, a ideia do curta-metragem. Em seguida, foi elaborado um roteiro, que em termos gerais, pode ser basicamente dividido em quatro partes: cabeçalho de cena, ação, diálogos e transições. (COSTA, 2014, p. 10 - 11).

Alguns dados dos resultados obtidos:

> O desenvolvimento de vídeos promoveu a construção das linguagens audiovisuais, oportunizando o aprofundamento da leitura crítica das obras audiovisuais e os recursos teóricos e práticos para a melhor compreensão do papel da educação no mundo contemporâneo (CINEDUC, 2012). A oficina **“Cinema e aprendizagens possíveis”** articulou a relação possível entre o cinema e a educação, que se dá pela formação para a sensibilidade e pelo desenvolvimento das capacidades cognitivas de alunos e educadores. A proposta pedagógica de aplicação de técnicas cinematográficas na formação de futuros professores trouxe-nos os seguintes aspectos positivos: (a) a possibilidade de produção de vídeos interessantes a partir de câmeras fotográficas de uso comum; (b) a capacidade do vídeo produzido em provocar a sensibilização e reflexão sobre determinado assunto; e (c) o estabelecimento

> de relação entre matemática e técnicas cinematográficas para produção de vídeos. (COSTA, 2015, p. 12 e 14).

Constatamos que o cinema foi observado nessa ação como um meio de comunicação, sendo analisado segundo a perspectiva de sua linguagem e dos elementos técnicos utilizados em seu processo de elaboração. Nessa iniciativa, que procurou proporcionar aos alunos experiências práticas com a produção de vídeos e filmes de curta-metragem, observou-se a relação com os conteúdos de matemática e demais possibilidades vivenciadas na interação entre os cursistas e as atividades desenvolvidas.

Inicialmente o curso abordou questões de teoria de cinema: sua origem, histórico e sua atuação social, verificando, ainda, as técnicas utilizadas na linguagem cinematográfica, presente em diferentes produções, como, por exemplo, os enquadramentos, os planos, os ângulos, entre outros. A análise dos elementos da linguagem cinematográfica ocorreu através de cenas do filme o **Julgamento de Nuremberg** (Stanley Kramer, 2000), uma produção dos EUA e do Canadá, que aborda o julgamento de Nuremberg, na Alemanha, após a Segunda Guerra Mundial, quando os países aliados se reuniram para decidirem os crimes dos oficiais nazistas.

Posteriormente, os graduandos elaboraram os roteiros, realizaram as filmagens, as edições e as apresentações dos filmes de curta-metragem que haviam produzido, uma atividade feita em equipes que proporcionou aprendizados voltados para: a construção de linguagens audiovisuais, interação, sensibilidade, leitura crítica, criativa e intelectualidade. Uma proposta que teve como objetivo conceder subsídios teóricos e práticos entre a educação e o cinema, conforme o propósito de ampliação do olhar, diante das questões que envolvem o audiovisual, a sua elaboração, a inserção e atuação na sociedade.

Região Centro-Oeste

- Universidade Estadual de Goiás – UEG – Projeto - “Educação e Cinema: o Governo da infância e a educação estética da criança e do adolescente”. **VI Mostra de Filmes: a educação estética da infância**.

A mostra foi coordenada pela professora doutora Luiza Monteiro do Departamento de Fundamentos da Educação (UEG) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa: Educação, Infância, Arte e Psicanálise, com a participação de professores colaboradores e de alunos envolvidos em seu grupo de pesquisa. Foi realizada nos dias 02

e 08 de dezembro de 2016, em dois horários: às 8h00 e às 19h00, no Auditório do *campus* São Luís de Montes Belos. Após a exibição dos filmes houve um debate com o professor doutor José Ribeiro (Universidade Aberta PT e UFG) e com a Profa. Dra. Luiza Monteiro Coordenadora do Projeto.

O objetivo geral foi proporcionar reflexões críticas acerca da relação cinema, educação e infância, numa perspectiva de formação para professores do ensino fundamental e graduandos dos cursos de Pedagogia e Letras. Essa ação foi parte integrante do Projeto de Iniciação à Docência (PIBID) e do projeto **"Educação e Cinema: o Governo da infância e a educação estética da criança e do adolescente"** vinculado a CAPES/PrG-UEG, em desenvolvimento na Escola Municipal São Vicente. O evento foi aberto ao público.

Os objetivos e os filmes selecionados:

> A Mostra tem como objetivo desenvolver o gosto pelo cinema e possibilitar momentos de debates e reflexão acerca de temas específicos representados a partir da filmografia exibida. Dia 02/12/2016 – Filme: Mutum (Vídeo Filmes), Dir. Sandra Kogut, Brasil, 2007, 95min. Seguido pelo debate conduzido pela professora Jaqueline Pires Rocha e estudantes ligados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), da UEG. Dia 08/12/2016 – Filme: Numa Escola em Havana (Original Conducta), Dir. Ernesto Daranos, Cuba, 2014, 90min. UEG (2016). Na sequência, a produção foi debatida pela professora Luiza e pelo professor José Ribeiro, da Universidade Aberta de Portugal e da Universidade Federal de Goiás (UEG, 2016).

As concepções teóricas que direcionaram as ações dos projetos que resultaram nesta mostra:

> Concebemos o cinema como um campo de produção do conhecimento e um dispositivo de formação e pesquisa capaz de promover a educação do olhar e a transformação dos sujeitos e da sociedade. Por educação do olhar entendemos o desenvolvimento de habilidades intelectuais, emocionais, estéticas capazes de produzir competências do olhar: visual; emocional; social e político-crítica sobre questões que nos afetam coletivamente. Significa privilegiar na escola e na universidade experiências em que a educação do olhar se constitui como "chave para se entender da vida, da prática, da civilidade, da honestidade, do companheirismo, da participação, da cooperação, da generosidade, do respeito às diferenças e etc." É, portanto, educação para a cidadania. Prover aos estudantes e professores para plena realização da participação motivada e competente, da comunhão entre interesses pessoais e sócias, da disposição para sentir em si as dores do mundo. O cinema é, portanto, a arte do coletivo, tanto na perspectiva da produção como do visionamento e da reflexão compartilhada. (UEG, 2016).

Nessa ação, entendemos que o cinema foi observado na qualidade de comunicação ao possibilitar reflexões diversas, dentre elas: a educação do olhar e a produção de conhecimento. Como um objeto artístico-cultural, didático e pedagógico que

proporcionou aos seus espectadores o desenvolvimento de habilidades intelectuais e emocionais através da análise das diferentes produções cinematográficas em exibição e debate. No caso específico da mostra, a infância e suas nuances no cinema e na educação foram os temas geradores das discussões entre os mediadores e os participantes presentes.

Os filmes exibidos na mostra foram: **Mutum** (Sandra Kogut, 2007) e **Numa Escola de Havana** (Ernesto Daranos, 2014). O filme **Mutum** é um drama nacional fundamentado na novela Campo Geral, de João Guimarães Rosa, filmado em regiões do sertão mineiro, um longa-metragem que discute traços da infância no Brasil, sob a ótica da vida sertaneja, do isolamento e de um contexto de violência. O segundo filme presente no evento foi o drama cubano **Numa Escola de Havana**, com uma narrativa que apresenta como personagem principal Chala, um garoto de onze anos com conflitos familiares que repercutem em sua vida escolar, especialmente em seu processo de adaptação e convivência.

- Universidade de Brasília (UNB) – Centro de Seleção e Promoção de Eventos (CESPE). Curso de Extensão – **Cinema, Educação e Pensamento Contemporâneo**.

Este curso deriva das atividades realizadas na **MostraTaguatinga de Cinema e Vídeo**[26]. Foi proposto pela Associação Cultural FAÍSCA, em parceria com o Fórum Permanente de Professores do Centro de Seleção e Promoção de Eventos da Universidade de Brasília (UnB). Foi realizado sob a coordenação do professor doutor Rogério Alessandro de Mello Basali/UnB, programado para oito encontros realizados aos sábados, no Teatro da Praça do Relógio, em Taguatinga. O primeiro deles ocorreu no dia 30/05/2009, a partir das 14h30. Tais encontros foram estruturados pelas seguintes ações: palestras, debates, exibições de produções audiovisuais, encontros presenciais em formato de cineclube e atividades em ambiente virtual para educação à distância (Plataforma Moodle)[27]. O público-alvo foi formado por professores, graduandos e demais interessados na temática do curso proposto, com certificação de 60 horas.

---

[26] Recentemente esse evento recebeu a nomenclatura de **Festival de Cinema de Taguatinga**, tem como princípio básico privilegiar filmes de produção independente realizados em contextos de emancipação sociocultural, e ainda filmes de formação (primeiros filmes), experimentais, artísticos e poéticos. Dessa forma visam promover a ampliação do olhar na exibição dos diversos formatos de produção audiovisual. Essa nova realidade carrega um modo diferente de se pensar e produzir filmes. Disponível em: https://festivaltaguatinga.com.br/edicoesAnteriores/10festival/festival.html#inicio

[27] O Moodle é uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em software livre.

Objetivos do curso:

> Este curso é resultado dos trabalhos da **Mostrataguatinga de Cinema e Vídeo**, é composto por um programa fundamentado nas relações entre Cinema e Educação, que busca no pensamento contemporâneo subsídios para disponibilizar, para docentes e estudantes, recursos didáticos e culturais, a partir de palestras, debates e exibições de produções audiovisuais brasileiras.

Dados gerais sobre convidados e a organização do curso:

> Dr. Fausto Castilho, professor emérito de Filosofia da Unicamp, que apresentou sua palestra elaborada a partir de textos de Karl Marx de 1857, sobre o tema "Novas condições para o trabalho na crise do capital", contou com a participação de Pablo Gonçalo, Mestre em comunicação pela UNB e Gerente da Secretaria de Políticas Culturais do Ministério da Cultura, e de Rogério Basali, Doutor em filosofia pela UNICAMP que atua na Gerência de Interação Educacional do Cespe/UNB - GIE/Cespe. Após as palestras houve um breve debate e a exibição de produções audiovisuais selecionadas para o programa. A programação foi composta por palestras periódicas e, no mês de agosto, por uma semana inteira de exibições da Mostra-Taguatinga Festival de Cinema e Vídeo, entre os dias 11 e 16, que incluiu também oficinas e laboratórios para os participantes. (SANT'ANNA, 2009).

Conteúdo programático:

> 30/05/2009 – Tema: Novas condições para o trabalho na crise do capital.
> 05/07/2009 – Tema: Intermidialidade: literatura, cinema e estudos de mídia.
> 11/08/2009 a 16/08/2009 – Tema: Mostrataguatinga de Cinema e Vídeo.
> 05/09/2009 – Tema: Corpo Desejo - usos da imagem na educação.
> 14/11/2009 – Tema: O Estúdio de Televisão e a Educação da Memória.
> 30/11/2009 – Tema: Viagens a Itália: a recepção do Neorrealismo pelo Cinema Brasileiro.

Percebemos que o curso identificou o cinema como uma mídia, um meio de comunicação de massa, potencializador de temáticas filosóficas e político-sociais que estabelecem diálogo com questões da atualidade que necessitam ser debatidas e problematizadas. Nesse sentido, o cinema foi utilizado como uma intervenção pedagógica para se atingir o objetivo almejado. Convém ressaltarmos que as produções audiovisuais exibidas no curso foram produções nacionais de diferentes estados e temáticas, especialmente curtas-metragens, realizada por pessoas vinculadas a instituições de ensino, como cursos de comunicação e audiovisual (cinema) e amadores, numa perspectiva de análise que valoriza a diversidade temática e estética, uma pedagogia da imagem.

O referido processo de formação proposto no curso procurou conceder subsídios teóricos sobre a literatura, o cinema, a televisão e demais mídias, para além de sua função informativa e formativa. Seu objetivo foi salientar a atuação e o impacto social

midiático nas relações cotidianas dos brasileiros e, sobretudo, ressaltar traços da cultura brasileira nos filmes exibidos, analisados e debatidos.

- Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT/Campus do Araguaia) – Projeto de Extensão Cineclube Roncador (uma parceria entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura). **Oficina: produção audiovisual com indígenas**.

Essa oficina foi uma das fases do projeto de extensão Cineclube Roncador, uma ação interdisciplinar que envolveu professores e graduandos dos cursos de Jornalismo e de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso – (*campus* Araguaia), coordenado pelo professor doutor Gilson Moraes da Costa e equipe de professores colaboradores. Objetivou proporcionar a esses estudantes vivência nas aldeias, exposição de filmes, realização de oficinas para capacitação dos jovens indígenas e desenvolver o protagonismo indígena na comunidade Xavante por meio de narrativas audiovisuais.

Foi realizada no ano de 2014 e no primeiro semestre de 2015 na Aldeia Namunkurá, etnia Xavante, localizada a 160 km de Barra do Garças. A ação contou com a participação de aproximadamente 30 jovens indígenas, com idade média entre 16 e 30 anos.

Objetivos da oficina:

- Amadurecer a experiência dos participantes com a operação de equipamentos e com as técnicas de produção audiovisual.
- Promover a troca de saberes, e a reflexão sobre a criação coletiva de bens culturais na comunidade.
- Proporcionar aos indígenas a possibilidade de contar suas histórias, experiências socioculturais e lutas políticas de forma autoral se apropriando de uma linguagem universal: o cinema.
- Contribuir para a valorização das culturas e memórias dos povos indígenas, além de oportunizar a produção de vídeos que serão disponibilizados para uso didático nas escolas da região. (JCMT, 2015).

Resultados almejados:

Como resultado, o projeto prevê a produção de cinco documentários de média metragens, exibição nas comunidades e uma Mostra de Vídeo que será realizada na cidade de Barra do Garças. O projeto deixará como legado, equipamentos de produção audiovisual que poderão ser utilizados pelos indígenas para produção de outros filmes. Para a realização dos trabalhos, está previsto o repasse de R$ 98.080,00. (JCMT, 2015).

Dados obtidos:

> Durante o ano de 2014 e no primeiro semestre de 2015, coordenei um projeto de extensão na Universidade Federal de Mato Grosso (campus Araguaia/Barra do Garças) no qual fizemos o registro audiovisual das duas cerimônias na aldeia Namukurá. Trata-se de um conjunto de imagens inéditas que somadas perfazem aproximadamente 40 horas de gravação, captadas com as devidas autorizações, tanto por parte de lideranças indígenas como das instituições responsáveis e, com uso de equipamentos profissionais com resolução em "full HD" (1920x1080P). Vale ressaltar que a cerimônia Wai´á Rini acontece com intervalos de aproximadamente 25 anos, o que torna, ao nosso ver, ainda mais valioso o material já captado. Com este material já em mãos, pretendo produzir um documentário. (COSTA, 2016).

Verificamos que a oficina voltou-se para uma pesquisa de campo que envolveu a interação sociocultural entre acadêmicos dos cursos de Geografia, Jornalismo e indígenas da etnia Xavante. O projeto mostrou-se uma experiência contributiva para os estudantes acerca das práticas e valores dessa comunidade, uma forma de sensibilização e reconhecimento da importância histórica dos povos indígenas no país e do contato com as técnicas que fundamentam a produção de audiovisuais.

Também contou com a participação de alunos e professores indígenas no processo de filmagens e mediação entre a comunidade e pesquisadores. Uma das atividades conclusivas dessa primeira fase do projeto foi a reprodução de DVDs para fins didáticos acerca da valorização da cultura e da memória dos povos indígenas da região mato-grossense. Na segunda fase desse projeto de extensão, os graduandos passaram a desenvolver as etapas da atividade cinematográfica: pré-produção (pesquisa e elaboração do roteiro); produção (captação de depoimentos de lideranças indígenas, tradução, decupagem e transcrição das falas); montagem, edição e exibição do material coletado.

Essa ação resultou na produção do documentário **Xavante: memória, cultura e resistência (2016)**,[28] realizado por Gilson Costa, professor do curso de Jornalismo da UFMT/CUA, coordenador do Núcleo de Produção Digital do *campus* Araguaia da UFMT. O documentário apresenta um dos rituais dos A'uwé Uptabi (Povo Xavante): a cerimônia Wapté Mnhõnhõ, que marca a transição dos jovens para a vida adulta, introduz os jovens xavantes na vida espiritual e social, promove o contato com as forças da natureza e testam seus limites físicos. A ritualística contava com cantos, danças, pinturas corporais e religiosidade, que juntos simbolizam uma forma de preservar a memória e o processo de resistência cultural transmitido por gerações.

Portanto, compreendemos que o objetivo geral das atividades desenvolvidas nas diferentes fases do projeto foi vivenciar e registrar as manifestações

[28] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GxH-Afqx1vY;t=7s

culturais próprias da etnia Xavante, além de divulgar ações empreendidas por esta comunidade como uma maneira de chamar a atenção para o processo de recuperação de direitos territoriais, debater suas reivindicações e fortalecer as expressões culturais tradicionais, contribuindo para sua continuidade. Concluímos que a iniciativa **Oficina de Produção Audiovisual com Indígenas** foi contributiva para o contato com o cinema, a sua linguagem, as suas formas de realização/produção. Foi importante, sobretudo, para a análise, a busca de alternativas de melhoria dessas problemáticas sociais que os povos indígenas vivenciam na atualidade brasileira com possíveis ações individuais, coletivas, organizacionais e governamentais.

Região Norte

- Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) – Grupo de Pesquisa "Literatura, Arte e Mídia". Projeto de Extensão – **O Cinema e a Literatura em Debate**.

Os dois encontros aqui relatados derivaram do Projeto de Extensão – **Cinema e Literatura em Debate**, existente desde o ano de 2008 na UNITINS, uma iniciativa do curso de Letras. Coordenado pelos professores doutores João Nunes, Kyldes Batista Vicente e demais professores colaboradores, objetivou promover debates e discussões com a comunidade acadêmica, mais especificamente os graduandos do curso de Letras, professores e alunos da educação básica acerca de filmes e obras literárias brasileiras e universais. Além de priorizar a análise do gênero documentário em produções nacionais e internacionais, acerca de temáticas diversas, os encontros enfocaram questões sociais locais, no país e fora dele. Cada um dos encontros foi certificado em quatro horas para os participantes.

O projeto já realizou várias ações desde sua origem, na ocasião relatada exibiu:

> O filme **Quincas Berro D'água** (2010), dirigido por Sérgio Machado, foi exibido na segunda-feira, 20/06/2011, às 19h, no auditório da Unitins – Universidade Estadual do Tocantins, em Palmas, na programação do projeto *Cinema e Literatura em Debate*. O filme é baseado na obra **A morte e a morte de Quincas Berro D'água**, do escritor baiano Jorge Amado, escrita em 1958. Mediado pelas professoras Liliane Scarpin e Sibéria Lima, o evento contou com a participação de professores, acadêmicos e membros da comunidade em geral. (BAYMA, 2011).

Comentários sobre o filme Quincas Berro D'água (2010):

> Quincas Berro D'água é uma comédia com Paulo José, Marieta Severo, Mariana Ximenes, Milton Gonçalves, Othon Bastos, Vladimir Brichta, entre outros, e apresenta Joaquim Soares da Cunha, um respeitado funcionário público, pai e marido dedicado e exemplar que, após se aposentar, abandona a família, a respeitabilidade, os amigos e a tradição. No decorrer da trama o protagonista, agora chamado de Quincas, morre três vezes.
> "A obra fala de um malandro dos dias atuais que, na verdade, é uma pessoa que mudou de vida, trocou a vida que tinha por outra. Nós vamos trabalhar a questão do apolíneo, dionisíaco, dentro da literatura. E é fantástico, pois as coisas acontecem, de maneira, assim, sobrenatural. É comum a sociedade querer que se seja como ela quer, seguindo o estereótipo da pessoa honrada, honesta e de repente o indivíduo querer viver de outra forma, como é o caso do Quincas", comenta Liliane Scarpin. (BAYMA, 2011).

Considerações gerais sobre o encontro realizado:

> Para a professora Liliane Scarpin, ações como essas são importantes para o desenvolvimento cultural e para facilitar a socialização do conhecimento. "O Cinema nacional é relegado para segundo plano, sempre. E é um filme belíssimo, de alta qualidade. Jorge Amado é um grande escritor. E cada vez que trazemos uma obra e vemos o resultado, as pessoas participando, interagindo, compreendemos que temos que continuar desenvolvendo essas ações".
> "É necessário. Quanto maior o grau de desconexão, de desinteresse por parte da sociedade, mais se torna necessário insistir em realizar esses encontros, e, assim, buscar a promoção da coisa literária. E, esse de hoje, então, muitíssimo interessante. Jorge Amado é a cara do povo brasileiro", destacou o escritor e acadêmico de Direito, Osmar Casagrande.
> A professora Sibéria Lima destaca que, "quando o cinema se apropria, fazendo a convergência de uma obra literária para a cinematografia, proporciona uma democratização do conhecimento, pois quem ainda não leu o livro tem a oportunidade de travar conhecimento com a trama. Quincas Berro D'água fala de conflitos humanos, e esses não têm época, de modo que é uma obra bastante atual. Trata da autocobrança e da cobrança da sociedade, por exemplo, e é muito importante discutir esse tema à luz da literatura e do cinema". (BAYMA, 2011).

Evidenciamos que o diálogo proposto pelo corpo docente do curso de Letras da Universidade Estadual do Tocantins e demais colaboradores, por meio do Projeto de Extensão Cinema e Literatura em Debate, foi mediado pelo filme **Quincas Berro D'água**, dirigido por Sérgio Machado (2010). O referido filme fundamentado na novela do escritor baiano Jorge Amado, publicada em 1959, apresenta uma narrativa psicológica, caracterizada pelo realismo fantástico, humor, regionalismo e por críticas sociais, sendo reconhecida nacional e internacionalmente como uma obra de relevância na escrita literária do autor.

Essa ação resultou em práticas reflexivas acerca de estereótipos sociais, de questões filosóficas como o apolíneo e dionisíaco na literatura, bem como a socialização de conhecimento literário, cinematográfico e a valorização de aspectos da cultura nacional pela comunidade acadêmica local. A adaptação da literatura para o cinema

passou por uma releitura do cineasta com leves modificações de falas, de personagens e dados no filme.

Em nossa análise das referidas produções artísticas, escrita e audiovisual, literatura e cinema, desenvolvidas na ação realizada possibilitaram uma democratização do conhecimento pelos elementos desenvolvidos na releitura apresentada na narrativa cinematográfica. Essa oportunizou aos espectadores o contato com um enredo adaptado dinâmico e inovador, abordou aspectos de conflitos humanos entre seus personagens, em uma relação de contextualização entre o passado e o presente, além de retirar o cinema nacional do patamar secundário que por muitas vezes tem sido relegado.

Identificamos que as ações desse projeto em formato de exibição de filmes (cineclube), procedido de debate entre os professores mediadores e os participantes, abordou o cinema na qualidade de comunicação com possibilidades de reflexões diversas, que resultaram na ampliação de conhecimento e no desenvolvimento de repertório cultural. Também concederam ênfase ao gênero documentário e a cinematografia nacional associada à literatura, em uma perspectiva de valorização da produção cultural brasileira, das possíveis temáticas sociais inseridas nelas e das discussões relacionadas ao currículo/conteúdo do curso de Letras.

O segundo encontro selecionado ocorreu no dia 28/11/2012, às 19h30, nas dependências da UNITINS, teve como colaboradores: a professora Rosana Tavares coordenadora do Observatório Estadual da Criança e do Adolescente da Unitins, e os alunos do Colégio Estadual Dom Alano/Palmas/TO. Segundo a premissa de que o Tocantins foi considerado um dos estados brasileiros com alto índice de gravidez na adolescência no período de realização do encontro, logo, a temática abordada no filme exibido e discutido, foi a gravidez precoce.

Filme exibido:

> O filme/documentário "**Ligeiramente Grávidas: Uma transa brasiliana**", do Autor e Diretor tocantinense Hélio Brito, coprodução: Hélio Brito | Virtual Criação e Produção | REDESAT - TV Palmas. O filme aborda a gravidez na adolescência sob a perspectiva de uma sociedade machista, na qual prevalece o dito popular "meu bode eu crio solto, quem tem suas cabritas que as prenda". Exibido no dia 28/11/12, às 19h30, no auditório da universidade. O evento foi aberto à comunidade. (BENTO, 2012).

Considerações sobre o filme debatido:

> O filme traz a discussão sobre a gravidez na adolescência por meio do relato de um grupo de meninas que passaram por esta experiência. Uma trama que envolve desejo, erotismo, informação e transgressão. O drama de meninas que se tornaram mães precocemente. O filme mistura documentário e ficção, que tem como pano de fundo a cidade de Porto Nacional e como trilha sonora um canto gregoriano pop e um rock intitulado "I'm sexy", criadas e produzidas no Tocantins, exclusivamente para esta obra. Após a apresentação do filme, foi aberto o momento para debate entre os participantes. (BENTO, 2012).

Esta iniciativa teve como objeto de análise o documentário **"Ligeiramente Grávidas: Uma transa brasiliana" (2011)**, do autor e diretor tocantinense Hélio Brito, gravado na cidade de Porto Nacional, no estado do Tocantins. Averiguamos que o filme teve como objetivo discutir o contexto machista presente na região, apropriando-se do dito popular "*meu bode eu crio solto, quem tem suas cabritas que prenda*", questão social evidenciada nos depoimentos de um grupo de garotas acerca de seus relacionamentos que resultaram em gravidez ainda na adolescência. Nos depoimentos, as adolescentes mostraram-se despreparadas para serem mães tão jovens, revelaram pouco conhecimento de prevenção e o sentimento de retrocesso em sua vida pessoal e profissional.

O documentário revela as discrepâncias na forma como os garotos e as garotas entrevistadas identificaram suas relações, a falta de experiência, de conhecimentos prévios, a responsabilidade com o outro e a valorização pessoal, com intensidade superior para as garotas pela desvalorização social na qual se inserem, enquanto para os garotos cada relação desenvolvida apenas fez parte de uma fase de sua história. Sabemos que contextos sociais machistas não são um caso específico de localidades no interior do estado do Tocantins, mas de uma grande parcela da sociedade brasileira em suas heranças de retrocessos do patriarcalismo.

Porém, ressaltamos que a iniciativa de apresentação do documentário **"Ligeiramente Grávidas: Uma transa brasiliana" (2011)** para a comunidade acadêmica local e escolas de educação básica, seguida de discussões com os estudantes e as orientações de especialistas acerca das temáticas, evidenciaram a contribuição social do cinema como objeto artístico-cultural. Portanto, ficou evidente que o documentário pôde proporcionar reflexões, aprendizagens e possíveis processos de mudança do comportamento social que resultem na melhoria da qualidade de vida e da convivência social.

- Universidade Federal do Amazonas (INC/UFAM/Benjamin Constant/Campus do Polo Alto Solimões) – Núcleo de Estudos de Pesquisas em Ambientes

Amazônicos (NEPAM) – Projeto de extensão – "**Cine Club Itinerante no Alto Solimões"**.

O projeto de extensão "**Cine Club Itinerante no Alto Solimões"** é uma iniciativa do curso de Pedagogia do Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas (INC/UFAM/Benjamin Constant). O projeto começou suas atividades no ano de 2006 com a nomenclatura inicial de "Dias de cinema e vídeo na UFAM", em exibições temáticas ocorridas de forma esporádica. No ano de 2017, coordenado pelo professor Josenildo Santos de Souza recebeu o título de **"Cine Club Itinerante no Alto Solimões"**. Seu escopo volta-se para a promoção do acesso e a democratização dos bens e fontes culturais pela exibição de filmes (especialmente produções nacionais), formação de plateia, interesse pela arte cinematográfica, a realização de palestras e minicursos acerca de temáticas diversas.

No dia 24 de novembro de 2017 foi realizada a mesa-redonda 'O lixo e o Plano Municipal de Resíduos Sólidos na Amazônia', como parte de uma das ações do referido projeto. O evento teve como proposta convidar a comunidade acadêmica a refletir sobre a problemática ambiental, por intermédio do debate do **'Saneamento Básico - O Filme'** (Jorge Furtado, 2007) e dos documentários: '**Lixo Extraordinário**' (Lucy Walker, 2010) e '**Estamira**' (Marcos Padro, 2004).

A iniciativa promoveu as seguintes palestras: "Gestão Ambiental e a Plano Municipal de Resíduos Sólidos em Benjamin Constant/AM', com o Secretário Municipal de Meio Ambiente do Município no período Elvis Presley Graça Souza; "Lixo como oportunidade de negócio", com o professor Jonas Fernando Petry (INC/UFAM); "Gestão de Resíduos Sólidos em ilhas e várzeas da Amazônia" tendo como palestrante o professor Emerson Dechechi Chambó (INC/UFAM); por fim, encerrando o evento, "Resíduos Sólidos e Educação Ambiental na Amazônia", ministrada pelo professor Josenildo Santos de Souza (INC/UFAM/Benjamin Constant).

O projeto está em andamento[30], vinculado à Pró Reitoria de Extensão e Interiorização (PROEXTI/UFAM), na linha de pesquisa Cinema, Educação e Temas

[30] O projeto **'Cine Club Itinerante no Alto Solimões: filmes e documentários em casa em tempos de isolamento social do Covid-19'**, do Instituto de Natureza e Cultura de Benjamin Constant (INC), em parceria com o Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), coordenado pelo professor Josias Pereira, realizou o **Curso de Metodologia PVE – Edição de Vídeo Prática**, completamente gratuito. O 'Curso de Metodologia PVE – Edição de Vídeo Prática' teve o objetivo de capacitar professores em edição básica utilizando aplicativos de celulares simples. O público-alvo foram os professores da Educação Básica interessados em produzir vídeos educativos usando a metodologia PVE – Edição Parte 1. O curso foi totalmente online no período de 16 de

Contemporâneos do grupo de pesquisa Infâncias, Criança e Educação na Fronteira Amazônica e ao Núcleo de Estudos de Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM). Uma parceria com o Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil – LABPVE, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Plataforma Vídeocamp, e com uma equipe multidisciplinar de professores da UFAM, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Universidade do Estado do Amazonas (UEA), alunos de graduação da UFAM e UEA e da Pós-Graduação dessa instituição e da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Entendemos que a iniciativa identificou o cinema como um bem cultural, fonte de pesquisa e intervenção pedagógica para problematizar questões sociais locais em debates, palestras, minicursos, dentre outras ações. O projeto de extensão direcionou as discussões para o meio ambiente amazonense ao utilizar como objeto de estudo o lixo e o Plano Municipal de Resíduos Sólidos na Amazônia, numa tentativa de buscar familiarizar a comunidade acadêmica com reflexões e abordagens cinematográficas a respeito da temática.

> Os municípios da Amazônia convivem com uma realidade de degradação socioambiental que lhes é peculiar no que tange à destinação do lixo produzido pela população urbana e rural. Segundo dados da ABRELPE na região norte são produzidas 13,6 mil toneladas de lixo/dia de resíduos sólidos urbanos, 35,5% dos quais depositados em lixões. No Amazonas, dos seus 62 municípios, 97% têm lixões a céu aberto. (SOUZA, 2016)[31].

Essa ação fez uso de dois documentários e um longa-metragem, produções nacionais com indagações acerca do meio ambiente, respaldando-se em legislações nacionais e municipais, especialmente a **Lei nº 13.006/14**, que integra o cinema nacional como proposta pedagógica nos ambientes educacionais. Observamos que essa iniciativa procurou analisar os efeitos da ação humana ao meio ambiente, visto que estas resultaram em degradação, alterações e desequilíbrio. Portanto, teve como propósito a elaboração de novas metas para minimizar esses problemas, em ações individuais, coletivas e do poder público municipal e estadual pela criação de aterros adequados, coleta seletiva e planos de redução geração de resíduos sólidos.

---

novembro de 2020 a 15 de dezembro de 2020, distribuído em módulos: 1º módulo – audiovisual básico (16 a 21 de novembro de 2020); 2º módulo – animação (23 a 28 de novembro de 2020); 3º módulo – vídeo foto (30 de novembro a 5 de dezembro de 2020); trabalho final (5 a 15 de dezembro de 2020).

[31] Texto extraído da palestra do professor Josenildo Santos Souza, intitulada – **Resíduos Sólidos e Educação Ambiental na Amazônia.**

> A crise ambiental é o efeito trágico de um modelo de "civilização" pautado por uma racionalidade que privilegia os ganhos econômicos e se baseia em arsenais de ponta produzidos pela ciência e tecnologia. Em outras palavras, a crise é fruto de um modo de pensar que permite que os homens intervenham no meio ambiente de maneira deletéria super explorando a natureza e discriminando os modos de vida alternativos. [...]. A crise ambiental do mundo globalizado do século XXI revela a ilusão e as contradições eco destrutivas da racionalidade moderna que, no limite, colocam em risco a própria vida no planeta Terra. A consciência da dimensão global da crise ambiental impôs um desafio de vida ou morte para as gerações do século XXI, um desafio que nos obriga a pensar e agir de modo radicalmente diferente. (CAROLA, 2010, p. 175).

Por conseguinte, compreendemos que as questões ambientais locais, regionais e mundiais são essenciais para a sociedade contemporânea, estas precisam proporcionar distintas reflexões que resultem em ações para o presente século. Iniciativas concretas que envolvam responsabilidade individual, coletiva e mundial, alicerçadas por diferentes setores ou sistemas sociais, com propostas de mudanças significativas para a preservação da vida em sua diversidade no planeta.

Região Sul

Antes de iniciarmos as discussões acerca das iniciativas de formação inicial na interface da educação e o cinema desenvolvidos na região sul, identificamos a presença de várias ações promovidas por faculdades de educação e licenciaturas voltadas para a formação continuada de professores da educação básica. Embora o nosso objetivo de pesquisa seja a formação inicial, essas iniciativas de formação continuada são referências regionais de atuação conjunta com secretarias municipais e estaduais de educação. Dentre elas, consideramos imprescindível mencionarmos as ações desenvolvidas na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS) pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social no Curso de Extensão – **"A vida e o cinema na formação de professores"**[32] e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Laboratório de

[32] Este curso de formação continuada para professores fez parte do projeto intitulado **"Em tempos de formação – o cinema, a vida e o cuidado de si Exercícios autobiográficos e coletivos na atividade docente"**, foi coordenado pela professora Valeska Maria Fortes de Oliveira e dividido em dois módulos: o primeiro abordou o cinema na vida do professor – vivências e histórias pessoais, realizado no primeiro semestre de 2013, a partir do dia 24 de junho, com cinco encontros quinzenais às segundas-feiras, presenciais e à distância, através da Plataforma Moodle, a partir das 18h30, na sede do Sindicato dos Professores Municipais de Santa Maria (SINPROSM), entidade parceira no desenvolvimento desta ação de formação. O segundo módulo: **o cinema em sala de aula – práticas docentes e arte cinematográfica,** foi realizado no segundo semestre de 2013, a partir de 09 de setembro, com certificação de 60h para os dois módulos, ou relativo a cada módulo cursado, esta etapa também ocorreu na sede do SINPROSM e teve o intuito de "propor uma formação ético-estética que auxiliasse na percepção em relação aos sentidos e significados construídos sobre cinema pelos professores participantes".

Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS) do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. **Oficina de Animação com Recortes de Papel**[33].

- Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA (Foz do Iguaçu/PR). Projeto de extensão – **Cineclube Cinelatino: Imagens da América Latina a serem decifradas.**

O Cineclube Cinelatino teve origem no ano de 2012, uma atividade conjunta entre os cursos de Cinema e Audiovisual, Arquitetura e Urbanismo, Relações Internacionais e Integração da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Seu objetivo inicial foi preencher as lacunas existentes pela ausência de cineclubes, cinematecas ou cinemas de arte em Foz do Iguaçu e, ao mesmo tempo, dialogar com os países vizinhos, fortalecendo os laços com a comunidade acadêmica brasileira e externa. Desde o seu surgimento até o presente ano, o projeto já apresentou uma variedade de filmes nas mais diversas temáticas, sempre seguindo a estrutura de debates após as apresentações.

> O cineclube, afinal, é uma associação de amantes do cinema que se organizam para ver, discutir e refletir sobre filmes previamente selecionados. Nesse sentido, com relação à nossa curadoria, a eleição das temáticas de cada mostra ocorreu com base na relevância ou urgência de determinados assuntos (sociais, políticos, econômicos etc.) em cada momento, além de sua pertinência em um meio universitário. É importante ressaltar que algumas mostras/ciclos foram articuladas com componentes curriculares da UNILA, bem como com outros projetos de extensão e pesquisa da instituição. Nesse sentido, o Cinelatino é um cineclube que nas práticas de selecionar, exibir e debater películas procurou dar ênfase ao tripé universitário por meio da articulação entre extensão, ensino e pesquisa. (SPYER; NAME, 2020, p. 06 - 07).

---

[33] **O Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS/UFSC)** foi criado em 1994, uma iniciativa do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, com o objetivo de investigar a utilização de produções audiovisuais na pesquisa e no ensino de história, este passou por algumas fases e objetivos desde a sua criação. A partir do ano de 2009, começou a oferecer oficinas para professores de escolas públicas, direcionadas para a produção de animação no espaço escolar (técnica de *stop motion* com recorte em papel), sob a coordenação do professor doutor Henrique Luiz Pereira Oliveira com assessoria de técnicos, alunos bolsistas e colaboradores. Em 2013, foram realizadas oficinas para três turmas de professores, a primeira delas foi ofertada para os professores das escolas integrais da rede municipal de Ensino da cidade de São José, a partir de solicitação feita pela Secretaria Municipal de Educação, participaram 21 cursistas, ocorreu nos dias 19/06/13, 26/06/13, 03/07/13, 17/07/13 e 07/08/13, das 13h30 às 17h00, no Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som LAPIS/CFH/UFSC – (*campus* de Florianópolis). **Objetivos, conteúdos e metodologia da Oficina**: preparar os professores para que eles possam produzir animações com alunos do Ensino Fundamental. Compreende seis momentos: introdução à metodologia e criação da narrativa. Introdução aos fundamentos da narrativa audiovisual e elaboração do storyboard. Concepção e produção dos cenários, personagens e adereços. Gravação da animação. Montagem da animação, adição do áudio, título e créditos e a avaliação dos resultados, esclarecimento de dúvidas e orientações visando auxiliar os professores na aplicação da metodologia com os seus alunos.

Atualmente é coordenado pela professora Ester Marçal Fér, com a participação de um grupo de colaboradores, de alunos bolsistas e voluntários. É aberto para o público geral, especialmente alunos, professores e servidores da instituição interessados na temática. Procura formar um público cineclubista, ampliar o conhecimento e o debate acerca das produções latino-americanas e caribenhas pela exibição de filmes independentes e alternativos, que não costumam estar em cartaz nos cinemas comerciais pelo interior do país.

Identificamos que se trata de uma ação em parceria com o CineCataratas, uma vez que as sessões do Cinelatino ocorrem mensalmente em suas dependências, de forma gratuita ou a preços populares, segundo o propósito da formação de público e o incentivo à cultura. Apresenta parceria com a plataforma *Mubi*[34] que concede acesso gratuito por 30 dias a um catálogo de filmes clássicos, produções independentes e títulos presentes em festivais, com a distribuidora Pandora Filmes que oferece um cupom de acesso gratuito durante um mês à plataforma Belas Artes À La Carte, com um acervo de filmes *cults*, clássicos e contemporâneos.

> O Cinelatino apresenta uma abordagem multicultural e multidisciplinar, pois o cineclube busca promover sessões de filmes a partir de mostras/ciclos temáticos seguidos de debates com convidados de diversas origens e nacionalidades. Geralmente, os debatedores de cada sessão são uma combinação entre discentes, docentes, técnicos ou técnicas da universidade e comunidade externa. Desse modo, ao término de cada sessão, ocorrem discussões com o público presente mediadas pelo conjunto de debatedores e debatedoras. Procurando estimular a integração latino-americana por meio do cinema, nossas sessões são organizadas e construídas em conjunto com a comunidade. Um de nossos objetivos centrais é estimular pessoas que não pertencem ao meio universitário, que ainda estão em fase de formação, a ter o hábito de frequentar exibições audiovisuais fora do escopo do cinema hegemônico. As pessoas são convidadas a conhecer a América Latina e o Caribe e algumas das principais questões que envolvem essa região por meio da compreensão das especificidades da linguagem cinematográfica produzida pela e na América Latina e no Caribe. (SPYER; NAME, 2020, p. 06).

Averiguamos que devido às restrições colocadas pela Pandemia de Coronavírus (COVID-19), o projeto Cineclube Cinelatino passou a ser desenvolvido em formato on-line: *site* e canal no YouTube. Em 2020, organizou a **“Mostra Latino-**

[34] Mubi é uma plataforma com o propósito de facilitar o acesso a filmes clássicos por streaming. Também se compromete a apresentar produções que são destaque nos festivais de cinema, porém que não têm espaço no circuito tradicional de exibições. Com isso, é possível dizer que o público-alvo da plataforma são cinéfilos e estudantes de Cinema; pessoas dispostas a consumir filmes, curtas e documentários de diferentes nacionalidades e os clássicos da sétima arte.

Americana e Caribenha Curtas de Escolas"[35], que ocorreu nos dias 07, 08 e 09 dezembro. Durante esse período, sete curtas-metragens foram disponibilizados gratuitamente em seu *site*, além das exibições, houve dois dias de debates em relação a "Fazer cinema na América Latina e Caribe", com a participação de realizadores e convidados, sendo transmitidos ao vivo pelo canal do Cinelatino no YouTube[36].

Cabe salientarmos que o cineclubismo latino-americano teve seu auge na década de 1960, como resultado do fortalecimento dos movimentos sociais impulsionados por questões histórico-sociais ocorridas no período, sofreu quedas na América do Sul, especialmente pelas ditaduras militares e os modelos socioeconômicos em desenvolvimento na região. Porém, nas décadas de 1990 e 2000 ressurgiram, foram fortalecidos e se mantêm até a atualidade, sendo a maioria deles vinculados a universidades públicas (SPYER; NAME, 2020). Os cineclubes popularizaram-se no Brasil, mais especificamente no ano de 1962 foi criado o Conselho Nacional de Cineclubes (CNC), sendo denominado posteriormente de Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros. Essa entidade busca o desenvolvimento de políticas públicas para o audiovisual com participação em ações que incentivam a expansão cineclubista.

- Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR) – Departamento de Teoria e Prática da Educação – (campus sede). Curso de extensão – **O cinema no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica**.

O curso de extensão intitulado **O cinema no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica** foi promovido pela professora doutora

[35] Filmes exibidos: Bolívia – Cerro pata – direção de Pamela Vizcarra (UMSA), Insomnias – direção de Sofía Sevilla (Escuela Andina de Cinematografía). Fiebre felina – direção de Esperanza Eyzaguirre (Warmi Fílmica). Colômbia – De muertos y flores – direção de Mateo Salas (Universidad de Antioquia – Facultad de Comunicaciones). Lo familiar y lo extraño – direção do Colectivo Ver. Paraguai – La Yuyera – direção de Mariae Avalos (UNILA). República Dominicana – El princípio del fin – direção de Dalissa Montes de Oca (Chavón La Escuela de Diseño). O debate do dia 08/12/20, às 19h, contou com a participação de Sofía Sevilla (Insomnias), Esperanza Eyzaguirre (Fiebre Felina) e Mateo Salas (De muertos y flores), além de Sebastián Morales Coffer, coordenador do curso de Cinema da Universidad Mayor de San Andrés; Eduardo Dias Fonseca, coordenador do curso de Cinema e Audiovisual da UNILA; e Camila Vital, coordenadora do Cineclube Cinelatino. A mediação ficou a cargo da estudante Cybele Verazaín Zuazo, do curso de Cinema e Audiovisual da UNILA. Já o debate do dia 09/12/20, também às 19h, contou com a participação de Pamela Vizcarra (Cerro Pata), Mariae Avalos (La Yuyera), Luis Felipe Zarama (Lo familiar y lo extraño) e Dalissa Montes De Oca (El princípio del fin), além de Tanya Valette, diretora da Escuela Diseño Altos de Chávon; e Anna Fonseca, coordenadora do Cineclube Cinelatino. A mediação foi da estudante Cybele Verazàin, do curso de Cinema e Audiovisual da UNILA. A Mostra: 07 a 09 de dezembro, no site do Cineclube Cinelatino. Debates: 08 e 09 de dezembro, às 19h, no canal do Cinelatino no YouTube.

[36] Disponível em: https://portal.unila.edu.br/eventos/cinelatino-201cmostra-latino-americana-e-caribenha-curtas-de-escolas201d

Teresa Kazuko Teruya do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá-PR (UEM). Contou com a participação do mestrando Delton Aparecido Felipe (o curso era uma atividade de sua pesquisa em desenvolvimento no período), em uma parceria com o Núcleo Regional de Educação de Maringá (NRE), destinado à formação de professores da rede estadual paranaense.

O objetivo do curso foi investigar as representações dos professores a respeito da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica, outorgada pela **Lei nº 10.639/2003**. Foram organizados seis encontros, entre os dias 08/04 e 20/05 do ano de 2008, às terças-feiras, das 8h00 às 12h00, totalizando 30 horas/aula. Obteve sessenta e três participantes, que no período eram docentes da rede estadual de educação de Maringá e região. A maioria deles atuavam na disciplina de História, mas também havia cursistas de outras áreas, tais como: Artes, Ciências biológicas, Ensino religioso, Geografia, Matemática e Língua portuguesa.

Alguns dados sobre os instrumentos e as estratégias utilizadas na realização do curso:

> Durante os encontros com os professores e professoras, utilizamos dois instrumentos de coleta de dados: (1) questionário semiestruturado, com questões fechadas e abertas. Optamos por esse modelo de questionário porque permite aos sujeitos expressarem suas opiniões. (2) as notas de campo que intitulamos de Diário de Bordo, para coletar informações que não apareciam nos questionários. Além disso, o Diário de Bordo possibilitou relatar as impressões dos pesquisadores diante de várias discussões feitas durante o curso. [...]. No decorrer do curso, em diferentes momentos, os cursistas narraram suas representações sobre a **Lei nº 10.639/2003**, os dilemas acerca de sua formação profissional e tensões teóricas em suas práticas provocadas pelo ensino da História e Cultura Afro-Brasileira diante de possíveis conflitos étnico-raciais na escola, especificamente na sala de aula. (TERUYA; FELIPE, 2012, p. 210 - 211).

As intervenções pedagógicas com o cinema:

> Analisamos a intervenção pedagógica com os filmes no ensino de história e cultura afro-brasileira e africana como fonte de pesquisa histórica na educação básica. Para alcançar esse objetivo, estabelecemos a seguinte questão norteadora: de que maneira o uso do cinema como fonte de pesquisa pode colaborar com o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, como propõe a **Lei nº 10.639/2003?** [...]. As discussões durante o curso de extensão foram suscitadas ora por uma cena do filme exibido, ora pela fala de outro professor ou professora. Vários cursistas utilizaram-se das imagens fílmicas para verbalizarem os seus sentimentos e suas concepções em relação ao ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação escolar. [...]. O cinema, além de ampliar a nossa reflexão sobre os diversos temas sociais, permite investigar outras fontes que vão além do currículo oficial, potencializando a formação de cidadãos dispostos a perceber a diferença. A educação escolar, com base em um currículo que contempla o outro, requer uma reflexão social para subsidiar a formação dos

> educadores e educadoras no cumprimento de uma das exigências da prática docente atual, que é a realização de uma análise das imagens que representam o mundo contemporâneo. (TERUYA; FELIPE, 2012, p. 212).

Os filmes utilizados e os resultados obtidos:

> Durante o curso, exibimos três narrativas fílmicas: Amistad (1997) de Steven Spielberg; Macunaíma: um herói de nossa gente (1969) de Joaquim de Andrade e Vista a minha pele (2003) de Joel Zito Araújo. Verificamos que os filmes provocaram reflexões sobre a prática docente, problematizando os conceitos de raça, etnia, igualdade, diferença, cultura e conhecimento. [...]. As análises dos dados obtidos indicam que a intervenção pedagógica com as narrativas fílmicas e as discussões contribuíram para ampliar o conhecimento dos docentes sobre os filmes e repensar as suas subjetividades, posturas pessoais e os preconceitos historicamente assumidos. Concluímos que, na educação escolar, a utilização das narrativas fílmicas é um caminho possível para serem discutidas as questões desafiadoras da nossa atualidade. (FELIPE, 2009, p. 07).

Entendemos que o curso priorizou o cinema como uma intervenção pedagógica, sob a perspectiva de uma legislação vigente para o ensino de História no país (**Lei nº 10.639/2003**, acerca da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica). Fez uso de cenas específicas de alguns filmes para promover a sensibilização, as discussões e a conscientização para o processo de formação almejado, incentivou o olhar em relação às imagens com ênfase em seu contexto estético e ideológico.

Observamos que o curso realizou uma abordagem com o cinema segundo a perspectiva do currículo/conteúdo, explorando uma temática imprescindível para a sociedade brasileira, por todo o processo histórico conflituoso no qual o africano foi inserido nesse país, seus reflexos culturais expressos em hábitos, crenças e costumes presentes na sociedade brasileira e as dificuldades que o afro-brasileiros se deparam na atualidade. A ação foi promotora de debates entre os cursistas que evidenciaram as dificuldades de se trabalhar com a temática devido ao contexto de atuação, uma formação acadêmica que não lhe deu respaldo teórico no período, bem como o pouco acesso à divulgação de materiais.

A iniciativa também identificou o cinema como uma fonte de pesquisa, com potencial no campo da História e da Educação, uma vez que possibilita reflexões, investigações e problematizações que podem resultar em formação pessoal, profissional, gerar ações e intervenções sociais, em especial no processo educacional brasileiro. A discussão acerca da **Lei nº 10.639/2003** é uma ação considerável para a problematização e a efetivação legal dessa temática na sociedade brasileira. Portanto, compreendemos que o encontro problematizou o processo histórico de valorização da diversidade cultural, da

convivência social nesse território que ainda carece de mais conhecimento sobre as africanidades[37], o respeito aos afro-brasileiros em suas tradições histórico-culturais e as suas contribuições na qualidade de cidadãos desse país.

Ressaltamos que após a promulgação da **Lei nº 10.639/2003**, uma quantidade significativa de materiais acerca da História e a Cultura Afro-Brasileira, da História da África e dos Africanos e do negro na formação da sociedade nacional tem sido publicada em diferentes meios e formatos, dentre eles, podemos mencionar os livros **Negritude, Cinema e Educação: caminhos para a implementação da Lei nº 10.639/2003**. Esses fazem parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE do Professor 2013) e foram organizados por Edileuza Penha de Souza em dois volumes no ano de 2011, em parceria com um grupo de pesquisadores. A iniciativa começou a ser gestada no ano de 2005 e resultou em trinta artigos com análise de filmes nacionais e internacionais relacionadas a temática.

> Levar o cinema para a sala de aula é mais do que projetar a implementação da **Lei Federal nº 10.639/2003**. É, sem dúvida alguma, estimular nossos alunos a encontrar no suspense, na ficção, no drama, na comédia ou na animação, entre outras categorias cinematográficas, recursos para construção coletiva de uma escola democrática e harmônica, em que o compromisso com respeito à diversidade e à construção da cidadania esteja pautado nos critérios e escolhas do roteiro curricular. Acreditamos na memória, na circularidade, na corporalidade e na ancestralidade negra. E, por consequência, sabemos o quanto a vida, a arte, o cinema, a educação, a escola e a sala de aula, são resultantes de esforços coletivos. (SOUZA, 2011, p. 14 - 15).

Frisamos que essa publicação é uma importante iniciativa e referência para as discussões propostas pela referida legislação nos ambientes educacionais e apresentam o cinema como uma intervenção pedagógica que incentiva debates variados em torno das questões que as diferentes produções cinematográficas podem propiciar. Com narrativas que colocam os espectadores na posição de quem experimenta algo, diante de escolhas, de conflitos, de experiências que possibilitem pensar diferente, sugere posicionamentos

---

[37] "Representam a somatória de diversas características de um ser humano que necessariamente tem origem africana, por exemplo: seu modo de viver, de ser, sua culinária, sua música, suas tradições, seus costumes, suas religiões etc., inerente aos afrodescendentes. São raízes ou marcas culturais, de origem africana, que se arrastam com o tempo em uma sucessão de gerações, independente da origem étnica de determinada pessoa, bastando apenar ter origem no Continente Africano. Podemos atribuir as africanidades ao fenômeno sociocultural da Diáspora Africana (ou Diáspora Negra), onde os africanos imigraram forçadamente para diversos cantos do mundo, por fins escravagistas. Não renunciando a suas raízes e nem se rendendo a outra cultura, os africanos acabaram plantando sementes culturais que germinaram e cresceram por todo o mundo". Disponível em: https://mcdovanci.jusbrasil.com.br/artigos/127807353/africanidade-constituicao-federal-e-a-lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional

éticos acerca de fatos cotidianos, sociais, culturais ou políticos que são expostos em seu contexto social.

Perfizemos este capítulo considerando os objetivos desenvolvidos nas iniciativas com o cinema na educação superior pública, promovidas nas cinco regiões do território brasileiro, entre os anos de 2008 e 2018.

As iniciativas selecionadas para este estudo estão em conformidade com a perspectiva da transversalidade, uma vez que, priorizam as diversas áreas do conhecimento que fundamentam os programas de graduação e pós-graduação em: Educação, Cinema e audiovisual, Pedagogia, Medicina social, Ciências, Psicologia, Matemática, Geografia, Jornalismo, Letras, Física, Artes e História. Elas tiveram como objetivo promover para os estudantes um desenvolvimento de natureza ética, política e social, com experiências teóricas e práticas direcionadas para o desenvolvimento de reflexões, questionamentos, sensibilidade, consciência crítica e criativa, alteridade, educação do olhar e intelectualidade.

As ações apresentadas anteriormente são algumas das potencialidades que podem ser alcançadas pelo uso didático e pedagógico com filmes nos ambientes educacionais. Em vista disso, as possibilidades de abordagem são múltiplas. Contudo, convém aos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem incentivarem, aperfeiçoarem e ampliarem as iniciativas e reflexões na interface da educação e o cinema, em especial na educação superior, público-alvo das discussões que permeiam este estudo.

Por conseguinte, o processo que envolveu a identificação das iniciativas acerca da educação e do cinema nas cinco regiões do país nos possibilitou uma melhor visibilidade da estrutura formativa educacional presente nas instituições pesquisadas, nos diferentes territórios que compõem o Brasil. Também permitiu observarmos suas qualidades, ausências e emergências, respaldadas em seu contexto histórico social, em questões específicas locais, regionais e nacionais, as necessidades de melhorias no campo educacional e como o cinema pode contribuir nesse processo.

Em uma breve análise quantitativa das atividades promovidas nas dezenove iniciativas de formação inicial e continuada para docentes, selecionadas nesta pesquisa, foi possível verificar que estas foram realizadas conforme o seguinte formato: seis cursos de extensão; um minicurso; uma mostra; quatro oficinas; cinco projetos de extensão e duas disciplinas. As informações apresentadas instam-nos à discussão de que a instituições de ensino superior em educação e licenciaturas no país ainda priorizam sobremaneira a relação entre a educação e o cinema como atividade suplementar e/ou

optativa. No entanto, reconhecemos a importância do empenho das instituições de ensino superior em iniciativas acerca da educação e o cinema, além dos resultados significativos e contributivos que elas promoveram.

Por isso, observamos que as relações entre a educação e o cinema precisam ser aprimoradas e tornarem-se regulares, em disciplinas obrigatórias nas faculdades de educação e demais licenciaturas pelo país. Sabemos que o cinema não é um campo científico, porém é compreendido como arte, comunicação e indústria cultural, portanto, exerce influência social e dialoga com as diferentes áreas do conhecimento humano. Nesta direção, finalizamos este capítulo evidenciando a urgência da elaboração de uma disciplina regular no que diz respeito a uma formação geral acerca da educação e do cinema para integrar as estruturas curriculares nas faculdades de educação e licenciaturas no país.

2.1. Quadro demonstrativo: iniciativas de formação docente

O objetivo do quadro apresentado na sequência é sintetizar os aspectos gerais que se configuraram como prioritários na abordagem concedida em cada uma das iniciativas na interface educação e cinema evidenciados neste estudo.

Abordagem: cinema e educação	**Iniciativas de Formação de Docente: cinema**
A Linguagem Cinematográfica	• UFRN – Minicurso – "**Fundamentos do Cinema para o Professor de Física"**. • UFSM/RS – Curso de Extensão – **"A vida e o cinema na formação de professores"**. • UFTM/MG – Oficina - **"Cinema e aprendizagens possíveis**. • UNB – Curso de Extensão – **Cinema, Educação e Pensamento Contemporâneo**. • UFMT (Campus do Araguaia) – Projeto de Extensão Cineclube Roncador – **Oficina: produção audiovisual com indígenas**. • FE/Unicamp/SP – Projeto de pesquisa, extensão e docência. **Linguagem e Arte Cinematográfica na Educação – tecnologia**, **imaginação e memória**. • UFSC – Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som – **Oficina de Animação com Recortes de Papel**. • UNILA (Foz do Iguaçu/PR). Projeto de extensão – **Cineclube Cinelatino: Imagens da América Latina a serem decifradas.** • (FEUSP). Disciplina: EDA0646 – **Cinema e Educação: Pressão Pedagógica e Imaginários Contemporâneos.**
As Temáticas	

	• UEPB – Oficina – **Cinema & formação de professores: o trabalho com o tema transversal de pluralidade cultura a partir do filme "A princesa e o sapo"**. • UFRN – Minicurso – "**Fundamentos do Cinema para o Professor de Física"**. • UEM/PR – Curso de extensão – **O cinema no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica**. • FMRP/USP – Curso de extensão – **Cinema: uma ferramenta pedagógica e humanistas para temas em saúde e educação. A experiência do CineSocial**. • UFTM/MG – Oficina - **"Cinema e aprendizagens possíveis**. • UEG – **VI Mostra de Filmes: a educação estética da infância**. • UNB – Curso de Extensão – **Cinema, Educação e Pensamento Contemporâneo**. • UNITINS – Projeto de Extensão – **O Cinema e a Literatura em Debate**. • UFMT (Campus do Araguaia) – Projeto de Extensão Cineclube Roncador – **Oficina: produção audiovisual com indígenas**. • UNILA (Foz do Iguaçu/PR). Projeto de extensão – **Cineclube Cinelatino: Imagens da América Latina a serem decifradas.** • UFAM/INC (Benjamin Constant/Campus do Polo Alto Solimões) – Projeto de extensão "**Cine Club Itinerante no Alto Solimões"**. • (FEUSP). Disciplina: EDA0646 – **Cinema e Educação: Pressão Pedagógica e Imaginários Contemporâneos.**
A História e a Teoria de Cinema	• UEPB – Curso de Extensão – **"Cinema e História da Educação".** • UFSM/RS – Curso de Extensão – **"A vida e o cinema na formação de professores".** • UFRJ – Curso de Extensão **– "Cinema para Aprender e Desaprender".** • UNB – Curso de Extensão – **Cinema, Educação e Pensamento Contemporâneo.** • UFTM/MG – Oficina - **"Cinema e aprendizagens possíveis.** • UFRN – Minicurso – "**Fundamentos do Cinema para o Professor de Física".** • FE/Unicamp/SP – Projeto de pesquisa, extensão e docência. **Linguagem e Arte Cinematográfica na Educação – tecnologia, imaginação e memória.** • UNILA (Foz do Iguaçu/PR). Projeto de extensão – **Cineclube Cinelatino: Imagens da América Latina a serem decifradas.** • Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Disciplina: EDA0646 – **Cinema e Educação: Pressão Pedagógica e Imaginários Contemporâneos.**
Análise das imagens	• UEPB – Oficina – **Cinema & formação de professores: o trabalho com o tema transversal de pluralidade cultura a partir do filme "A princesa e o sapo".** • UFSM/RS – Curso de Extensão – **"A vida e o cinema na formação de professores".** • UEM/PR – Curso de Extensão – **O cinema no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica.** • UNB – Curso de Extensão – **Cinema, Educação e Pensamento Contemporâneo.** • UNILA (Foz do Iguaçu/PR). Projeto de extensão – **Cineclube Cinelatino: Imagens da América Latina a serem decifradas.** • (FEUSP). Disciplina: EDA0646 – **Cinema e Educação: Pressão Pedagógica e Imaginários Contemporâneos.**

As Experiências teóricas: estudante espectador	• UFSM/RS – Curso de Extensão – **"A vida e o cinema na formação de professores".** • UEPB – Curso de Extensão – **"Cinema e História da Educação".** • UFTM/MG – Oficina - **"Cinema e aprendizagens possíveis.** • UFRJ – Curso de Extensão **– "Cinema para Aprender e Desaprender".** • UNILA (Foz do Iguaçu/PR). Projeto de Extensão – **Cineclube Cinelatino: Imagens da América Latina a serem decifradas.** • UFAM/INC (Benjamin Constant/Campus do Polo Alto Solimões) – Projeto de Extensão "**Cine Club Itinerante no Alto Solimões"**. • (FEUSP). Disciplina: EDA0646 – **Cinema e Educação: Pressão Pedagógica e Imaginários Contemporâneos.**
As Experiências práticas: estudante produtor	• UFSM/RS – Curso de Extensão – **"A vida e o cinema na formação de professores".** • UFRJ – Curso de Extensão **– "Cinema para Aprender e Desaprender".** • UFTM/MG – Oficina - **"Cinema e aprendizagens possíveis.** • UFMT (Campus do Araguaia) – Projeto de Extensão Cineclube Roncador – **Oficina: produção audiovisual com indígenas**. • FE/Unicamp/SP – Projeto de pesquisa, extensão e docência. **Linguagem e Arte Cinematográfica na Educação – tecnologia, imaginação e memória.** • UFSC – Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som – **Oficina de Animação com Recortes de Papel**.

Capítulo III

3. Educação e Cinema: aspectos teóricos e metodológicos

> A arte, para permanecer arte, deve permanecer um fermento de anarquia, de escândalo, de desordem. **A arte é por definição um elemento perturbador dentro da instituição.** Ela não pode ser concebida pelo aluno sem a experiência do "fazer" e sem o contato com o artista, **o profissional, entendido como corpo "estranho" à escola, como elemento felizmente perturbador de seu sistema de valores, de comportamento e de suas normas relacionais**. A arte não deve ser nem a propriedade, nem a reserva de mercado de um professor especialista. Tanto para os alunos quanto para os professores, ela deve ser, na escola, uma experiência de outra natureza que não a do curso localizado. (BERGALA, 2008, p. 30, grifo nosso).

É neste contexto de valorização do cinema nos ambientes educacionais, para além do entretenimento, de superação de seu processo de instrumentalização e do reconhecimento como fonte de conhecimento que se respaldará a formação audiovisual docente, a ser proposta na elaboração de uma disciplina a respeito da educação e o cinema nesta pesquisa. Uma formação que objetiva conceder subsídios teóricos e práticos para que os professores possam orientar os estudantes a verem um filme identificando a qualidade do que se vê, ampliando a apreciação estética, uma vez que o cinema é uma importante arte visual na atualidade com poder de atração e potencial criativo.

Ao mesmo tempo, ao valorizar o cinema como um audiovisual estamos optando por uma ferramenta que instrumentaliza os sujeitos da sociedade contemporânea a manejar uma ampla gama de aspectos tais como as mídias tecnológicas e o universo de conhecimentos humanísticos que ela pode proporcionar. Contudo, sabemos que esta seria uma outra tese.

Estamos imersos em uma cultura da imagem como elemento de aprendizagem, logo, assistir a um filme é algo comum na sociedade contemporânea. Todavia, ressaltamos a importância de se conhecer os processos de elaboração e produção de um filme: a linguagem, as técnicas, o contexto e as temáticas utilizadas como processo de formação para os professores e para os estudantes. Assim, além das iniciativas com o cinema nos ambientes educacionais sob a ênfase da análise de filmes, da leitura crítica deles, convém considerarmos também o seu potencial, na qualidade de leitura criativa, dos estudantes espectadores, para os estudantes também produtores/autores, em contextos de criação mediados por "imaginação, emoções, escolhas e incertezas".

Por conseguinte, sugerimos uma formação estética audiovisual para favorecer o contato dos estudantes com filmes de valor artístico e culturalmente reconhecido. Logo, faz-se necessário romper com o ciclo de acesso aos filmes hollywoodianos como padrão estético e hegemônico no mercado mundial para que os estudantes possam aprender a analisar e apreciar um filme por terem acesso a diferentes estéticas, narrativas, territórios, tempos e culturas, e que os espectadores em formação prolonguem o contato com os filmes para observarem, analisarem e tecerem novas perspectivas em criação e invenção.

No que se refere à criação, à utilização e aos efeitos das imagens veiculadas em diferentes mídias, reconhecemos que as imagens são feitas por especialistas e seguem uma série de regras específicas, logo, além das técnicas e dos métodos de comunicação utilizadas para chamar a atenção dos receptores, elas estão pautadas nas representatividades dos seus idealizadores/produtores. Dessa forma, os produtores direcionam o olhar dos receptores para o que eles desejam evidenciar nas imagens, uma vez que elas "não narram os acontecimentos, elas os mostram, mesmo quando nos mostram seu desenrolar sequencialmente, do começo até o fim. Elas se limitam a fazer-nos ver algo. Assim, em que consiste este ver?" (SORLIN, 1994, p. 88).

A presença constante das imagens no cotidiano estimula e indaga a seus receptores acerca do que significam esses reflexos do mundo. O que elas podem nos dizer e nos propor? Quais relações se podem estabelecer com elas? Quais seriam suas significações e subjetivações? Quais provocações para nosso imaginário são moldadas pelos movimentos, sons, cores, gestos, formas, técnicas variadas e, sobretudo, pela montagem, que sugere a ideia de sucessão delas.

> No cinema, as relações entre o visível e o invisível, a interação entre o dado imediato e sua significação, tornam-se mais intrincadas. A sucessão de imagens criadas pela montagem produz relações novas a todo instante e sempre levados a estabelecer ligações propriamente não existentes na tela. A montagem sugere, nós deduzimos. As significações engendram-se menos por força de isolamento e mais por força de contextualização para os quais o cinema possui uma liberdade invejável. É sabido que a combinação de imagens cria significados não presentes em cada uma isoladamente. É célebre o experimento do cineasta russo Kulechov, primeiro grande teórico da montagem. Selecionando uma única tomada do rosto de um ator e inserindo-a em contextos diferentes, chegou a conclusões radicais: a cada combinação o rosto parecia expressar algo bem diferente num espectro que incluía ternura, fome e alegria. (XAVIER, 2003, p. 33).

Reiteramos que esta pesquisa objetiva contribuir para o processo de formação profissional docente com a elaboração de uma disciplina específica acerca da

educação e o cinema em cursos de graduação em Pedagogia e demais licenciaturas. Tal empreendimento justifica-se quando observadas as análises realizadas em capítulo precedente que evidenciam que, apesar de haver muitas iniciativas relacionadas à integração da educação com o cinema, poucas instituições de ensino superior apresentaram em suas grades curriculares disciplinas em seus cursos de graduação em Pedagogia e pós-graduação em Educação. Quando o fazem são de natureza opcional.

Descrevemos neste estudo duas disciplinas ofertadas pelas Faculdades de Educação da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual de Campinas, em seus cursos de graduação em Pedagogia e pós-graduação em Educação. Refletimos a respeito das ações de instituições de dois grandes centros urbanos da região sudeste que priorizaram temas em suas disciplinas acerca da educação e o cinema, quais sejam a linguagem cinematográfica, as suas técnicas e a produção de documentários, a análise de narrativas, indagações filosóficas que permeiam os imaginários contemporâneos, as influências das imagens nos modos de vida e a definição de fundamentos educativos.

Para Grace C. Thiel e Janice C. Thiel (2009), o cinema é conhecido como a “sétima arte” por reunir elementos da literatura, da arquitetura, das artes cênicas e da música, além de suas características próprias. Em sua recepção e leitura nos ambientes educacionais, é apropriado considerarmos que estes são textos compostos por elementos visuais, verbais e sonoros organizados com técnicas específicas, por isso, cada um deles precisa ser observado para que o espectador conheça os elementos que compõem a linguagem cinematográfica e possa vivenciar experiências por meio de uma análise crítica.

Nesta perspectiva, o processo de ampliação do conhecimento humano ao utilizar o cinema em ambientes educacionais configura-se pela análise atenta do espectador. Nesse contexto, é plausível indagar sobre os temas, as imagens, os diálogos e as técnicas utilizadas para criá-lo, uma análise que possibilita ampliação da percepção de sociedade, experiências e novas perspectivas pela educação do olhar. Logo, é importante que os professores em atuação nos diferentes ambientes educacionais intensifiquem as formas que os estudantes veem e entendem o mundo à sua volta por intermédio de leituras de suas representações, dentre elas as variadas produções cinematográficas e as suas especificidades. Acompanhando o raciocínio das Thiel (2009), o cinema tem o potencial de reunir todas as manifestações humanas, todas as linguagens que objetivam o mundo e constroem nossa subjetividade.

Ao identificamos o cinema como política de Estado, organizada por um Ministério, Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, convém considerarmos as questões elencadas pelo cineasta francês Bergala a respeito da relevância histórica de seu país com o cinema, sua produção e necessidade de sua introdução como projeto educacional em sua revitalização em algumas cidades no interior de seu país. Um dos pilares filosóficos fundamentais para os encaminhamentos das ações com o cinema como um projeto político de Estado na educação francesa foi a sua inserção nos ambientes escolares desde a educação infantil, uma vez que, o "cinema é uma possibilidade de experimentar a vida", uma forma de evidenciar "sentimentos e emoções", estimular o imaginário, "criar suposições sobre o futuro" e aprender com os "diversos vieses por meio dos filmes"[38].

Tais fatos precisam se concretizar na política educacional brasileira. Reconhecemos as qualidades, as carências e as necessidade de superação para que as iniciativas na educação básica com o cinema sejam efetivas, bem estruturadas em recursos materiais, técnicos e uma expressiva formação docente em território nacional. As pesquisas e as iniciativas na interface da educação e o cinema no ensino superior elencadas neste estudo, referentes aos anos de 2008 – 2018, revelaram que há discrepâncias entre diferentes estados e municípios com relação à educação e ao cinema, à realização de projetos, de escolas bem equipadas e à qualidade na formação de professores. Em contrapartida, outros estados e municípios estão totalmente carentes dessa infraestrutura, o que desfavorece o desenvolvimento de projetos com o audiovisual nas escolas de educação básica pelo país.

As argumentações expostas na sequência a respeito do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, evidenciam um exemplo de grandes centros urbanos em um contexto de atuação bem-sucedido, em suas experiências com o cinema em ambientes educacionais com infraestrutura, suporte técnico e formação profissional.

> Foi simples que emergisse logo uma Escola de Cinema Infanto-juvenil no Colégio de Aplicação da UFRJ, em horário extracurricular, que já está em seu 3º ano, onde se pretende fazer uma introdução a algumas experiências de cinema como arte. De acordo com alguns professores, também foram organizadas projeções de filmes em salas de aula, no horário regular, e promoveram-se análises críticas e criativas, isto é, tentando vivenciar as

[38] **Entrevista com Alain Bergala**. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/922/entrevista-com-alain-bergala

> emoções do autor, dando vez e voz aos estudantes, crianças e adolescentes, para pesquisar a infância/adolescência no espaço/tempo escolar. **Pensando em outras formas de impregnação, fizemos alguns ensaios de projetar cinema nos recreios e, para não colidir com o barulho e sonoridade do recreio escolar, escolhemos o cinema mudo, que interagiu ludicamente com esse momento**. Os menores até criaram outras brincadeiras, fazendo jogos de luz e sombra sobre a tela de projeção. Funcionários, professores, licenciandos e todo um universo de pessoas que habitam o espaço escolar ficaram encantados com a mágica e a poesia do cinema dos primórdios. A biblioteca do CAp/UFRJ se abriu ao projeto para cuidar do espaço e socializar a pequena filmoteca dos cem filmes. Também se criou um cantinho para os alunos verem e reverem filmes, com fones de ouvido, a fim de não atrapalhar o silêncio desejável nesse espaço. E, para não deixar famílias, vizinhos da escola e comunidade fora desta experiência do cinema, foi criado um Cineclube que, em alguns sábados, contou com a presença de cineastas e personalidades para ver e falar de cinema, quebrando barreiras de geração e formação. (FRESQUET, 2010, p. 3, grifo nosso)[39].

Ao observamos especificamente o estado de São Paulo, o início de uma política de Estado para a educação e o cinema teve suas origens no ano de 1931, em ações promovidas pela Secretaria Geral de Ensino. Na atualidade está em andamento o Projeto **o Cinema vai à Escola – o uso da Linguagem Cinematográfica na Educação**.[40] Iniciado no ano de 2008, a iniciativa direciona suas discussões a respeito da concepção teórica de cinema: comunicação/linguagem/ideologia e a formação do estudante espectador/crítico. Reconhecemos a importância dessa política no processo educacional paulista, o empenho na apresentação do projeto, a sua fundamentação, as sugestões de abordagens e a relevância das distintas produções cinematográficas enviadas às escolas de educação básica, especialmente para o desenvolvimento com o ensino médio.

Duas pesquisas de doutoramento realizadas entre os anos de 2011 e 2013, a respeito do projeto **o Cinema vai à Escola – o uso da Linguagem Cinematográfica na Educação**, priorizaram a análise quantitativa de dados da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE, 2009), atividades de campo em escolas na região de Marília (situada no interior paulista) e na cidade de Sorocaba (região metropolitana de São Paulo). Ambas evidenciaram os aspectos positivos da estrutura do projeto e identificaram algumas carências na aplicabilidade dele. Destacaram a necessidade da formação audiovisual de professores, especialmente para o desenvolvimento de iniciativas com o cinema nos ambientes escolares paulistas.

---

[39] **Dossiê Cinema e Educação uma Relação sob a Hipótese de Alteridade**. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/1596-2765-2-PB%20(1).pdf

[40] Discussões apresentadas no primeiro capítulo desta pesquisa.

A tese **Educomunicação e Escola: cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta)**, de autoria de Cláudia de Almeida Mogadouro, defendida no ano de 2011, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, teve por objetivo compreender o espaço destinado para o cinema ao ser reconhecido como cultura e linguagem artística na educação formal, mais especificamente em espaços escolares do estado de São Paulo, estabelecendo uma relação entre os campos da comunicação e da educação. O estudo apresentou resultados que evidenciaram a necessidade de formação audiovisual de professores para a utilização de filmes como objeto didático e pedagógico, observando as questões de ordem ideológica e estética, propostas nas diferentes produções cinematográficas na educação básica, no estado de São Paulo. Considerações sobre os dados coletados na realização da pesquisa:

> - Nas poucas experiências que pudemos acompanhar do uso escolar do cinema nas escolas públicas, percebemos, principalmente, a enorme insegurança dos professores em virtude da ausência de formação audiovisual.
> - O paradigma educacional predominante ainda é o tradicional, com conteúdo fragmentados, gestão autoritária, desvalorização do professor e uma exigência na relação professor/aluno, em que o primeiro é transmissor do saber.
> - Colocamos o nosso foco nos professores e notamos as carências que eles têm de tempo para o lazer, para compartilhar alegrias e angústias, para construírem um trabalho coletivo e para exercitarem a reflexividade. O diálogo que tentamos fazer entre experiências práticas e proposições teóricas mostrou-nos o quanto a instâncias dos professores tem que ser carinhosamente cuidada.
> - A prática de discutir filmes deveria, antes de chegar à sala de aula, ser praticada na sala de professores. Nossa experiência diz que além da formação adequada, gestão democrática, planejamento, é urgente que a prática da alteridade e do diálogo chegue, à instância dos educadores para que eles elevem sua autoestima e ampliem sua visão de mundo. (MOGADOURO, 2011, p. 275 - 276).

A segunda pesquisa de doutoramento defendida por Maria do Carmo Souza de Almeida, no ano de 2014, no programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, resultou em um estudo intitulado **Experiência Pedagógica Educomunicativa: o cinema nas licenciaturas**. Esse expõe um relato de experiência com a educação e o cinema em cursos de licenciaturas em Letras e Pedagogia na Universidade de Taubaté, no interior paulista.

O objetivo geral foi identificar como os graduandos desses cursos assistiam a filmes de cinematografias que não possuíam muita proximidade, observar como os estudantes distinguiam os discursos e os códigos da linguagem audiovisual para pensar uma pedagogia das imagens: “educação do olhar” ou “modos de ver”, uma forma de estar no mundo e refletir sobre ele. As atividades foram realizadas utilizando quinze filmes de

cinematografias diferentes em duas etapas complementares: debates e diários de reflexão escritos, diálogos gravados entre a professora pesquisadora e os graduandos. Dados coletados:

- O desconhecimento de características da linguagem audiovisual/da linguagem cinematográfica, pois observaram apenas o conteúdo: a história, os personagens e a paisagem presente nos filmes;
- Acreditavam que discutir aspectos relacionados à linguagem audiovisual não é relevante para os estudantes de Pedagogia. Com essa prática ratificam o discurso que o audiovisual está ligado ao entretenimento, logo, teria pouco espaço escolar;
- Evidenciaram que a aprendizagem envolve o pensamento lógico-racional e desprezaram o fato de que a aprendizagem também ocorre pela ficção ou entretenimento;
- Falta familiaridade com o cinema nacional, em especial o gênero documentário. Pouca percepção sobre a alteridade social a partir de filmes;
- Os filmes nacionais discutidos foram: Narradores de Javé (Eliane Caffé, 2001), 5x Favela - Agora por nós mesmos (Luciana Bezerra, 2010) e o Lixo Extraordinário (Lucy Walker, 2010);
- Defenderam o ideal que os filmes retratam a realidade e não uma representação dela, seja o filme ficcional ou documental;
- Os comentários dos diálogos entre pesquisador e os pesquisados se limitaram ao conteúdo das narrativas ou fábulas e não refletiram sobre o modo como as narrativas estavam organizadas;
- Quando os filmes não apresentavam uma narrativa linear se tornaram de difícil apreensão. Logo, realizaram com mais facilidade a leitura das temáticas abordadas, sem observar a estética presente nos filmes.

A pesquisa expôs que os docentes em formação são jovens que estão "inseridos" em uma sociedade com diversas tecnologias, porém os cursos de graduação em Pedagogia e demais licenciaturas não os têm preparado adequadamente para entender os processos comunicacionais vigentes. Nessa perspectiva, necessitam intensificar essas discussões e investir em procedimentos que revertam esse quadro discrepante, preferencialmente com uma revisão de seus currículos para inserirem disciplinas optativas ou obrigatórias acerca da educação e do cinema em seus cursos de formação.

> Portanto, reiteramos a necessidade de as Licenciaturas repensarem seus currículos e inserir, de forma contundente, estudos sistemáticos sobre as multiplicidades de reconfigurações da cultura contemporânea, o que inclui estudar a cultura da mídia e as implicações dessa pluralidade que altera as relações dos indivíduos com eles próprios, com os demais e com as tecnologias (analógicas ou digitais). O cinema pode fazer essa ponte. **Na era das mídias digitais, os filmes são essenciais (tanto quanto o são a mídia impressa sempre presente nos materiais didáticos)**, **para pensar essas mesmas mídias**. (ALMEIDA, 2015, p.130, grifo nosso).

Em uma terceira pesquisa que fundamenta este estudo, intitulada **A utilização de produções cinematográficas na formação de professores: um novo olhar sobre o trabalho educativo**[41], de autoria de Marcilene R. L. Moura, se apresentam os seguintes aspectos:

> há por parte tanto de professores quanto da equipe gestora um considerável desconhecimento teórico e prático sobre o cinema enquanto uma possibilidade de trabalho pedagógico. A perspectiva adotada neste artigo busca mostrar que o cinema pode e deve ser considerado como fundamental no processo de formação de professores considerando que esta forma de linguagem é extremamente rica como fonte de conhecimento. **Um dos principais problemas apontado pelos professores para a efetivação do projeto é a falta de estrutura para tal ação. A desinformação sob o mundo digital também é um agravante**. Porém, o principal problema, não apontado pelos professores, mas que pode ser facilmente verificado é que os filmes acabam sendo utilizados como um recurso ilustrativo e não como desencadeador de discussões ou promotor de uma educação do sensível. **O cinema na sala de aula ainda é visto como um entretenimento. Isto posto, pode-se apontar que este problema tem início na formação dos professores que não encontram nas disciplinas da graduação esclarecimentos básicos sobre questões técnicas e históricas das produções cinematográficas, bem como, as possibilidades pedagógicas que este recurso apresenta.** (2014, p.10, grifo nosso).

Diante do cenário evidenciado nas pesquisas organizadas por Mogadouro, Almeida e Moura, convém observarmos as ações da **Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação "Paulo Renato Costa Souza" (EFAPE)**[42]. Tal empreendimento é responsável pela formação continuada de professores da educação básica no estado de São Paulo. Trata-se de um levantamento que objetiva identificar se houve algum curso direcionado para professores e demais profissionais da educação acerca do cinema e suas relações com a educação. No levantamento realizado, observamos as listas dos cursos com inscrições abertas, em andamento e encerrados, identificamos uma diversificada opção de temas: relações étnico-raciais; gênero e sexualidade; educação integral; transtornos diversos; direitos humanos; tecnologias;

---

[41] Artigo disponível em: file:///C:/Users/User/OneDrive/TEXTOS%20CINEMA%20TESE/36.pdf

[42] **A Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação "Paulo Renato Costa Souza" (EFAPE)**, foi criada em 2009, como parte do Programa "Mais Qualidade na Escola", com o objetivo de garantir a qualificação de profissionais para o exercício do magistério e da gestão do Ensino Básico, desenvolvendo estudos, planejamento, avaliação e gerenciamento da execução dos programas de formação, aperfeiçoamento e educação continuada da SEDUC/SP. Em 2011, foi elevada à categoria de Coordenadoria, e em 2019, passou por nova mudança; sua atuação foi ampliada para o atendimento de todos os servidores municipais da Educação do Estado de São Paulo.
Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/sobre-nos/

ensino híbrido; currículo; mediação escolar; gestão democrática; entre outros, porém, não encontramos nenhuma formação sobre o tema desta pesquisa.

Este fato corrobora o despreparo dos profissionais da educação estadual paulista identificado nas pesquisas analisadas e atesta a necessidade de se ofertar urgentemente cursos de formação continuada nessa área do conhecimento humano, para um melhor encaminhamento das atividades com o projeto **o Cinema vai à Escola – o uso da Linguagem Cinematográfica na Educação** e demais ações com o cinema nos ambientes educacionais. Ao salientarmos essa deficiência presente na educação estadual paulista também percebemos as ausências na formação inicial a respeito da educação e do cinema nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas. Frisamos, portanto, a necessidade de elaboração e difusão de uma disciplina que possa contribuir para a melhoria desse quadro na atualidade brasileira, já que o uso do cinema no interior da escola abre espaço para discussões sobre a importância das mídias na sociedade contemporânea, bem como oferece reflexões que dialogam com muitas linguagens artísticas.

As pesquisas de Mogadouro (2011), Moura (2013) e Almeida (2014), estão inseridas em contextos específicos do estado de São Paulo e apresentam a necessidade de formação audiovisual inicial e continuada para professores da educação básica, com ênfase no cinema, sua recepção e abordagem nos ambientes educacionais. Dentre outras questões já evidenciadas, as pesquisadoras apontam aspectos que precisam ser solucionados por meio de iniciativas de organização e melhoria do relacionamento humano, de ações presentes no cotidiano, de práticas e reflexões pedagógicas que dependem de políticas públicas estaduais mais humanistas, de gestão interna local e regional priorizando o tripé: respaldo/valorização/incentivo ao docente e de uma trajetória de formação pessoal na qualidade de profissional da educação na área do audiovisual.

É no bojo destas reflexões que defendemos a tese de que é necessária e desejada a organização de uma disciplina nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas que aborde o audiovisual, especialmente o cinema. Um estudo em conformidade com a perspectiva transversal, viabilizando o constante diálogo com a vida moderna, midiática e as diversas áreas do conhecimento humano que compõem os currículos.

3.1. Algumas considerações acerca da linguagem cinematográfica: identificando uma tensão

Neste item iniciaremos uma reflexão teórica acerca da educação e as suas relações com o cinema, uma discussão que objetiva agregar elementos para elucidar as concepções sobre o cinema identificado, por um lado, como *comunicação/linguagem/ ideologia* e, por outro, como *"obra de arte" e "criação do novo".* Refletiremos, sobretudo, a respeito de seu processo pedagógico ao adentrar metodologicamente os ambientes educacionais. Mediante à análise das discussões propostas nas abordagens apresentadas pelo levantamento das bibliografias analisadas fica evidente que o cinema é uma arte plural que envolve diferentes estéticas, poéticas, tempos, espaços, temáticas e metragens, sendo passível de recepção, leitura e criação em ambientes educacionais, conforme uma diversidade de problematizações.

Como observamos no capítulo anterior, é possível caracterizar, a partir de quatro categorias, as inquietações que relacionam a educação e o cinema: I) a formação de público; II) a linguagem e as técnicas utilizadas; III) as temáticas, questões do presente e do passado, as representações de variados contextos, os aspectos culturais, sociais, políticos, históricos e econômicos de diferentes povos; IV) o uso didático pedagógico em ações possíveis definidas pelos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Concebemos a categoria número um, *formação de público* como as iniciativas de cineclubes, a ampliação do repertório da cultura humana, ou seja, a disponibilização da diversidade social e cultural dos povos nacionais e internacionais. A segunda tentativa de classificação, *a linguagem e as técnicas,* refere-se às teorias acerca do cinema, da sua história, das diferentes formas de educar o olhar e, por certo, do oferecimento de análises fílmicas. A terceira categoria aborda o tratamento *temático de eixos* polêmicos e promete um esclarecimento crítico e reflexivo a respeito das indagações distintas em diferentes temporalidades, como: o meio ambiente, os povos indígenas e as questões sociais relativas à construção cidadã, dentre outras. Por último, mas não por ordem de importância, a categoria do *uso didático pedagógico* ao ser identificado como objeto artístico-cultural, que requer leitura crítica e processos criativos em experiências e vivências com o cinema em ambientes educacionais, no diálogo constante com outros campos do saber.

Marcel Martin (2005), em seu livro intitulado **A Linguagem Cinematográfica**, expõe um panorama a respeito do processo histórico pelo qual passou o cinema até ser compreendido na qualidade de *comunicação/linguagem/ideologia*. Argumenta acerca dos elementos que compõem a linguagem cinematográfica e a sua

evolução, sem deixar de reconhecer sua qualidade artística: uma produção humana, uma atividade específica de criação e beleza.

> O cinema foi uma arte desde o princípio. Inicialmente espetáculo filmado ou simples representação do real, o cinema tornou-se pouco a pouco uma linguagem, isto é, um processo de conduzir uma narrativa e de veicular ideias: os nomes de Griffith e de Eisenstein são os principais marcos dessa evolução que se fez pela descoberta progressiva de processos de expressão fílmica cada vez mais elaborados e, sobretudo, pelo aperfeiçoamento do mais específico de todos eles: a montagem. Tornado linguagem graças a uma escrita própria, que se incarna em cada realizador sob a forma de um *estilo*, o cinema transformou-se, por esse motivo, num meio de comunicação, de informação, de propaganda, o que não constitui, evidentemente, uma contradição de sua qualidade de arte. (MARTIN, 2005, p. 21 – 22).

Segundo David Bordwell e Kristin Thompson (2013, p. 29 – 30), "o cinema é uma arte, porque oferece aos cineastas meios para fornecer experiências aos telespectadores e essas experiências podem ser valiosas independentemente de seu pedigree". Na análise dos autores, as experiências entre os filmes e os espectadores podem ser variadas e abrangentes, uma vez que eles cativam, "comunicam informações, ideias, e nos mostram lugares e modos de vida com os quais de outra forma talvez não tivéssemos contato", eles ainda podem proporcionam formas de "ver e sentir coisas que consideramos gratificantes".

No entanto, para que essas experiências sejam acentuadas, Bordwell e Thompson (2013) evidenciam a relevância dos espectadores analisarem as etapas, as técnicas e as estruturas que compõem um filme em sua totalidade, para uma compreensão do processo que envolve a sua criação, ou seja, como as decisões tomadas nesse processo de produção afetam o que é visto e ouvido na tela. Uma vez que, cada filme tem uma *forma* repleta de intencionalidade, que resulta em efeitos no público, possui um *estilo* direcionado por técnicas variadas em sua constituição, e faz parte de um *gênero* que determina os tipos de filmes: musical, ação, comédia, ficção científica, melodrama, romance, documentário, entre outros.

Ao assistirmos um filme pela primeira vez, geralmente desconhecemos as decisões artísticas feitas durante a sua produção ou talvez nem pensamos nelas. Por um longo período na história do cinema, a maioria dos espectadores não tiveram a oportunidade de conhecer os bastidores de realização de filmes específicos, porém, na atualidade, esse processo é mais simples, especialmente pelo acesso à internet que dispõe de uma variedade de vídeos, artigos e/ou entrevistas a respeito da criação de filmes. De igual modo, o cinema configura-se por princípios e técnicas que lhes possibilitam o poder

de contar histórias, expressar emoções e desencadear ideias. É, portanto, uma arte que depende de tecnologias complexas, que envolve produção coletiva e está fundamentada em contextos socioeconômicos específicos.

> Essas técnicas são classificadas em quatro categorias: a **mise-en-scène**, ou a disposição de pessoas, lugares e objetos a serem filmados; a **cinematografia**, que é o uso de câmeras e outras máquinas para gravar imagens e sons; a **montagem**, isto é, a união dos planos individuais; e o **som**, composto por vozes, efeitos e música que compõem a trilha de áudio de um filme. (BORDWELL; THOMPSON, 2013, p. 32, grifo nosso).

Neste capítulo faremos a apresentação de alguns referenciais teóricos na interface da educação e o cinema, em abordagens de pesquisadores nacionais e internacionais inseridos em distintos contextos de atuação social, para identificarmos as contribuições que estes difundem em suas argumentações ao considerarmos os aspectos comuns e/ou distintos que as discussões possam expor. Retomaremos alguns dados obtidos na análise das iniciativas acerca da educação e o cinema identificadas no capítulo anterior. Isto posto, passaremos a análise dos estudos de Rosália Duarte (2002), Alain Bergala (2008), Marcos Napolitano (2009), Rosa Fischer e Fabiana Marcello (2011) e Adriana Fresquet (2013).

Fischer e Marcello (2011), no artigo **Tópicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educação**, veiculam suas discussões acerca de uma agenda para pesquisas em educação e cinema. Nessa investigação sugerem operar com narrativas fílmicas contemplando três dimensões:

> A complexidade das linguagens específicas com que se faz cinema.
> O público ao qual se destinam os materiais em foco (ou os sujeitos dos quais as narrativas falam, ou ainda o grupo do qual desejamos tratar ou a quem nos propomos certa ação investigativa).
> E por fim (e não menos importante), interrogações de ordem filosófica, histórica, cultural, estética ou pedagógica que, possíveis de serem pensadas a partir de filmes ou de intervenção com o cinema, carregam consigo perguntas sobre o tempo presente. (FISCHER; MARCELLO, 2011, p. 506).

Conforme esta premissa, as autoras organizaram uma agenda de pesquisa que expõe um conjunto com vinte tópicos. O objetivo geral de cada um deles será discorrido na sequência:

1. Uma aprendizagem estética a ser desenvolvida na análise das imagens;
2. Problematizar o tema da representação da realidade no cinema, uma vez que as possibilidades de interpretação pelos espectadores são múltiplas, apesar das intencionalidades inseridas em sua elaboração;

3. A pesquisa com imagens cinematográficas necessita ir além da descrição da narrativa;
4. O raciocínio e as técnicas utilizadas em um filme não se separam, mas se correspondem;
5. Incentivar debates variados em torno de diferentes questões que as produções cinematográficas possam propiciar;
6. Proporcionar o contato com uma variedade de cinematografias em experimentação e análise, além de estabelecer relações com fatos cotidianos: sociais, culturais e políticos;
7. Incentivar indagações acerca da atualidade mediante a observação de elementos da narrativa: os planos, as cores, a fotografia, a trilha sonora, os diálogos, os cenários, a atuação dos atores, entre outros;
8. É importante que a leitura das imagens não ocorra de maneira imediata ou linear, visto que as mediações resultam na esfera do olhar que produz e do olhar que recebe as imagens;
9. Observar os filmes de maneira histórica e filosófica: uma narrativa que coloque o espectador na posição de quem experimenta algo, diante de escolhas e de conflitos, que resultem em novos posicionamentos;
10. Conceder à imagem a possibilidade de nos oferecer diferentes reflexões;
11. Analisar a linguagem cinematográfica em uma perspectiva filosófica: arte, comunicação e mercado/indústria;
12. A imagem pode ser o ponto de referência para a seleção dos participantes de um trabalho a partir do cinema;
13. Conhecer e analisar o público-alvo da sua pesquisa para compreender suas práticas culturais, visto que estas direcionam a sua opção audiovisual e as narrativas de sua preferência;
14. Observar a linguagem cinematográfica: técnica e estética;
15. As premissas centrais da pesquisa entre cinema e educação são: as inquietações comuns da atualidade e a maneira com observarmos as imagens;
16. Incluir uma rigorosa revisão filmográfica durante a pesquisa;
17. Atentar-se ao fato de o cinema ser a “arte da montagem” que opera com “múltiplas temporalidades” e por “linguagem específica”;
18. São múltiplas as opções do pesquisador que se deixa observar as narrativas fugindo das “coisas dadas, contínuas e instituídas”;

19. O cinema pode ser uma porta de acesso para a reflexão de distintas temáticas presentes em contextos contemporâneos;
20. A análise fílmica necessita de comprometimento com o ato de ver: “os conceitos nas imagens”, suas distorções e incipiências.

Por conseguinte, Fischer e Marcello (2011, p. 506) afirmam que pesquisar o cinema na educação tem a ver com a “educação do olhar”, ou seja, ampliar os “modos de ver”, propondo um diálogo entre o sujeito espectador, seu tempo, história e valores. Nesse sentido, a criação desta agenda objetiva apresentar encaminhamentos metodológicos para que pesquisadores possam refletir a respeito de distintas questões da contemporaneidade, a partir do cinema, pelas suas variadas produções (linguagem, temáticas e ideologias) e as possíveis experiências que elas possam proporcionar.

Duarte (2002), no livro **Cinema & Educação**, expõe algumas considerações acerca da interface entre esses dois campos ao identificar os seguintes temas: a pedagogia do cinema; um breve histórico do cinema; notas sobre sua linguagem; o espectador como sujeito; o cinema na escola e os filmes como objeto de pesquisa em educação. Nessa perspectiva, faz recomendações e orientações a respeito do cinema na escola: “como parceiros na formação geral de pessoas” uma “porta de acesso a conhecimentos e informações que não se esgotam neles”, e um instrumento para ensinar o “respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”. Portanto, o cinema mais do que uma “sétima arte” ocuparia no interior da escola um vasto instrumento de conhecimento e emancipação.

Nos capítulos cinco e seis, intitulados **Cinema na Escola e Filmes como Objeto de Pesquisa em Educação**, a autora sugere as seguintes recomendações: ampliar a cultura de valorização do cinema nas instituições de ensino superior e básica; ser identificado nos meios educacionais como “fonte de conhecimento”; romper com a ideia do cinema apenas como fonte de diversão/entretenimento; observar o cinema como uma “instância pedagógica” ao identificar seu papel junto aos estudantes em escolas e universidades; incentivar os “modos de ver” através de possíveis análises com as diferentes produções cinematográficas, sob o propósito de ampliação das experiências dos estudantes.

Por este ângulo, faz-se necessário romper com a utilização do cinema nos ambientes educacionais como ilustração de conteúdos curriculares, mas identificar os filmes como “patrimônio artístico e cultural da humanidade”, que requerem

conhecimentos prévios a respeito de seu valor cultural, para inseri-los em contextos educacionais e refletir sobre eles. O cinema tem como base a experiência humana da filosofia, da história, da sociologia, da literatura, da música e demais linguagens artísticas.

Consequentemente, é importante que os professores estimulem o gosto dos estudantes pelo cinema e suas variadas produções; observem questões de ordem estética (linguagem cinematográfica) e ideológicas (temáticas); elaborem planejamento didático-pedagógico prévio para utilização dos filmes em ambientes educacionais; realizem projetos disciplinares ou interdisciplinares utilizando filmes nos ambientes educacionais, pautados por conhecimentos pedagógicos e referenciais a respeito do cinema e de suas especificidades.

Duarte (2002) reitera a necessidade de os espectadores identificarem o contexto de produção dos filmes em análise: o país, a língua, a biografia, o ano, as premiações, a repercussão, as significações, as temáticas, as técnicas, os gêneros, o movimento cinematográfico, entre outros. Os filmes em análise requerem uma leitura interna e externa, uma vez que estes se constituem como produtos culturais ideológicos, contextualizados em um espaço e tempos históricos.

> Um filme é sempre um produto cultural, ou seja, uma produção que combinam elementos da (s) cultura (s) aos sistemas utilizados na construção de suas imagens. **Para se fazer a análise descritiva de filmes é preciso, então, cruzar diferentes sistemas de significação dos filmes como elementos de significação que estão presentes nas culturas em que eles são vistos e produzidos**, ou seja, procura-se identificar e descrever os significados de narrativas fílmicas no contexto social que elas participam. (DUARTE, 2002, p. 99, grifo nosso).

Nesse sentido, enfatiza a importância das universidades e das escolas terem espaços e equipamentos adequados para a exibição regular de filmes, com programação orientada tanto para o entretenimento, quanto para o ensino da história e da teoria de cinema. Também salienta a necessidade de formação audiovisual para professores, especialmente acerca do cinema.

> Vale lembrar que tomar filmes como objeto de estudo não implica negar a magia e o encantamento que eles provocam em seus espectadores. Não é preciso recusar ao filme sua condição de arte (enquanto expressão de ideias e sentimentos) para entendê-lo como um produto cultural que reflete e veicula valores e crenças das sociedades em que está imerso. No uso de filmes no contexto educativo, não nos cabe despedaçá-los, destrinchá-los, em fragmentos insignificantes e descontextualizados até que percam o encanto e o poder de sedução. **Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber**

> **o significado que eles têm no contexto social do qual participam**. (DUARTE, 2002, p. 106 - 107, grifo nosso).

Finalizando esta abordagem, observamos que Duarte (2002, p. 21) evidencia a importância de se "conhecer o cinema, sua linguagem e sua história", visto que, este possibilita interação social, amplia os modos de ver e gera conhecimento de maneira formal e informal, sendo os ambientes educacionais os espaços sociais mais significativos para que tais ações e interações se processem. Desse modo, reitera, como nós nesta tese, que conhecer e dominar a linguagem cinematográfica se faz imprescindível em uma sociedade audiovisual como a brasileira, uma vez que os códigos desta linguagem constituem "*poder* em sociedades que produzem e consomem esse tipo de artefato".

Ao refletir acerca do domínio dos códigos da linguagem audiovisual como instrumento de poder, Duarte (2002, p. 82) concluiu: "é tarefa dos meios educacionais oferecer recursos adequados para a aquisição desse domínio e a ampliação da *competência para ver",* da mesma maneira que incentiva a *"competência para ler e escrever".* Para que o estudante na qualidade de espectador ou produtor de filmes possa identificar com clareza o papel social do cinema ao proporcionar formação cultural, significações, produção de saberes, visões de mundo e representações sociais.

Napolitano (2009), no livro **Como Usar o Cinema na Sala de Aula**, apresenta suas contribuições acerca da relação educação e cinema. Uma abordagem que destaca os seguintes temas: o cinema na escola; os elementos da sua linguagem e da história do cinema; o planejamento de atividades e alguns procedimentos básicos, entre eles as atividades básicas e especiais direcionadas pelo conteúdo fílmico, por temas transversais, pelas técnicas ou pela linguagem cinematográfica.

No primeiro capítulo, intitulado **o Cinema e a Escola: problemas e possibilidades**, o autor expõe suas argumentações e sugestões fundamentadas em possibilidades de trabalho na educação básica com o cinema comercial: ficção e documentário. Objetiva proporcionar um reencontro com a cultura cotidiana ou erudita, diferentes estéticas, o lazer e as ideologias diversas. Logo, salienta a importância da problematização e sistematização das atividades a serem realizadas com os estudantes utilizando filmes, ou seja, enfatiza a necessidade de se observar a metodologia, a faixa etária e a cultura cinematográfica do público-alvo.

Napolitano (2009) recomenda que os professores identifiquem as dimensões e as instâncias de atuação do cinema na sociedade, observem as reações e

impressões dos estudantes na qualidade de espectadores no processo da análise fílmica, sendo o mediador nos desdobramentos das atividades propostas. Nesse sentido, o professor responsável iria além das questões de ordem temática dos filmes para tecer uma análise crítica do conteúdo e da linguagem deles, na perspectiva de desenvolvimento de habilidades e conceitos.

> A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio. [...]. Obviamente o professor não precisa ser crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula. Mas o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho. Boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, e sim pela forma de contá-la. **Existem elementos sutis e subliminares que transmitem ideologias e valores tanto quanto a trama e os diálogos explícitos**. (NAPOLITANO, 2009a, p. 15 - 57, grifo nosso).

Napolitano observa que convém romper com a ideia do filme como ilustração de conteúdos curriculares e ainda romper com o discurso de que atividades com variadas produções cinematográficas são meios ou instrumentos de motivação dos estudantes tidos como desinteressados. Deve-se estar atento à adequação e abordagem dos filmes nos ambientes educacionais sem deixar de contemplar as diferentes fases e etapas do ensino fundamental e médio, seu desenvolvimento cognitivo, socioemocional e artístico-cultural.

> Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades técnicas e organizativas na exibição de um filme para a classe; articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com habilidades desejadas e com conceitos discutidos; adequação a faixa etária e etapa específica na relação ensino-aprendizagem. (NAPOLITANO, 2009a, p. 16).

Nessa lógica, o autor sugere algumas formas de abordagem com o cinema em salas de aula: pelo conteúdo (como fonte e texto-gerador de debates), pela linguagem (educar o olhar do espectador e interagir com outras linguagens) ou pela técnica (estudo das técnicas e tecnologias que tornam o cinema possível) presente nos filmes. Enfatiza a utilização do gênero documentário, reconhece seu crescente uso em aulas regulares e projetos educacionais, porém, recomenda que sua utilização não ocorra sob o discurso de cinema verdade ou realidade. Alerta para a necessidade de problematizá-lo, identificar

que este é uma produção orientada por regras de linguagem, técnicas de filmagem, montagem e edição, definidas pelas escolhas de seus realizadores.

> Normalmente, a abordagem do documentário se dá pelo conteúdo que ele veicula, como se fosse um olhar verdadeiro e científico sobre o tema ou questão retratada. Por mais que os documentários sejam frutos de trabalhos aprofundados e sérios, contando em muitos casos com assessorias pedagógicas competentes, **o professor deve evitar partir do princípio de que a abordagem dada ao documentário é a única possível ao tema retratado ou que o conteúdo mostrado é a realidade social ou a verdade científica sobre o assunto**. (NAPOLITANO, 2009a, p. 31, grifo nosso).

Napolitano discorre, ainda, sobre algumas possibilidades de abordagem com o cinema em disciplinas e áreas específicas, respeitando as suas especificidades, ou com temas interdisciplinares contemporâneos. Estes podem voltar-se para: os movimentos sociais; as políticas e os conflitos; a violência urbana; a indústria cultural e a mídia; a ética e a cidadania; as orientações sexuais; a saúde; o trabalho; o meio ambiente; a pluralidade cultural, dentre outras temáticas atuais.

> As chaves de leitura e abordagem de cada filme, construídas conjuntamente pelo professor e orientadores, com base nas sugestões de especialistas e das próprias descobertas práticas da sala de aula, é que vão determinar o sucesso das atividades e adequação dos filmes ao segmento específico de alunos que constituem o público-alvo das atividades**. Não há fórmula mágica nem receita teórica que substituam e reflexão e a perspicácia do professor em relação aos seus alunos**. (NAPOLITANO, 2009a, p. 21, grifo nosso).

Na análise proposta por Napolitano para o cinema em salas de aula, constatamos que qualquer disciplina curricular pode utilizá-lo como um objeto artístico-cultural direcionado por distintos processos pedagógicos. Assim, seja como texto gerador de debates, como documento representativo de sua produção histórica pautado em valores e ideologias determinadas por contextos sociais, seja como um produto cultural, estético, de valorização da arte, a proposta do autor corrobora nosso empreendimento de criação de uma disciplina formal nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas.

Independentemente de seu gênero, os filmes são resultado de decisões e indagações contextuais de seus idealizadores. Com tal característica, é um objeto artístico que resulta de uma produção cultural coletiva e, como tal, é passível de observação e indagações que necessitam ser mediados em ambientes educacionais por profissionais envolvidos no processo ensino e aprendizagem, considerando as orientações de especialistas na abordagem educação e cinema.

Dentre os aspetos comuns que parecem emergir das abordagens propostas para a utilização do cinema na educação formal definidas por Duarte (2002), Napolitano (2009), Fischer e Marcello (2011), estão as recomendações que esses autores concedem aos profissionais da educação: ir além do conhecimento de história e teoria de cinema, da observação das questões de ordem temática e do planejamento didático. É imprescindível a análise das questões que envolvem a linguagem cinematográfica, a necessidade de superação da instrumentalização do cinema em ambientes educacionais e a formação audiovisual de professores.

Estas orientações são essenciais para o desenvolvimento de iniciativas pedagógicas com o cinema: I) a Formação de público; II) a linguagem e as técnicas utilizadas; III) as temáticas, questões do presente e do passado, as representações de variados contextos, os aspectos culturais, sociais, políticos, históricos e econômicos de diferentes povos; IV) as ações possíveis definidas pelos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Os autores ressaltam as potencialidades dos discursos produzidos pelas imagens sob o olhar do idealizador/produtor e do receptor/espectador, além das experiências teóricas e práticas que o contato com essa arte na qualidade de objeto cultural de aprendizagem e criatividade podem proporcionar.

Na perspectiva da linguagem cinematográfica e das possibilidades de leitura e interpretação para os espectadores, Solange Stecz (2015, p. 144) ressalta as seguintes observações:

> A linguagem cinematográfica permite leituras e significados múltiplos, conforme seus elementos são agrupados desde a concepção do filme, sua estrutura narrativa e montagem. Tempo e espaço são ordenados de acordo com o interesse do realizador da forma como os planos são combinados produz interpretações que dependem do olhar e do repertório do espectador.

Em relação à análise fílmica e à necessidade de aprendizagem, de identificação da linguagem cinematográfica no contexto educacional, é plausível consideramos as seguintes recomendações propostas por Napolitano, (2009b, p. 18, grifo nosso):

> Como produto artístico, o filme catalisa alguns recursos técnicos e expressivos que devem ser levados em conta na análise: cenários e objetos (em locação real ou estúdio); atores que interpretam personagens; luzes, sombras e texturas que incidem sobre a cena e delineiam a imagem; ângulos, movimentos e enquadramentos feitos pelas câmeras que determinam o que e como veremos a encenação; sons, ruídos e músicas que acompanham as cenas e sequências. Tudo isto parece óbvio e básico, e talvez o seja. **O problema é que, quando se assiste a um filme, percebe-se o resultado deste processo e destes recursos técnicos e estéticos de forma muitas vezes naturalizada**, pois a

> atenção maior se fixa sobre a história contada, nos diálogos e nos efeitos emocionais causados pela trama. A análise fílmica começa quando conciliamos o olhar que capta o resultado de um filme e a reflexão sobre as escolhas, recursos e processos que estão por trás destes resultados.

Este excerto de Napolitano nos é valioso, uma vez que, o autor chama a atenção para a historicidade das reações e construções humanas. Ao desnaturalizar uma obra de arte passamos a entender que o mundo é uma construção social, individual e coletiva. A diversidade de sentidos e linguagens devem ser contextualizadas em espaços e tempos históricos. Nesse sentido, nada é para sempre. A objetivação do mundo social, portanto, demanda reflexão.

Na abordagem de filmes na educação superior ou básica, conforme a ênfase da análise estética e da leitura das imagens, Alegria e Duarte (2009, p. 69 - 70) fazem algumas indagações acerca do "uso instrumental" de filmes voltados para o "ensino de conteúdos curriculares sem considerar a dimensão estética, seu valor cultural e o lugar que tal obra ocupa na história do cinema". Com essa prática, declaram que está se "olhando através dos filmes e não para eles", logo, os filmes são utilizados como "ilustrações luminosas" de conhecimentos considerados válidos nos currículos educacionais. Em razão disso, recomendam ser necessário superar essa visão e incentivar também a leitura de imagens, já que "boa parte das lutas são travadas no mundo das imagens".

Assim sendo, os autores chamam atenção para uma das tensões deste campo de proposições: a utilização do audiovisual não como um simples entretenimento para todos ou para alunos desinteressados da escola, mas como fonte de conhecimento. É oportuno intensificar os processos formativos acerca da educação e o cinema como audiovisual para difundi-lo como uma "instância pedagógica" em ambientes educacionais, na ampliação dos "modos de ver", na análise da diversidade de produções cinematográficas, proporcionando experiências de novos repertórios culturais dos estudantes. É preciso romper com a utilização do cinema nos espaços educacionais como mera ilustração de conteúdos curriculares, evidenciando os filmes como "patrimônio artístico e cultural da humanidade" que requerem conhecimentos prévios sobre seu valor cultural, inserindo-os em contextos educacionais, para proporcionar aprendizagens em interpretação e criação. (DUARTE, 2002).

3.2. Uma tensão teórica ou metodológica?

> Pode haver uma pedagogia centrada na criação tanto quando se assiste filmes tanto quando se os realiza. Evidentemente, é essa pedagogia generalizada da criação que seria preciso conseguir implementar numa educação para o cinema como arte. [...] o que deveria ser uma abordagem do cinema como arte: aprender a tornar-se um espectador que vivencia as emoções da própria criação. (BERGALA, 2008, p. 34 - 35).

Uma outra tensão também se revela na análise do espaço de diálogo educação e cinema. Enquanto os estudos de Bergala (2008) e Fresquet (2013) concebem o cinema como uma *"obra de arte"* que necessita ser uma experiência para os estudantes ao assistirem aos filmes ou criá-los, especialmente na educação básica, Duarte (2002), Napolitano (2009), Fischer e Marcello (2011) discutem o cinema na perspectiva de *comunicação/linguagem/ideologia*, que objetiva a formação do estudante espectador/crítico, isto é, a linguagem audiovisual do cinema como expressão de poder.

Fresquet (2013), no livro **Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**, expõe suas reflexões entre a educação e o cinema ao relatar algumas experiências entre duas tensões desdobrando-as. Para ela, o cinema poderia servir como ponte e caminho "entre" a realidade e a imaginação; o cinema deve ser entendido como arte na escola, com crianças restaurando a infância do cinema; por que criar escolas de cinema em escolas públicas? A autora vai mais além. Podemos levar o cinema para outros ambientes? Hospitais, cinematecas, comunidades. Trata-se sem dúvida de uma abordagem do cinema como "experiências criativas, alteridade e potência emancipatória" nos ambientes educacionais e fora deles.

A autora salienta a importância das artes na educação, especialmente o cinema. Esta é compreendida como uma relação de parceria, visto que este é um campo fértil, inspira e provoca práticas pedagógicas que proporcionam reflexões, curiosidade, imaginação, criatividade, sensibilidade e intelectualidade, resultando em produção de conhecimento. Fresquet (2013) distancia-se da discussão do cinema sob o teor currículo/conteúdo, uma vez que observa a sua dimensão estética. Logo, sugere um trabalho com os filmes nos ambientes educacionais por meio de intervenções nem sempre "harmônicas", mas que criem possibilidades de reflexão das imagens, dos sons e das estratégias utilizadas pelos cineastas no processo da elaboração de filmes, para que possam resultar em desenvolvimento sensível e intelectual.

> Mas apostamos nas pontes que o cinema nos permite atravessar para olhar para outros tempos, outras culturas, ou para outros modos de estar aqui e agora, revelando algo do processo criativo que se consegue esquivar ao sistema que escapa. Definitivamente, é aquilo que sobrevive e perpetua algumas páginas da diferença. [...]. Um certo cinema que, mais que dizer, nos faz pensar e nos sacode, ativando nosso próprio acervo de memórias ou invenções. Esse cinema pode ser feito na escola, e pode materializar os sonhos e devaneios. (FRESQUET, 2013, p. 102).

A autora identifica o cinema como um importante instrumento de percepção individual e coletiva, sendo fundamental nos ambientes educacionais pelos processos criativos que ele pode proporcionar entre os atos de aprender e desaprender. Por isso, incentiva a ampliação e as possibilidades de análise de diferentes cinematografias nos ambientes educacionais para alargar o repertório cultural dos estudantes, permitindo sua emancipação como espectadores de audiovisual.

> O cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com os nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante do nosso conhecimento imediato e possível. A tela de cinema (ou do visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, dos sistemas) e com o si próprio. A educação também se reconfigura diante dessas possibilidades. (FRESQUET, 2013, p. 19).

Fresquet problematiza a “pedagogia explicativa”, uma vez que, esta nega aos sujeitos em formação o direito de ter “contato direto com aquilo a ser aprendido”. Por este ângulo, orienta que as relações de ensino-aprendizagem sejam formas de emancipação e criação, utilizando meios de colocar os estudantes em contato com o mundo, pensando-o e reinventando-o, em especial por meio do cinema. Propõe a criação de escolas de cinema em escolas públicas regulares, cuja finalidade seja colocar os estudantes em contato com a arte cinematográfica: técnicas, linguagem e história, uma forma de aprender cinema pela experiência entre ver e criar filmes. Por certo, as considerações da autora fundamentam nossa tese sobre a necessidade de propor formalmente uma disciplina obrigatória nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas, que serviria como núcleo central de muitas e diversas experiências de aprendizado, em muitos campos do conhecimento.

> Em uma escola de cinema em contexto escolar, possivelmente, podemos fazer experiência de colocar o aluno em contato com essa arte, com seus

> instrumentos, sua materialidade – imagem, luz, cor, som –, sua história, seu universo, e sem explicar, acompanhar como um verdadeiro *passeur*, a travessia de aprender o cinema, correndo juntos os mesmos riscos. Na intimidade do contato dos estudantes com as câmeras, computadores, equipamentos em geral, tentamos fazer alguma passagem de uma pedagogia da explicação para uma pedagogia do risco, de descobrir e criar. E, através das orientações da atenção aos elementos da linguagem nos filmes projetados, tentamos fugir de um modelo pedagógico simplificador. (FRESQUET, 2013, p. 104).

Nesse ponto de vista, Fresquet recomenda a relação educação e cinema na vertente da travessia e produção, ou seja, suas formas de ver e de fazer, na qual os estudantes são espectadores e produtores de imagens, vídeos e filmes. Uma maneira de se aprender uma arte, produzir vivências e experiências com ela, um modelo ousado e, por certo, pouco convencional.

> Quando uma criança ou jovem filma, em silêncio e com atenção, se acerca do mundo e o mundo se aproxima dele/a., mas não se trata desse mundo que está aí, pronto, esperando ser filmado. Ele se transforma no instante em que é recortado com a câmera, inventando-o e significando-o no próprio ato da captura e da edição das imagens. Trata-se de um processo que tem algo de aventura pelo desvendamento do invisível oculto no visível. (FRESQUET, 2013, p. 97 - 98).

Portanto, a autora identifica o cinema como parceiro na educação, visto que, este inspira e provoca práticas pedagógicas que resultam em imaginação, produção sensível e intelectual do conhecimento, uma ponte que estimula o olhar para outros tempos, culturas, modos de vida, possibilita processos criativos, materializando “sonhos e devaneios”. O cinema, assim, é um objeto de percepção de si e do outro, sendo essencial em ambientes educacionais, ou seja, em uma relação de ensino e aprendizagem como forma de emancipação e criação, utilizando meios de colocar os estudantes em contato com o mundo, pensando e reinventando o mesmo.

Por isso, é importante buscar por uma aprendizagem com o cinema que consista em ver e fazer filmes nos ambientes educacionais, em ações individuais e coletivas, incentivando o potencial crítico e criativo, vivências e experiências para os estudantes. Compreendemos que Fresquet (2013) expõe suas argumentações sob a premissa do cinema na qualidade de “obra de arte”, direcionada por teorias cinematográficas europeias, especialmente Alain Bergala. Logo, ressalta a importância social do cinema, sua atuação na educação formal, informal e em outras instâncias da sociedade: hospitais públicos, cinemateca e comunidades, por exemplo.

Com orientação semelhante, também destacamos o trabalho do teórico estrangeiro selecionado para análise e contribuição neste estudo, Alain Bergala, crítico, ensaísta, roteirista e diretor de cinema francês. No ano 2000, tornou-se conselheiro de cinema de Jack Lang, Ministro da Educação na França, assessorado por uma equipe de colaboradores com a qual elaborou um projeto integrando artes na educação nacional (cinema, música e artes plásticas).

Na qualidade de consultor do projeto da arte cinematográfica nas escolas públicas pelo país, organizou ações e materiais como a coleção de DVD L'Éden Cinéma. Com produções renomadas realizadas em diferentes períodos, trabalhou com filmes clássicos e curtas-metragens distribuídos para todas as escolas inseridas no projeto. Tinha como objetivo a análise de gêneros cinematográficos, com distintas narrativas artísticas de qualidade e beleza que proporcionassem reflexões, debates e criações.

Seu livro **A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola,** foi traduzido para a língua portuguesa em 2008, por Mônica Netto e Sílvia Pimenta e publicado pela UFRJ. A obra fundamenta algumas iniciativas a respeito da educação e o cinema analisadas no capítulo anterior desta pesquisa, em instituições de regiões do sul e sudeste, sendo um marco nas discussões e práticas na interface da educação e o cinema no Brasil.

Em sua entrevista à revista Nova Escola[43], quando esteve no Brasil para participar da 7ª Mostra de Cinema de Ouro Preto (CineOP), em 2012, Bergala sugeriu que os filmes pudessem ter a mesma atenção que os livros recebem em ambientes educacionais de educação superior e básica no país. Sinalizando, portanto, para a contemporaneidade do audiovisual na formação do imaginário das gerações mais novas.

O projeto realizado na educação nacional francesa foi denominado **A Missão da educação artística e da ação cultural**, uma ação conjunta entre os Ministérios da Educação e da Cultura, que contemplaria inicialmente o período de cinco anos, sob uma perspectiva distinta entre a educação artística e o ensino de artes. Em razão disso, Bergala (2008), elabora suas hipóteses no âmbito da educação e do cinema propondo uma discussão acerca da forma pedagógica de entrada dos filmes nos ambientes educacionais, a formação de professores, a recepção do cinema na qualidade de arte: *"criação do novo"* e seu encontro com a alteridade.

---

[43] Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/922/entrevista-com-alain-bergala

Os estudos de Bergala (2008) ampliaram as ações com o cinema no Brasil, uma vez que saem do terreno do cinema nos ambientes educacionais como objeto de leitura que precede um processo introdutório antes, durante ou após a sua exibição. Em outras palavras, muda o foco direcionado para a *comunicação/linguagem/ideologia* e a formação do *estudante leitor/espectador/crítico*, para o foco cinema como arte, o que caracteriza uma inovação: *"experiência/travessia"* e a formação do *estudante espectador/autor/produtor*. Tal perspectiva qualifica uma pedagogia do audiovisual como indispensável já na educação infantil, ao proporcionar aos estudantes um contato com os filmes sem intervenção prévia do professor. Propõe discussões posteriores à exibição do filme para a identificação de como ocorreu a experiência do estudante com o filme e para pensá-lo como um processo de criação.

> Se quisermos ensinar jovens ou crianças no cinema, é preciso sempre partir de suas experiências. A experiência da travessia do filme. Não se deve partir de ideias. Não se deve partir de conceitos. Chegaremos às ideias e aos conceitos depois. Isto é, primeiramente, eles dizem. Cada um pode dizer por exemplo, como ele viveu a travessia do filme. Em seguida, a partir disso, podemos perguntar aos alunos como foi para eles a travessia do filme. E a partir daí, podemos fazer pontes, analisar. E pouco a pouco, chegar às ideias. Mas não se deve nunca partir das ideias. É preciso sempre partir de suas experiências. (BERGALA, 2012)[44].

Em vista disso, Bergala remete o olhar para a educação e o cinema como uma criação sensível e ativa, em que os estudantes possam ter um encontro com essa arte, adquirir suas próprias experiências com filmes ao assisti-los ou criá-los, ao compartilhar as emoções dos personagens e do seu autor, as alegrias e as dificuldades. Isso resulta em uma *pedagogia da experiência e da criação* que proporcionam suas práticas com autonomia, especialmente em escolas públicas. Assim sendo, Bergala idealiza que as escolas possam desenvolver o cinema de forma criativa, sensível e crítica, ou seja, uma educação transformadora e emancipatória, com o cinema e pelo cinema ao produzir conhecimento.

As contribuições de Bergala para a educação e o cinema também ocorrem por meio de vídeos e entrevistas em orientações básicas e específicas: é importante que os professores conheçam o cinema, tenham um encontro com essa arte ao assistirem a uma diversidade de filmes; desenvolvam ações de análise e criação de audiovisuais que sejam contínuas ou permanentes em sua escola. Para isso, é preciso que recebam apoio

---

[44]**Abecedário de Cinema – Alain Bergala**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jhjVzGOVngw

da equipe escolar em ações conjuntas, de técnicos e especialistas em audiovisual; explorem outros espaços além da escola para as filmagens e exibição de filmes, comecem com pequenos vídeos e vá ampliando o repertório. De fato, isto é uma gama de aspectos que só poderiam ser adquiridos em cursos de formação tal como propomos nesta tese.

Como não poderia faltar, Bergala ressalta a tradição cultural francesa entre a educação e o cinema, a sua recepção, a prática em escolas públicas e a importância do apoio em políticas de Estado que viabilizem recursos financeiros, técnicos e manutenção no desenvolvimento de iniciativas educacionais com o cinema. Nesse sentido, políticas públicas de incentivo seriam fundamentais no Brasil.

Na relação entre a educação e o cinema defendida pelo autor, observamos que ela deve ser mediada por um *gesto de criação* que requer rompimento com os filmes como objetos de leitura, algo a ser decifrado em um processo de mecanização do cinema. Dessa maneira, é relevante consideramos uma *"abordagem aberta"* com os filmes em ambientes educacionais para que ocorra o *ato de criação do novo*.

Segundo Bergala (2008) o ato de criação cinematográfica envolve as seguintes operações mentais: **"a eleição, a disposição e o ataque"**, sendo necessário analisar o gesto criativo buscando entender os motivos e as escolhas encaminhadas nos filmes para se observar novas perspectivas em criação. Além de compreender a totalidade e os fragmentos inseridos nos objetos artísticos em análise.

> **Eleger:** escolher coisas no real em meio a outros possíveis. Na filmagem: cenários, atores, cores, gestos, ritmos. Na montagem: as tomadas. Na mixagem: sons isolados, ambientes sonoros. **Dispor:** posicionar as coisas umas em relação às outras. Na filmagem: os atores, os elementos do cenário, os objetos, os figurantes etc. Na montagem: determinar a ordem relativa dos planos. Na mixagem, dispor os ambientes e os sons isolados relativamente às imagens. **Atacar:** decidir o ângulo ou o ponto de ataque às coisas que se escolheu e dispôs. Na filmagem: decidir o ataque da câmera (em termos de distância, de eixo, de altura, de objetiva) e do (ou dos) microfones. Na montagem, uma vez escolhidos e dispostos os planos, decidir o corte de entrada e de saída. Na mixagem, mesma coisa com os sons. (BERGALA, 2008, p. 135).

Cumpre salientar, em síntese, que ao analisarmos as orientações na interface da educação e o cinema propostos pelos autores selecionados nesta pesquisa, evidenciam-se duas concepções teóricas divergentes de abordagem em relação ao cinema nos ambientes educacionais brasileiros. Essas concepções revelam uma distinção na realização dos filmes. Para alguns autores, o cinema é identificado como *meio de comunicação*, isto é, são pensados por seus respectivos diretores, mas resultam de uma

produção coletiva pela contribuição que recebem em aparatos humanos e técnicos. Entretanto, Bergala (2008) argumenta que *os filmes são uma elaboração mental* de seu diretor, uma vez que prevalecem suas decisões que caracterizam o processo criativo, o chamado cinema de autor.

O cineasta fez parte do editorial da revista francesa *Cahiers du Cinéma*, criada em 1951, por Jacques Doniol-Valcroze, André Bazin, Léonide Keigel e Joseph-Marie Lo Duca, sendo uma referência entre as revistas de cinema no mundo, cujo objetivo na época de sua origem era elevar o cinema ao patamar de arte, questão consolidada na contemporaneidade. Essa visão fundamentada na *"teoria do autor"* ou *"política dos autores"* salienta o estilo expresso nas produções que caracterizam a personalidade de seu diretor. Tais ideias contaram com a colaboração Jean-Luc Godard, Jacques Rivette, François Truffaut, entre outros. Por conseguinte, o versado autor organiza suas argumentações respaldadas nos estudos teóricos do círculo da *Cahiers du Cinéma*, especialmente em Godard e nas discussões críticas europeias a respeito do cinema na qualidade de *"arte da direção"*.

Nesse sentido, as influências teóricas da revista *Cahiers du Cinéma* estão explícitas nas orientações de Bergala (2008) acerca da educação e o do cinema. Na atualidade, a revista dedica-se, dentre outras funções, à análise crítica de filmes e possui edições próprias na língua inglesa e espanhola.

Concluímos este capítulo em uma atividade reflexiva acerca de abordagens de pesquisadores nacionais e internacionais em colocações comuns e divergentes. Estes apontamentos contribuíram para a elucidação de concepções teóricas que permeiam os ambientes educacionais da sociedade brasileira, orientam práticas pedagógicas e fomentam ações e intervenções com o cinema na educação.

Capítulo IV

4. Reflexões a respeito da formação docente e o cinema

Nos capítulos anteriores deste estudo ressaltamos a relevância da formação audiovisual para professores e demais profissionais da educação superior e básica, especialmente acerca do cinema e as suas especificidades. Utilizamos como referência abordagens teóricas distintas, alguns dados de pesquisas que evidenciaram as dificuldades encontradas por profissionais da educação no estado de São Paulo relacionadas ao processo de ensino e aprendizagens com o cinema, além de uma variedade de iniciativas em educação e cinema desenvolvidas por universidades federais e estaduais, entre os anos de 2008 e 2018, nas cinco regiões do país.

Este estudo procurou enfatizar a diversidade de temáticas abordadas nas iniciativas de formação em educação e cinema nas diferentes regiões e territórios do Brasil, suas contribuições para o desenvolvimento educacional brasileiro, para o conhecimento de estéticas cinematográficas, da produção e exibição de filmes de diferentes gêneros. Tais produções realizaram discussões a respeito de aspectos culturais específicos, a multiculturalidade nacional, possíveis avanços em convivência social, em cidadania, respeito mútuo, interação, preservação de memórias, ética e estética, enfim, experiências e aprendizagens múltiplas.

Entretanto, as iniciativas também apresentaram aspectos da diversidade cultural e da desigualdade social brasileira refletida no processo educacional pelo país, seus avanços, suas carências e as necessidades de políticas públicas para melhorias na qualidade da educação desenvolvida nos distintos contextos históricos-sociais de nosso território. Em razão do exposto, faz-se necessário ampliar o processo de formação para profissionais da educação acerca da recepção e da criação de filmes nos ambientes educacionais de ensino superior e seus possíveis reflexos de transformação nos espaços escolares da educação básica brasileira.

Neste capítulo discutiremos os conceitos: *formação, docência e audiovisual*. Em outras palavras, a importância social da formação e da profissão docente, como base da elaboração de uma disciplina para os cursos de graduação em Pedagogia e demais licenciaturas. Essa disciplina objetiva conceder subsídios teóricos e práticos em relação ao uso do audiovisual, em especial o cinema na educação superior e básica, uma formação a respeito do cinema na educação que supere a sua instrumentalização em

ambientes educacionais, mas que priorize seu potencial educacional, visto que, em muitas situações de aprendizagem os filmes são relegados a discussões de conteúdos curriculares ou entretenimento. No entanto, ressaltamos a relevância dos filmes na educação como objetos artístico-culturais, fontes de conhecimentos e instâncias pedagógicas, tendo em vista que, ampliam a capacidade de todos de aprender e ensinar com experiências visuais tão comuns na sociedade moderna.

> A criação de um espaço para a exibição e discussão de narrativas audiovisuais nas Licenciaturas contribui para a formação identitária pessoal e profissional do futuro professor e para a mudança de posicionamento dele em relação ao processo de ensino/aprendizagem de modo que passe a considerar também essencial a aprendizagem do sensível. (ALMEIDA, 2015, p. 126).

Zizi Trevizan (1998), ao abordar a utilização de filmes no final da década de 1990, já evidenciava a necessidade de formação de professores para realizarem a leitura estética de filmes devido a sua importância na qualidade de arte cinematográfica, pautada de representatividade, inquietações, informações e desejos que permeiam as relações e as experiências humanas. Segundo esse propósito, argumenta que os filmes não podem ficar fora dos ambientes educacionais em função de um potencial de formação artístico-cultural e tecnológico dos estudantes na atualidade.

O cinema configura-se em um jogo pautado por arte, técnica, humanismo e sedução ao apresentar uma adequação magistral entre o conteúdo e a linguagem fílmica. Nessa perspectiva, a diferença entre um filme e outro está em seu grau de esteticidade, ou seja, a ênfase que se concede aos recursos da linguagem amplia o grau artístico de um filme. Na leitura dialógica das temáticas e da estética dos filmes é importante que os espectadores observem a criatividade inserida na produção interna do filme, as relações estabelecidas na sua construção, as estratégias utilizadas e a combinação de determinados signos: sons, gestos, objetos, cores, movimentos, expressões, entre outros. Elementos da linguagem utilizados por todos nós no exercício da objetivação do mundo e de construção de si.

> Os filmes colaboram para o acesso a diferentes formas de apreensão do mundo local e global, portanto, contribuem para a construção identitária pessoal e profissional dos estudantes de qualquer nível. Além disso, embora estejamos todos imersos em uma cultura cujos discursos audiovisuais são cada vez mais contundentes, a experiência vivenciada pelos alunos no espaço educativo pôde levá-los a perceber que a mediação do professor ainda é essencial para propiciar formas diferenciadas de refletir sobre o funcionamento dos discursos visuais. (ALMEIDA, 2015, p. 132).

Portanto, incluir as diferentes produções cinematográficas em gêneros, espaços, tempos, estéticas e metragens nos ambientes educacionais na atualidade, observar suas temáticas, sua linguagem e formas de criação, ou seja, analisar todo o processo que envolve sua produção e as possibilidades de novas criações, é proporcionar momentos de aprendizagem total, uma vez que o audiovisual está imerso no cotidiano social da contemporaneidade. Contudo, para que essa análise se processe, é essencial que os professores conheçam seu objeto de estudo e suas instâncias de ação na sociedade.

A formação docente, seja a inicial ou a continuada, tem sido pauta de muitas discussões e observações de diferentes estudiosos da educação no decorrer do tempo, em diferentes contextos históricos-sociais, especialmente no Brasil. Como eixo central na melhoria da qualidade da educação superior e básica, a formação docente é uma das prioridades da educação no início do século XXI. Nessa perspectiva, torna-se relevante destacarmos o significado dos conceitos *formação, docência e audiovisual*. Conforme Maria Donato (2002, p. 138), a etimologia da palavra *formação* revela que sua origem deriva do latim "*formare*", assim, como verbo transitivo significa "*dar forma*", já como verbo intransitivo "*colocar-se em formação*", e como verbo pronominal "*ir-se desenvolvendo*".

Para Sylvia Batista (2002), a *formação* está relacionada ao reconhecimento de trajetórias individuais de mulheres e homens, suas contextualizações históricas e as diferentes propostas de formações em determinadas sociedades. Rosa Fischer (2009, p. 95) complementa essa discussão ao identificar o conceito *formação* "como uma escolha da própria existência, um estilo de vida, um cuidado consigo". Nesse sentido, o processo formativo compreende atos que envolvem: problematizações, disposição, ética, dedicação, aprendizagens e transformações, bem como ações realizadas individualmente e/ou direcionadas por outros.

Segundo Evandro Martins (2005, p. 34), a etimologia da palavra *docente* deriva do latim *docens, docentis* que era o particípio presente do verbo latino *docere* que significa "ensinar", ou seja, o docente é aquele que ensina, instrui e informa, a datação do vocábulo na Língua Portuguesa ocorreu por volta do ano de 1877. Fischer (2009, p. 94) menciona que a *docência* se constitui em um lugar de "experimentação, de transformação de si, de exercício genealógico". Sendo assim, a autora compreende que a ação docente proporciona indagações diversas, possibilidades e perspectivas acerca das concepções teóricas que direcionam as escolhas profissionais, as formas metodológicas a serem

utilizadas, a ética a ser desenvolvida, o contexto histórico-social de inserção e atuação profissional, suas complexidades, informações e transformações.

Em seus estudos relacionados à didática e à prática de ensino, José Carlos Libâneo (2013, p. 48) discorre a respeito do trabalho docente. O autor define o trabalho docente constituindo-se no exercício profissional do professor e este é o primeiro compromisso com a sociedade. "É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a formação cultural e científica do povo". Portanto, na perspectiva do autor, a atividade profissional docente envolve compromisso social e ético, sendo essencial para a formação de um povo, para a constituição de uma sociedade que objetiva cidadania ativa, participação cultural e política, que valoriza os diversos conhecimentos produzidos e procura desenvolver novos estudos fundamentados na valorização do processo democrático.

Na conferência intitulada **os Professores no Futuro Presente**[45], Antônio Nóvoa (2017) observa que a profissão professor na contemporaneidade requer algumas ações que implicam em sua melhoria e qualidade, são elas: a *disposição pessoal* – investir em sua formação pessoal e atuação profissional em espaços e tempos para um processo de construção de sua identidade; a *interposição profissional* – desenvolver trabalho coletivo desde o período de formação inicial pela participação cotidiana em ambientes educacionais; a *composição pedagógica* – cada professor precisa encontrar sua maneira de atuação profissional, pautando-se nas trocas de experiências, nas práticas metodológicas e demais conhecimentos produzidos acerca da ação docente; e a *exposição pública* – estabelecer relações e ações no ambiente educacional, na comunidade de atuação profissional.

É nesse contexto de *formação e docência*, que compreendemos a relevância da formação audiovisual. Contudo, reconhecemos que o conceito é amplo. De acordo com Henrique de Oliveira (1996, p. 122), o neologismo *"audiovisual"* é resultante de fusão dos termos *"áudio"* (do latim *Audire* - ouvir) e *"visual"* (do latim *Videre* - ver). Seu surgimento ocorreu nos Estados Unidos da América, na década de 1930, período de "transição do cinema mudo para o cinema falado". Segundo Jacques Aumont e Michel Marie (2003, p. 25), o termo *"audiovisual"* é um adjetivo e na maioria das vezes,

---

[45] **Conferência de António Nóvoa abre 6º Congresso Pesquisa do Ensino.** Disponível em: https://www.sinprosp.org.br/noticias/2641

substantivo, uma vez que designa vagamente “as obras que mobilizam, a um só tempo imagens e sons, seus meios de produção, e as indústrias ou artesanatos que os produzem”. Logo, o cinema é, por natureza, *“audiovisual”*.

Na contemporaneidade, o conceito de *audiovisual* ampliou-se passando a incorporar o conjunto de todas as tecnologias, formas de comunicação e produtos constituídos de sons e imagens com impressão de movimento. São eles: a televisão aberta ou por assinatura e todos os seus gêneros; o cinema ficcional, o documental, o experimental, a animação tradicional ou computadorizada; o vídeo analógico ou digital; o videoclipe; o making off; e o videogame são alguns exemplos da abrangência do uso do conceito na atualidade. Na sociedade da informação em que vivemos, a linguagem imagética do cinema pode e tem contribuído no processo de aprendizagem de diferentes faixas etárias, visto que seu jogo de ludicidade pode auxiliar no aprimoramento educacional em suas relações com temáticas culturais, sociais, históricas, dentre outras opções e circunstâncias.

Por conseguinte, o cinema na educação pode ser uma porta de acesso à construção de conhecimento ao ser utilizado de forma crítica, quando consideramos as seguintes elementos: a) retomar a capacidade ver e pensar diante da crescente inflação de imagens; b) identificar a subjetividade e a possibilidade de múltiplas interpretações do que se está observando; c) chamar a atenção para as significações culturais e suas relações de poder, visto que o cinema é compreendido como um artefato cultural e discurso que contribui para a construção de definições sociais. (PIRES; SILVA, 2014). Portanto, evidenciamos a relevância da análise dos efeitos de verdade presentes nos diálogos e cenários, no contexto histórico de sua produção, nos gêneros e nos códigos internos (linguagem), para compreendermos os significados, os sentidos e projetarmos novas ideias em invenções e criações com o cinema, essa é uma meta a ser conquistada.

As tensões observadas no capítulo anterior estão relacionadas às concepções teóricas de abordagem com o cinema na educação e se constituem na formação do *estudante espectador/crítico para o estudante espectador/produtor*, mediadas por concepções distintas em aprendizagens com o cinema, sendo que uma se sobrepõe a outra e sugere a superação dela. Nessa perspectiva, salientamos que uma formação inicial docente que preza por qualidade não pode depreciar uma das duas concepções com o cinema: *comunicação/linguagem/ideologia* e *“obra de arte/criação do novo*”. A formação para o audiovisual precisa apresentar uma fundamentação teórica

relevante que objetive discutir ambas: a história, a linguagem e os possíveis processos pedagógicos de leitura e criação, de experiências e invenções com o cinema.

Por isso, é essencial prezarmos por uma formação docente que problematize os aspectos comuns e divergentes entre as teorias de educação e cinema, para que os docentes em formação possam fazer as suas escolhas ao se inserirem nos diversos ambientes educacionais espalhados pelo abrangente território brasileiro. Compreendemos que as duas concepções teóricas, embora discordantes, são complementares, uma vez que, as duas apresentam relevância e diversidade em seu processo formativo com o cinema nos ambientes educacionais. Ambas são contributivas para o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e artístico-cultural dos estudantes da educação superior e básica.

No entanto, o que consideramos fundamental para a definição de qual abordagem teórica utilizar são os aspectos presentes na diversidade cultural e na desigualdade social no território brasileiro, as carências e as emergências que cada comunidade educacional está inserida, a infraestrutura socioeducacional, o que pode ser realizado nesses espaços, as interações e as possibilidades significativas de realizações e mudanças. Portanto, a decisão final de qual concepção teórica utilizar precisa ser relativa ao docente em seu contexto heterogêneo de atuação profissional.

4.1. O Currículo segundo a vertente didática e a institucional

Ao propormos a elaboração de uma disciplina na interface da educação e o cinema para estudantes nos cursos de graduação em Pedagogia e demais licenciaturas reiteramos que essa ação nos remete a uma reflexão da composição curricular destes cursos na atualidade e a necessidade de revisão deles para incluir mais estudos acerca das mídias audiovisuais, especialmente o cinema. Trata-se de enfatizar sua relevância na qualidade de artefato cultural e discurso que contribui para a construção de significados sociais. Logo, é plausível considerarmos as relações e as implicações tecnológicas, culturais, sociológicas, filosóficas, históricas e educacionais que o cinema pode proporcionar, além do fato dos filmes serem identificados como objetos artístico-culturais. Sabemos que uma variedade deles são observados como representações sociais, documentos históricos, fontes para pesquisas e instâncias pedagógicas.

Para desenvolver a perspectiva do cinema como objeto artístico-cultural, de igual modo, precisamos considerar as abordagens didática e institucional presentes na

história e na teoria curricular. Walter Doyle (1992, p. 487) apresenta suas argumentações em relação a essa dualidade que envolve o documento curricular.

> O currículo é um modelo abstrato que define o caráter, ou seja, as experiências e resultados de uma escola ou de um sistema escolar. Por vezes, este modelo ganha forma num documento, mas em termos mais vastos, existe nas percepções partilhadas dos que participam na instrução e respectivas comunidades. Este modelo define tanto uma arena na qual as tensões entre a escola e a sociedade são resolvidas como um conjunto de normas para controlar o ensino.

Nesta linha de raciocínio, o currículo possuiria uma dupla vertente: a didática e a institucional. A primeira trata de questões referentes à ação curricular em salas de aula e a segunda preocupa-se com o plano da organização social, política e educacional. No sentido didático, as ações pedagógicas na contemporaneidade voltam-se para as seguintes indagações: o que ensinar? Por que ensinar? Para quem ensinar? Que objetivos se pretende atingir? Como os conteúdos podem se interrelacionar? Que recursos materiais metodológicos utilizar? Como organizar o tempo, os espaços e atividades que visam bons rendimentos? Que tipo de avaliação aplicar? Entre outras questões que permeiam os diversos ambientes educacionais.

No sentido institucional, o currículo volta-se para parâmetros que englobam decisões em um campo de atuação partilhado por diferentes poderes relacionados à ação educativa no caso dos municípios, dos estados ou da Federação. Na qualidade de organizadores de políticas educacionais curriculares estes regulamentam e avaliam o sistema de ensino que pretendem oferecer aos seus estudantes respaldados pela política ideológica que legitima seus governos. Nessa perspectiva, Tomaz Tadeu da Silva na apresentação do livro **Currículo: teoria e história**, de autoria de Goodson, discorre as seguintes considerações:

> O processo de fabricação do currículo não é um processo lógico, mas processo social, no qual convivem lado a lado com fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, determinantes sociais menos “nobres” e menos “formais”, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades de legitimação e de controle, propósito de dominação, dirigidos por fatores ligados à classe, à raça, ao gênero. A fabricação do currículo não é nunca apenas o resultado de propósitos “puros” de conhecimento. O currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos. (2008, p. 8).

Compreendemos que o conceito de currículo é multifacetado, uma vez que, apresenta mudanças no decorrer da história e sociedades, por estar vinculado a espaços

específicos, temporalidades, realidades sociais distintas e a diferentes projetos políticos ideológicos governamentais. Consequentemente, os conhecimentos definidos em um documento curricular são considerados socialmente válidos pelo contexto de sua inserção e apreensão de sua significação.

Salientamos, portanto, que temáticas voltadas para as mídias audiovisuais, especialmente para o cinema, são imprescindíveis no contexto histórico-social brasileiro contemporâneo. Em vista disso, sugerimos que o cinema na qualidade de audiovisual precisa fazer parte dos programas curriculares nas distintas instituições de ensino superior como disciplina obrigatória, em licenciaturas na graduação e na pós-graduação, além das diferentes ações que já são ofertadas em forma de projetos, de mostras, de cineclubes, de minicursos, de cursos de extensão e de oficinas.

Tendo como referência as discussões curriculares propostas pelos autores citados, nos atentaremos nesta pesquisa para as práticas pedagógicas que podem permear um documento curricular, uma vez que nossa proposta consiste na elaboração de uma disciplina na interface da educação e o cinema, que objetiva oferecer formação inicial para os estudantes dos cursos de graduação em Pedagogia e demais licenciaturas. Entretanto, não descartamos a possibilidade de que o programa definido para uma disciplina semestral também seja utilizado como um curso de formação continuada para professores, visto que se trata de um estudo em história e teorias gerais a respeito do cinema na educação.

> As funções que o currículo cumpre como expressão do projeto de cultura e socialização é realizada através de seus conteúdos, de seu formato e das práticas que cria em torno de si. Tudo isso se produz ao mesmo tempo: conteúdos (culturais e intelectuais e formativos), códigos pedagógicos e ações práticas através dos quais se expressam e modelam conteúdos e formas. (SACRISTÁN, 2008, p. 16).

Pelas orientações propostas por José Gimeno Sacristán a respeito do currículo na qualidade de projeto de cultura e socialização, centrado em conteúdo, códigos pedagógicos e ações práticas, o autor apresenta as problemáticas que permeiam o sentido didático de currículo. Isso posto, passaremos a descrever os conteúdos, as ações práticas e as referências teóricas que orientarão o programa e a estrutura da disciplina acerca da educação e do cinema, uma proposta que objetiva romper com a ausência dessa temática na formação inicial como disciplina curricular presente em licenciaturas para

professores nas distintas regiões do país, fato que ficou evidenciado pelos dados obtidos nos estudos mencionados em capítulo precedente, especialmente no estado de São Paulo.

Após as orientações observadas anteriormente, acreditamos que a disciplina deixaria de chamar **Educação e cinema: teorias, análise e perspectivas**. Seria mais apropriado intitulá-la como: **o Cinema na Educação: humanidades**, **técnicas e linguagem**. Nossa próxima tarefa será apresentá-la em seus objetivos, métodos e justificativas.

4.2. Disciplina – O Cinema na Educação: humanidades, técnicas e linguagem.

Carga horária: 16 encontros (64h)

Tipo: semestral

Ementa:

Por intermédio da análise de estudos recentes em pesquisas de campo, práticas educacionais com o cinema, referências bibliográficas e estruturas curriculares de cursos de licenciaturas em diferentes regiões pelo país, foi possível identificar que esses cursos e ambientes educacionais estão carentes de formação inicial e continuada acerca de teorias e metodologias com o cinema na educação, mais especificamente seus processos de recepção, experiências e criações. Nessa perspectiva, propomos a elaboração de uma disciplina de caráter obrigatório, intitulada **o Cinema na Educação: humanidades**, **técnicas e linguagem** que se respalda na história do cinema, em suas concepções teóricas e, sobretudo, em estudos das relações entre a educação e o cinema. A disciplina consiste em uma formação geral para os graduandos do curso de Pedagogia e demais licenciaturas que prioriza a identificação de filmes como objetos artístico-culturais, fontes de conhecimentos e instâncias pedagógicas, norteada pelo objetivo de ampliar a cultura de valorização do cinema e suas múltiplas formas de aprendizagens nos ambientes educacionais. Esta disciplina objetiva contribuir com o processo de regulamentação da **Lei nº 13.006/14**, a ser realizado pelo Ministério da Educação.

Objetivos:

- Apresentar e problematizar um conjunto de abordagens teóricas nacionais e internacionais acerca da educação e do cinema;
- Observar o papel do cinema como artefato cultural (histórico, sociológico e filosófico);

- Discutir alguns aspectos da história do cinema nacional;
- Identificar as características do filme na qualidade de documento histórico, fonte de pesquisa e representação social;
- Analisar a linguagem e os fundamentos gerais da produção cinematográfica;
- Orientar encaminhamentos para a realização de uma análise fílmica e a produção de um curta-metragem.

Justificativa:

Reiteramos que as relações na interface da educação e o cinema não se constituem em uma novidade no processo educacional brasileiro, pois estas datam dos anos 1920, momento em que o cinema foi identificado por educadores como um potencial educativo e passou a ser introduzido nos ambientes educacionais em forma de projetos. Segundo esta ótica, o cinema foi identificado como um recurso da educação moderna, utilizado em sessões de teor recreativo e educacional, especialmente no auxílio a conteúdos de disciplinas curriculares específicas. Após esta breve apresentação da introdução do cinema nos ambientes educacionais, seus objetivos e métodos, discutiremos as mudanças sócio-históricas vivenciadas nos últimos séculos, enfatizando os aspectos humanísticos em que ela está envolvida. Trata-se de dar ênfase às contribuições cognitivas, socioemocionais e artístico-culturais que o cinema na educação pode proporcionar aos estudantes da educação superior e básica. A discussão permitirá romper com a falsa ideia de que o cinema e/ou o audiovisual se encontram apenas no universo do entretenimento e no apoio temático a disciplinas curriculares. Temos como norte que a disciplina fundamentará a regulamentação da **Lei nº 13.006/14**, que instituiu a obrigatoriedade do cinema nacional na educação básica em virtude da **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Dentre as dez **Competências Gerais para a Educação Básica** presentes no documento da BNCC, respaldar-nos-emos nos argumentos que alicerçam as competências três e cinco, já que ambas recomendam que os docentes precisam proporcionar aos estudantes o reconhecimento e a valorização das diversas manifestações artísticas e culturais; além da compreensão, utilização e criação de tecnologias digitais de informação e comunicação de maneira crítica, significativa, reflexiva e ética.

Programa:

- A linguagem cinematográfica;
- Educação e cinema: “obra de arte e criação do novo”;
- Educação e cinema: comunicação e ideologia;
- Cinema: indústria cultural ideológica (contexto sócio-histórico);
- O cinema nacional: história e teoria;
- Filmes: fonte de pesquisa, documento histórico e representação social;
- A análise fílmica;
- Os elementos formais da linguagem cinematográfica (produção).

Avaliação e método:

- Aulas expositivas e dialogadas a partir da análise das bibliografias e de cenas das filmografias indicadas para cada encontro;
- Assistir em cada encontro um dos filmes sugeridos para a aula (a seleção do filme será coletiva, em conformidade com os objetivos determinados para cada aula);
- Debates sobre as distintas concepções teóricas entre a educação e o cinema;
- Escrita de uma reflexão a respeito da educação e o cinema;
- Realização de uma análise fílmica (cinema nacional ou internacional);
- Produção individual ou em equipe de um curta-metragem.

Bibliografia:

ALEGRIA, J.; DUARTE, R. **Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação**. Revista Educação & Realidade. Jan/jun. 2008. n. 33, p. 59 – 80.

ALMEIDA, R. de. **Cinema e Educação: fundamentos e perspectivas**. Educação em Revista. 2017. Belo Horizonte: n.33. p. 1 – 28.

ARRETCHE, M. (org.) **Trajetórias das desigualdades – como o Brasil mudou nos últimos anos**. São Paulo, Ed. UNESP. 2015

BENTES, I. **Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo**. In: Ecos do Cinema de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 191 – 224.

BERGALA, A. **A Hipótese-cinema: pequeno tratado da transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Book link-CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.

BERGER. P e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis. Ed. Vozes. 1983.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 235 – 239; 371 – 377.

BORDWELL, D.; THOMPSON, K. **A Arte do Cinema: uma introdução.** Tradução: Roberta Gregoli. São Paulo: Edusp, 2013. p. 29 – 48.

DUARTE, R. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed. 2002. p.13 – 36; 85 – 108.

FABRIS, E. H. **Cinema e Educação: um caminho metodológico**. Revista Educação & Realidade. Jan/jun. 2008. v.33. n.1 p. 117 – 133.

FISCHER, R. M. B. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas.** Revista Brasileira de Educação. Maio/ago. 2007. v. 12 nº 35. p. 290 – 298.

FRESQUET, A. M. **Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2013. p. 19 – 28; 91 – 112.

GARCIA, C. N. **Culturas Híbridas**. São Paulo. EDUSP, 1997.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade Pessoal**. Oeiras, Ed. Celta.1994.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2004.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Tradução Ivone Castilho Beneditti. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

LEITE, S. **Cinema brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

MARIE, M. **A análise textual do filme**. In: AUMONT, J. **A Estética do Filme.** Tradução: Marina Appenzeller; 9ª edição. Campinas-SP: Papirus, 2012. p. 200 – 218.

MIRANDA, C. E. A.; GUIMARÃES, L. G. **Imagens inventadas: sobre máquinas, crianças e o fazer-cinema no currículo escolar**. Linha Mestra: 2016. v. 30, p. 492 – 497.

MOLETTA, A. **Fazendo Cinema na Escola: arte audiovisual dentro e fora da sala de aula.** São Paulo: Summus, 2014. p. 11 – 27.

ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira** – **cultura brasileira e indústria culturas**. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1988.

_____. **Mundialização e Cultura** – São Paulo. Ed. Brasiliense, 2006.

PEREIRA, Q. M. I. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil**. São Paulo, LTC/EDUSP, 1978.

RODRIGUES, C. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: Lamparina; 2007. p. 49 – 63.

SETTON, M. da G. J. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 41 – 50.

SORLIN, P. **Indispensáveis e Enganosas, as Imagens, Testemunhas da História**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 81 – 95.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997. p. 23 – 26; 44 – 48; 51 – 68.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica.** Tradução: Marina Appenzeller; 6ª edição. Campinas/SP: Papirus, 2009. p.123 – 138.

XAVIER, I. **Um Cinema que "Educa" é um Cinema que (nos) Faz Pensar**. Revista Educação & Realidade. Jan/jun. 2008. v.33. n.1 p. 13 - 20.

Uma Proposta de Desenvolvimento Metodológico

1º e 2º encontro

- Orientações acerca do programa para a disciplina: ementa, objetivos, metodologia e avaliação.

Objeto do conhecimento – A linguagem cinematográfica.

Objetivos:

- Discutir os fundamentos que compõem a linguagem cinematográfica: estilo ou estética, forma e gêneros;
- Analisar os conceitos em estudo a partir de algumas cenas dos filmes sugeridos para a aula.

Referências:

1. BORDWELL, D.; THOMPSON, K. **A Arte do Cinema: uma introdução.** Tradução: Roberta Gregoli. São Paulo: Edusp, 2013. p. 29 – 48.
2. RODRIGUES, C. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: Lamparina; 2007. p. 25 – 44.

Leitura complementar:

3. ALEGRIA, J.; DUARTE, R. **Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação**. Revista Educação & Realidade. Jan/jun. 2008. n. 33, p. 59 – 80.
4. HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2004.

Primeira sugestão filmográfica: *O MENINO E O MUNDO*. Direção: *Alê Abreu*, Brasil: Filme de Papel e Espaço Filmes, 2013 (85 min.).

Sinopse: Cuca é um menino que vive em um mundo distante, numa pequena aldeia no interior de seu mítico país. Sentindo a falta do pai que partiu em busca de trabalho na desconhecida capital, Cuca deixa sua aldeia e sai mundo afora a procura dele. Durante sua jornada descobre uma sociedade caracterizada pela pobreza, a exploração de trabalhadores e a falta de perspectivas.

Gênero: Animação.

Imagem 1 – Filme: O MENINO E O MUNDO.

Fonte: PAPODECINEMA[46]

Segunda sugestão filmográfica: *IDA*. Direção: *Pawel Pawlikowski*, Polônia / Dinamarca / França / Reino Unido: Opus Film, 2013. (82 min.).

[46] Disponível em: https://www.papodecinema.com.br/filmes/o-menino-e-o-mundo

Sinopse: Polônia, 1962. Anna é uma órfã criada por freiras. Ela vai visitar Wanda, a única parente viva. Na visita, a tia diz a Anna que ela é judia. Após essa revelação, as duas resolvem partir em uma jornada de autoconhecimento para descobrirem o real desfecho da história da família e o lugar que cada uma delas se insere na sociedade.

Gênero: Drama existencial.

Imagem 2 – Filme: IDA.

Fonte: MOVIEPRE[47]

3º e 4º encontro

Objeto do conhecimento – Educação e cinema: "obra de arte e criação do novo".

Objetivos:

- Contextualizar os teóricos em estudo;
- Analisar os conceitos: alteridade, eleger, dispor, atacar, e o cinema de "autor";
- Apresentar e discutir a pedagogia da criação e do fragmento;
- Identificar nos filmes sugeridos a pedagogia da criação e do fragmento.

Referências:

1. BERGALA, A. **A hipótese-cinema: pequeno tratado da transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Book link-CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.

[47] Disponível em: https://www.moviepre.com/ida

2. FRESQUET, A. M. **Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2013. p. 19 – 28; 91 – 112.

Leitura complementar:

3. ALMEIDA, R. de. **Cinema e Educação: fundamentos e perspectivas**. Educação em Revista. 2017. Belo Horizonte: n.33. p. 1 – 28.
4. BERGER. P e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis. Ed. Vozes. 1983.

Primeira sugestão filmográfica: *MORTE E VIDA SEVERINA*. Direção: *Afonso Serpa*, Brasil: Animação, 2010. (52 min.).

Sinopse: O filme narra a trajetória de Severino, um retirante nordestino que migra do sertão para o litoral pernambucano em busca de melhores condições de vida. Fundamentado no livro do escritor brasileiro João Cabral do Melo Neto, publicado em 1955, é um clássico da literatura brasileira. A obra recebeu adaptação para um curta de animação pelo cartunista Miguel Falcão, que manteve o texto original e utilizou a técnica tridimensional, em preto e branco.

Gênero: Animação, drama.

Imagem 3 – Filme: MORTE E VIDA SEVERINA.

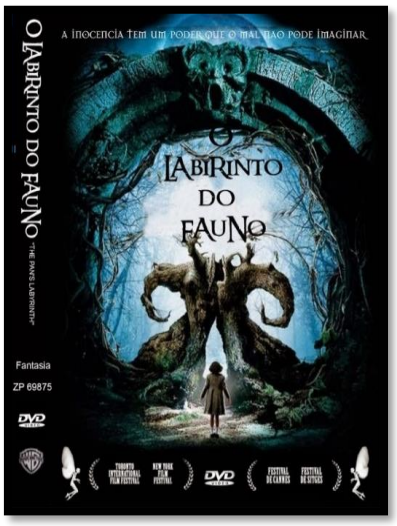
Fonte: FILMOW[48]

Segunda sugestão filmográfica: *O LABIRINTO DO FAUNO.* Direção: *Guillermo del Toro*, Espanha / México / Estados Unidos da América: Warner Bros, 2006. (118 min.).

Sinopse: Espanha, 1944. Oficialmente, a Guerra Civil já terminou, mas um grupo de rebeldes ainda luta nas montanhas ao norte de Navarra. Ofélia, de dez anos, muda-se para a região com sua mãe, Carmen. À espera de seu novo padrasto, um oficial fascista que luta para exterminar os guerrilheiros da localidade, a menina logo descobre a amizade de Mercedes, jovem cozinheira da casa que serve de contato secreto dos rebeldes. Além disso, em seus passeios pelo jardim da casa em que moram, Ofélia descobre um labirinto e todo um mundo de fantasias se abre, trazendo consequências para todos à sua volta.

Gênero: Suspense, drama e fantasia.

Imagem 4 – Filme: O LABIRINTO DO FAUNO.



Fonte: SAPOMAG[49]

5º e 6º encontro

Objeto do conhecimento – Educação e cinema: comunicação e ideologia.

Objetivos:

[48] Disponível em: https://filmow.com/morte-e-vida-severina-em-desenho-animado-t44483/
[49] Disponível em: https://mag.sapo.pt/cinema/filmes/o-labirinto-do-fauno

- Analisar o cinema como prática social e significadora;
- Discutir as controvérsias em análise ideológica;
- Identificar os discursos ideológicos presentes nos filmes sugeridos para a aula.

Referências:

1. DUARTE, R. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed. 2002. p. 13 – 35.
2. TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997. p. 46 – 49; 56 e 57; 143 – 153.

Leitura complementar:

3. XAVIER, I. **Um Cinema que "Educa" é um Cinema que (nos) Faz Pensar**. Revista Educação & Realidade. Jan/jun. 2008. v.33. n.1 p. 13 - 20.
4. ARRETCHE, M. (org.) **Trajetórias das desigualdades – como o Brasil mudou nos últimos anos**. São Paulo, Ed. UNESP. 2015.

Primeira sugestão filmográfica: *QUE HORAS ELA VOLTA?* Direção: *Anna Muylaert* / Brasil: Gullane, Globo Filmes e África Filmes / Pandora, 2015. (114 min.).

Sinopse: Após deixar sua filha com familiares no interior do estado de Pernambuco e passar 13 anos como babá na cidade de São Paulo, Val convive com o conflito de não ter acompanhado a educação e o crescimento de sua filha Jéssica. Ao receber um telefonema de Jéssica confirmando que deseja mudar-se para São Paulo para realizar um curso superior, Val acredita ser o momento oportuno para acompanhar presencialmente essa nova fase da vida de sua filha. Com enorme expectativa e apreensão, ela prepara-se para a vinda da filha, sendo apoiada por seus patrões. No entanto, quando Jéssica chega, à convivência torna-se difícil, uma vez que ela não age dentro dos padrões classistas esperados para ela, o que gera tensões dentro da casa.

Gênero: Drama social.

Imagem 5 – Filme: QUE HORAS ELA VOLTA?

Fonte: FILMEARTE[50]

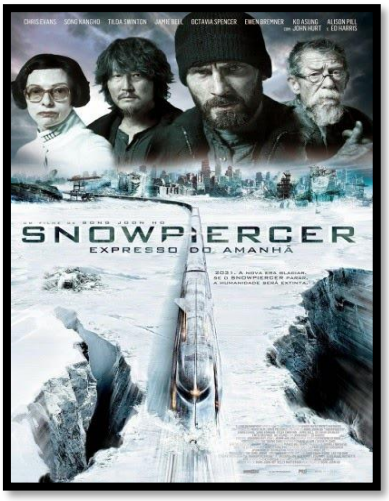
Segunda Sugestão filmográfica: *EXPRESSO DO AMANHÃ*. Direção: *Bong Joon-Ho*, Coréia Do Sul / Estados Unidos da América / França: Barrandov Studios, 2013. (126 min.).

Sinopse: Quando um experimento para impedir o aquecimento global falha, uma nova era do gelo toma conta do planeta Terra. Os únicos sobreviventes estão a bordo de uma imensa máquina chamada Snowpiercer divididos por classes sociais. Lá, os mais pobres vivem em condições degradantes, enquanto a classe rica é repleta de privilégios, até o dia em que um dos membros da classe empobrecida resolve mudar o *status quo*, descobrindo todos os segredos deste intrincado maquinário.

Gênero: Ação, ficção científica, suspense.

Imagem 6 – Filme: EXPRESSO DO AMANHÃ.

[50] Disponível em: https://www.filmearte.com.br/que-horas-ela-volta-direcao-anna-muylaert-p4258



Fonte: SAPOMAG[51]

7º e 8º encontro

Objeto do conhecimento – Cinema: indústria cultural ideológica.

Objetivos:

- Abordar aspectos teóricos dos estudos culturais e da Escola de Frankfurt;
- Problematizar a cultura da mídia;
- Analisar as temáticas presentes nos filmes observando o discurso político e ideológico.

Referências:

1. KELLNER, D. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Tradução Ivone Castilho Beneditti. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
2. SETTON, M. da G. J. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 07 – 11; 31 – 40. (Os textos da autora apresentam um detalhamento sobre as teorias da Escola de Frankfurt).

Leitura complementar:

3. FISCHER, R. M. B. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação. Maio/ago. 2007. v. 12 nº 35. p. 290 – 298.

[51] Disponível em: https://mag.sapo.pt/cinema/filmes/snowpiercer-expresso-do-amanha

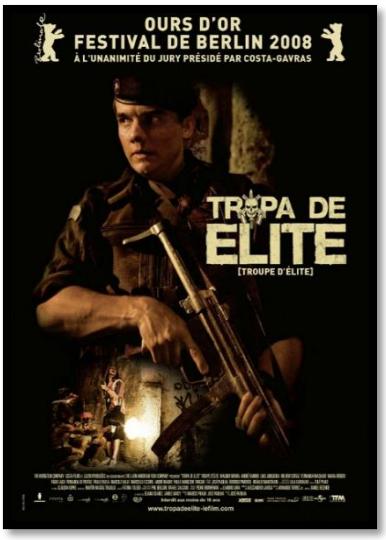
4. GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade Pessoal**. Oeiras, Ed. Celta.1994.

Primeira Sugestão filmográfica: *TROPA DE ELITE – MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA.* Direção: J*osé Padilha*, Brasil: Zazen Produções, The Weinstein Company / Universal Pictures, 2007. (118 min.).

Sinopse: Rio de Janeiro, 1997. Nascimento é o capitão da Tropa de Elite do Rio de Janeiro, designado para chefiar uma das equipes que tem como missão "apaziguar" a violência nos Morros Cariocas, especialmente no Turano, por motivos que ele considera insensatos. No entanto, ele tem de cumprir as ordens ao mesmo tempo que procura por um substituto, os dois policiais mais prováveis para ocupar o seu lugar são: Neto e Matias, recém ingressantes no Bope. Enquanto isso, ambos vão descobrindo como são as coisas dentro de um órgão policial corrompido. No contexto familiar, a esposa de Nascimento está no final da gravidez e todos os dias lhe pede para sair da linha de frente do Batalhão. Neste clima tenso, o capitão sente os efeitos do estresse.

Gênero: drama policial.

Imagem 7 – Filme: TROPA DE ELITE – MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA.



Fonte: ALLOCINÉ[52]

[52] Disponível em: https://www.allocine.fr/diaporamas/series/diaporama-18645317/?page=3

Segunda Sugestão filmográfica: *CAPITÃO AMÉRICA: o primeiro vingador*. Direção: *Joe Johnston*, Estados Unidos da América: Paramount Pictures e Marvel Entertainment, 2011. (124 min.).

Sinopse: Steve Rogers é um jovem que aceitou ser voluntário em uma série de experiências que visam criar o super soldado americano. Os militares conseguem transformá-lo em uma arma humana, mas logo percebem que o super soldado é valioso demais para ser colocado em risco na luta contra os nazistas. Dessa forma, Rogers é usado como uma celebridade do exército, marcando presença em paradas realizadas pela Europa no intuito de levantar a estima dos combatentes. Para tanto, passa a usar uma vestimenta com as cores da bandeira dos Estados Unidos, azul, branca e vermelha. Só que um plano nazista faz com que Rogers entre em ação e assume a alcunha de Capitão América, usando suas habilidades para o combatê-los nos campos de guerra.

Gênero: Ação, aventura, ficção científica.

Imagem 8 – Filme: CAPITÃO AMÉRICA – O PRIMEIRO VINGADOR.

Fonte: ADOROCINEMA[53]

9º e 10º encontro

Objeto do conhecimento – O cinema nacional: história e teoria.

Objetivos:

[53] Disponível em:https://www.adorocinema.com/filmes/filme136557/fotos/detalhe/?cmediafile=19874544

- Apresentar o processo de formação do cinema no Brasil;
- Discorrer acerca do período considerado como a bela época do cinema brasileiro;
- Analisar a fase retomada das produções no cinema nacional;
- Observar características teóricas de cinema aplicadas nos filmes nacionais selecionados para a aula.

Referências:

1. LEITE, S. **Cinema brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 15 – 34; 89 – 112; 119 – 131.
2. BENTES, I. Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo. In: Ecos do Cinema de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 191 – 224.

Leitura complementar:

3. ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira** – **cultura brasileira e indústria culturas**. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1988.

Primeira sugestão filmográfica: *BACURAU*. Direção: *Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho*, Brasil / França: Emilie Natacha Lesclaux, 2019. (132 min.).

Sinopse: Num futuro recente, Bacurau, um povoado do sertão de Pernambuco, some misteriosamente do mapa. Quando uma série de assassinatos inexplicáveis começam a acontecer, os moradores da cidade tentam reagir. Mas como se defender de um inimigo desconhecido e implacável?

Gênero: Drama, faroeste, terror, fantasia e ficção científica.

Imagem 9 – Filme: BACURAU.

Fonte: GLOBO FILMES[54]

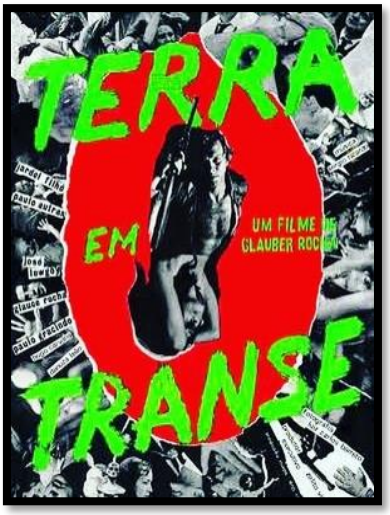
Segunda sugestão filmográfica: *TERRA EM TRANSE*. Direção: *Glauber Rocha*, Brasil: Mapa Filmes do Brasil, 1967. (106 min.).

Sinopse: Na fictícia República de Eldorado, Paulo Martins é um jornalista idealista e poeta ligado ao político conservador em ascensão e tecnocrata Porfírio Diaz. Quando Diaz se elege senador Paulo se afasta e vai para a província de Alecrim, onde conhece a ativista Sara. Juntos eles resolvem apoiar o vereador populista Felipe Vieira para governador na tentativa de lançarem um novo líder político, supostamente progressista, que guie a mudança da situação de miséria e injustiça que assola o país. Ao ganhar a eleição, Vieira se mostra fraco e controlado pelas forças econômicas locais que o financiaram e não modificou a situação social, o que leva Paulo, desiludido, a abandonar Alecrim e retornar à capital onde aproxima-se de Júlio Fuentes, o maior empresário do país. Vieira e Paulo unem-se novamente na campanha da presidência até que Fuentes trai a ambos e faz um acordo com Diaz. Paulo quer partir então à luta armada, porém Vieira desiste.

Gênero: Drama político.

Imagem 10 – Filme: TERRA EM TRANSE.

[54] Disponível: https://globofilmes.globo.com/filme/bacurau/



Fonte: PAPO DE CINEMA[55]

11º e 12º encontro

Objeto do conhecimento – Cinema: fonte de pesquisa, documento histórico e representação social.

Objetivos:

- Apresentar procedimentos para a utilização de filmes como fonte de pesquisa em educação;
- Debater as características de um filme na qualidade de documento;
- Analisar o conceito de representações social;
- Discutir as contribuições do cinema no ensino.

Referências:

1. BITTENCOURT, C. M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 235 – 239; 327 – 334; 371 – 377.
2. SORLIN, P. Indispensáveis e Enganosas, as Imagens, Testemunhas da História. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 81 – 95.

Leitura complementar:

3. DUARTE, R. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed. 2002. p. 97 – 107.

[55] Disponível em: https://www.papodecinema.com.br/filmes/terra-em-transe

4. GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

Primeira sugestão fílmica: *VIDA DE MENINA.* Direção: *Helena Solberg*, Brasil: Radiante Filmes e Raccord Produções / Riofilme, 2004. (101 min.).

Sinopse: O filme fundamenta-se no diário de Helena Morley, uma adolescente que viveu em Diamantina, Minas Gerais, após a abolição da escravatura. Os relatos sobre o cotidiano mineiro descritos segundo o olhar dessa garota, entre os anos de 1893 e 1895, chamou a atenção de grandes escritores. Helena Morley é o pseudônimo da escritora brasileira Alice Dayrell Caldeira Brant, (Diamantina, 28/08/1880 – Rio de Janeiro, 20/06/1970). Alice estudou na Escola Normal, casou-se em 1900, com Augusto Mário Caldeira Brant, com quem teve cinco filhos. Seu diário transformou-se no livro Minha Vida de Menina, lançado em 1942, quando a escritora estava com 62 anos de idade. Sendo traduzido para a língua inglesa e francesa.

Gênero: Drama biográfico.

Imagem 11 – Filme: VIDA DE MENINA.

Fonte: FILMOW[56]

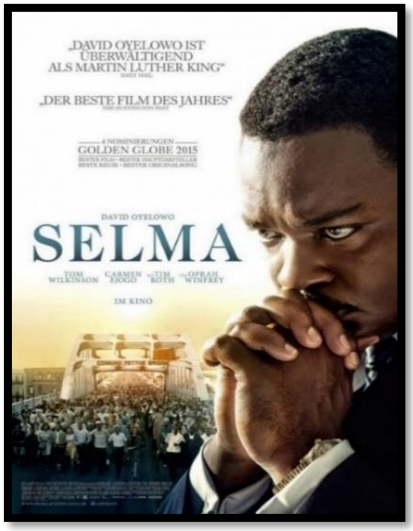
Segunda sugestão cinematográfica: *SELMA*: uma luta pela igualdade. Direção: *Ava DuVernay*, Estados Unidos da América: Pathé e Harpo Films, 2014. (128 min.).

[56] Disponível em: https://filmow.com/vida-de-menina-t6502/

Sinopse: O filme Selma – uma luta pela igualdade, narra a luta histórica do ativista Martin Luther King Jr. para garantir o direito ao voto para os afro-americanos, uma campanha complexa que culminou na épica marcha de Selma a Montgomery, no Alabama, galvanizou a opinião pública americana e persuadiu o presidente Lyndon Baines Johnson a apresentar a Lei do Direito ao Voto de 1965.

Gênero: Drama biográfico.

Imagem 12 – Filme: SELMA: UMA LUTA PELA IGUALDADE.



Fonte: KINOFENSTER[57]

13º e 14º encontro

Objeto do conhecimento – A análise fílmica.

Objetivos:

- Apresentar os encaminhamentos para a análise fílmica;
- Descrever e analisar: os planos, as sequências, os inícios, os finais ou um filme completo;
- Realizar a análise dos filmes selecionados.

Referências:

[57] Disponível em: https://www.kinofenster.de/film-des-monats/archiv-film-des-monats/kf1502/kf1502-selma-film/

1. VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica.** Tradução: Marina Appenzeller; 6ª edição. Campinas/SP: Papirus, 2004. p. 123 – 130.
2. FABRIS, E. H. **Cinema e Educação: um caminho metodológico.** Revista Educação & Realidade. Jan/jun. 2008. v.33. n.1 p. 117 – 133.

Leitura complementar:

3. MARIE, M. **A análise textual do filme**. In: AUMONT, J. **A Estética do Filme.** Tradução: Marina Appenzeller; 9ª edição. Campinas-SP: Papirus, 2012. p. 200 – 218.
4. ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura** – São Paulo. Ed. Brasiliense, 2006.

Primeira Sugestão filmográfica: *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*. Direção: *Fernando Meirelles*, Brasil / Canadá / Japão / Reino Unido e Itália: Andrea Barata Ribeiro, 2008. (121 min.).

Sinopse: Uma inédita e inexplicável epidemia de cegueira atinge uma cidade, chamada de "cegueira branca", já que as pessoas atingidas apenas passam a ver uma superfície leitosa. A doença surge inicialmente em um homem no trânsito e, pouco a pouco, se espalha pelo país. Quando os afetados são colocados em quarentena e os serviços oferecidos pelo Estado começam a falhar, as pessoas passam a lutar por suas necessidades básicas, expondo seus instintos primários. Nessa situação, a única pessoa que ainda consegue enxergar é a mulher de um médico, que juntamente com um grupo de internos tenta encontrar a humanidade perdida.

Gênero: Drama, ficção científica.

Imagem 13 – Filme: ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA.

Fonte: CAFÉ COM FILME[58]

Segunda Sugestão filmográfica: *LORE*. Direção: *Cate Shortland*, Austrália / Alemanha: Piffl Medien / Filmes de Transmissão, 2012. (109 min.).

Sinopse: O filme acompanha a jovem Lore, que cruza a Alemanha arruinada pela Segunda Guerra Mundial com seus quatro irmãos mais novos, nos dias finais do conflito, depois de seus pais nazistas serem presos. Ela então encontra Thomas, um refugiado misterioso, com quem se relacionará com ódio e desejo. Para viver, ela precisa confiar em um judeu e vencer sua educação antissemita.

Gênero: Suspense, drama de guerra.

Imagem 14 – Filme: LORE.

[58] Disponível em: https://www.cafecomfilme.com.br/filmes/ensaio-sobre-a-cegueira

Fonte: CINETEC[59]

15º e 16º encontro

Objeto do conhecimento – Fundamentos da produção cinematográfica.

Objetivos:

- Discutir a organização de procedimentos gerais da produção de um filme: o roteiro, a direção, o laboratório e a edição;
- Produzir um curta-metragem.

Referências:

1. RODRIGUES, C. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: Lamparina; 2007. p. 105 – 113.
2. MOLETTA, A. **Fazendo Cinema na Escola: arte audiovisual dentro e fora da sala de aula**. São Paulo: Summus, 2014. p. 11 – 27.

Leitura Complementar:

3. MIRANDA, C. E. A.; GUIMARÃES, L. G. **Imagens inventadas: sobre máquinas, crianças e o fazer-cinema no currículo escolar.** Linha Mestra: 2016. v. 30, p. 492 - 497.
4. GARCIA, C. N. **Culturas Híbridas**. São Paulo. EDUSP, 1997.

Primeira Sugestão filmográfica: *BILU E JOÃO*. Direção: *Kátia Lund*, Brasil: Curta-metragem, 2005. (15 min.).

Sinopse: O curta-metragem Bilu e João é um filme que narra um dia na vida dessas duas crianças, se passa na região do Capão Redondo, bairro na região sudoeste da cidade de São Paulo. Apesar de tratar de uma situação dramática, o filme mostra com leveza e criatividade as crianças inseridas em um contexto de violência e desigualdade. Sem tempo para viver devidamente sua infância, eles tentam manter viva a imaginação e a esperança no futuro.

Gênero: Drama social.

[59] Disponível em: http://www.24xsegundo.tv/peliculas/lore/

Imagem 15 - Filme: BILU E JOÃO.

Fonte: PROJETO GULLANE[60]

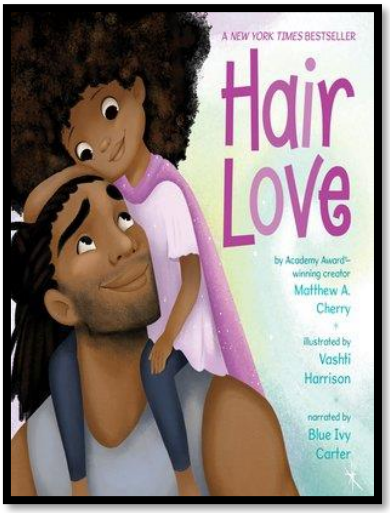
HAIR LOVE. Direção: *Matthew A. Cherry, Everett Downing Jr. e Bruce Smith*, Estados Unidos da América: Curta-metragem, 2019. (7 min.).

Sinopse: "Hair Love ou Amor pelo Cabelo" apresenta a história de uma menina afro-americana chamada Zuri e seu pai aprendendo pela primeira vez a cuidar do seu cabelo. O filme foi premiado como melhor curta-metragem de animação na 92.ª cerimônia do Oscar, em 2020, trazendo uma abordagem notável acerca da representatividade e da afetividade.

Gênero: Animação.

Imagem 16 – Filme: HAIR LOVE.

[60] Disponível em: https://www.gullane.com.br/projetos/criancas-invisiveis/



Fonte: OVERDRIVE[61]

Na disciplina **o Cinema na Educação: humanidades, técnicas e linguagem** propomos uma formação fundamentada em teorias gerais acerca da educação e o cinema. Em seu interior, contemplamos temáticas definidas para cada aula ancoradas em bibliografias e filmografias pertinentes à análise da história do cinema, suas teorias, os processos metodológicos na educação e a sugestão de leituras complementares de natureza sociológica, filosófica ou histórica, com a intenção de embasar um conhecimento humanístico do audiovisual. Uma proposta que objetiva ampliar os horizontes do conhecimento humano, contribuir significativamente com os estudantes em formação docente, aprimorar sua intelectualidade e criticidade por meio de reflexões, de experiências com as distintas produções fílmicas e as referências textuais definidas para este estudo em educação e cinema.

No contexto da disciplina, o papel do professor consiste na mediação do processo de ensino e aprendizagem com os filmes nos ambientes educacionais, orientador do desenvolvimento da sensibilidade, ampliação de repertório, aprimoramento do olhar dos estudantes como espectadores e da habilidade leitora de imagens cinematográficas. Assim, o professor constitui-se como um profissional que incentiva os estudantes em formação para o reconhecimento do processo estético que caracteriza cada filme (os enquadramentos, os planos, a montagem, as cores e o som por exemplo), suas representações sociais e o desenvolvimento de novas criações fílmicas em ambientes educacionais pela análise dos fundamentos da produção cinematográfica.

[61] Disponível em: https://www.overdrive.com/media/5218264/hair-love

Com relação à análise fílmica, faz-se necessário considerarmos alguns critérios de validação na observação dos seus elementos constitutivos: a descrição e a interpretação. A interpretação preza pela subjetividade do olhar singular e contextualizado do espectador ao definir os elementos que deseja evidenciar, as relações a estabelecer e as significações que fundamentam a compreensão do filme em estudo. Uma análise a ser realizada pelos estudantes de maneira ativa, consciente e bem estruturada, ao observarem atentamente os indícios, elaborarem as hipóteses, estabelecerem relações, reflexões e promoverem a produção intelectual.

Na análise do filme como fonte de pesquisa, documento histórico e representação social, consideramos as orientações de estudos nacionais e internacionais, dentre eles Pierre Sorlin (1985), pesquisador das relações entre a história e o cinema que identifica os filmes como documentos e fontes de pesquisas. Compreende o caráter do cinema como uma representação social e chama a atenção para o processo que envolve a análise fílmica, em especial os filmes a respeito de temas históricos. De acordo com as orientações do autor, é relevante observarmos o fato narrado, o período de sua realização, mais precisamente todo o contexto que envolve sua produção: os códigos narrativos, as funções dos protagonistas, as implicações sequenciais, as formas de enunciação, de focalização e a temporalidade.

Sorlin indaga o papel e a função das imagens em movimento, independentemente de seu caráter de arte, comunicação ou indústria cultural e do seu suporte de veiculação. Observa quais são as contribuições das imagens no processo de compreensão, construção da história e de outras ciências sociais, assim, as imagens não são discursos de verdade ou realidade, mas evidenciam o olhar, a intencionalidade definida por seus idealizadores/produtores, inseridos em contextos históricos sociais e políticos ideológicos específicos, para atingir objetivos predeterminados. No entanto, as imagens podem apresentar uma variedade de significações segundo o olhar dos receptores/espectadores.

Ao identificarmos o cinema como meio de comunicação ideológica ressaltamos a sua instância como artefato cultural, uma vez que, sua produção, consumo e significados estão inseridos em contextos socioculturais específicos que os fundamentam, sendo os filmes objetos artístico-culturais essenciais para quem produz e para quem assiste. Trata-se de um entendimento na perspectiva do conceito de cultura segundo a ótica da construção de modos de vida social, consciência e significação. Além disso, compreende o cinema como meio de comunicação viabilizado pelas relações:

imagem/espectador, indústria/público, narrativa/cultura, forma/ideologia. (TURNER, 1997).

É nesta lógica do cinema comunicação e as suas possibilidades de recepção e análise nos ambientes educacionais que estimulamos o aprendizado de suas representações e recriações de mundo. Logo, observamos na estrutura das narrativas fílmicas as referências e as relações dos diferentes discursos que elas produzem, visto que as ideologias se encontram inseridas nas imagens. É imperativo que se promovam reflexões, questionamentos, experiências e produções criativas com os estudantes em processo de formação.

Na perspectiva do cinema como industrial cultural compreendemos que o cinema contribui para a consolidação do imaginário social contemporâneo, uma vez que sua linguagem apresenta um sentido narrativo de representações que mesclam realidade e ficção com muita proximidade. Ele pode ser agente de massificação no mundo moderno, sendo utilizado, muitas vezes, como instrumento político por alguns estadistas, com objetivos diversos, voltando-se para o controle, alienação, manutenção do *status quo* de classes sociais, propaganda política partidária, entre outros encaminhamentos.

Na contemporaneidade, o cinema pode ser considerado um bem de consumo, que deixa pistas das mudanças comportamentais socioculturais globalizadas, faz parte de uma indústria cultural que uniformiza valores, reconhece diferenças e interações entre o local e o global. Nesta perspectiva, ao utilizarmos um filme em espaços educacionais na qualidade de fonte de aprendizagem, faz-se necessário observarmos suas características tecnológicas e virtualidades técnicas.

4.3. Justificativa para a seleção de filmes

Na seleção dos filmes elencados para a disciplina **o Cinema na Educação: humanidades, técnicas e linguagem**, observamos atenciosamente produções de cineastas de diferentes países, regiões e continentes, segundo diferentes gêneros, períodos, temáticas, metragens e estéticas cinematográficas, elementos fundamentais no processo de formação docente em aspectos gerais da teoria de cinema e as suas relações educacionais. Nesta seleção indicamos um repertório que contempla uma variedade de filmes nacionais e internacionais, muitos deles fazem parte do circuito comercial, são recordes em bilheteria, receberam reconhecimento, indicações e premiações relevantes em diferentes festivais e cerimônias acerca do cinema no Brasil e demais países.

Por certo, trata-se de uma seleção segundo o olhar de pesquisadora, definida para uma formação de graduandos de licenciaturas que pode ser aprimorada ou modificada. Ressaltamos novamente a necessidade dos docentes da referida disciplina conhecerem o público-alvo a ser atingido, sejam adultos em formação profissional, jovens ou crianças da educação básica. Cada um deles demandará um tratamento e uma cinematografia específica dado que o universo de interesse de cada um é diferente. Recomenda-se fortemente o diálogo com as demais disciplinas do currículo da instituição que será administrado, de ensino básico ou universitário, a fim de que as discussões possam ser transversais.

Selecionamos para cada encontro dois filmes, sendo a primeira sugestão um filme nacional de relevância para a cinematografia brasileira em suas diferentes fases históricas e teóricas, consideramos a necessidade de se ampliar o conhecimento, apreciar e valorizar o cinema nacional nos ambientes educacionais. Um dos filmes nacionais selecionados para este estudo é o **Terra em Transe** (1967), dirigido pelo cineasta Glauber Rocha, por sua importância durante a fase do cinema novo, um movimento artístico-cultural que procurou revelar aspectos da identidade do povo brasileiro ao criar técnicas simples de filmagem e temas retratados em tela, com baixo orçamento, anti-hollywoodiano e alicerçado sobre a cultura popular. Esse movimento constituiu-se em uma fase estética densa da arte cinematográfica brasileira em linguagem, ideias e autores.

Concedemos ênfase a filmes nacionais que caracterizaram as diferentes fases dessa cinematografia, como o filme **Tropa de Elite – Missão dada é missão cumprida** (2007), dirigido por José Padilha. Esse longa-metragem obteve reconhecimento interno e externo, uma vez que gerou intenso debate na mídia brasileira com críticas favoráveis e contrárias, a trilha sonora oficial trouxe impacto para o seu lançamento, sendo recorde em bilheteria no período. Também recebeu as seguintes premiações: melhor filme no Festival Hola Lisboa; o Urso de Ouro de melhor filme no Festival de Berlim; melhor diretor (José Padilha) e melhor ator (Vagner Moura) no Grande Prêmio Vivo do Cinema Brasileiro, eventos realizados no ano de 2008.

Recentemente um filme nacional com grande repercussão interna e externa foi **Bacurau** (2019), dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, apresenta uma narrativa ousada e empolgante em temáticas e estética. Obteve reconhecimento internacional, indicações e algumas premiações como o Prêmio do Júri no Festival de Cannes, em 2019, entre outras. Esse longa-metragem resultou de uma coprodução entre o Brasil e a França, sendo filmado no ano de 2018, em Seridó, uma região interestadual

localizada no sertão da Região Nordeste do Brasil, entre os estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

O filme polonês **Ida** (2013), dirigido pelo cineasta Pawel Pawlikowski, vencedor da 87.ª edição do Oscar na categoria de Melhor Filme Estrangeiro em 2015, recebeu outras indicações por sua fotografia e design de som. A narrativa está ambientada na década de 60, volta-se para uma jornada ao encontro com o passado, com os traumas do pós-guerra na Polônia e o conflito entre o estilo de vida divergente das protagonistas. Relembra os filmes do cinema clássico ao ser filmado em preto e branco, poucos diálogos, com enquadramentos com proporções 1.37 ou "janela acadêmica", na maioria das cenas os personagens aparecem na parte de baixo da tela, uma produção que se equipara aos filmes poloneses realizados no período que fundamenta a narrativa.

O filme **Lore** (2012), dirigido pela cineasta australiana Cate Shortland, está fundamentado no livro **The Dark Room** de Rachel Seiffert, apresenta uma estética que se aproxima do Neorrealismo italiano ao construir seus personagens com características objetivas e realistas, diálogos e efeitos visuais simples e com intensa crítica social. Essa mudança estética buscou recuperar um vínculo mais próximo com a realidade social marcada pelo fascismo, a recuperação da Itália no pós-guerra e as condições precárias de vida. Questões presentes no filme **Lore**, desenvolvido conforme o contexto do regime nazista alemão.

Na seleção dos filmes para estudo como fonte de pesquisa, documento histórico e representação social, observamos **Selma: uma luta pela igualdade** (2014), dirigido pela cineasta norte-americana Ava DuVernay. A narrativa fílmica é uma cinebiografia de Martin Luther King Jr., um dos mais significativos líderes do movimento negro norte-americano por direitos civis, cuja memória é cultuada nos Estados Unidos da América como um grande líder, um mártir, e em muitas regiões do mundo. É o primeiro filme de lançamento internacional sobre King Jr. e a sua trajetória de militância histórico-social.

O filme exibe uma narrativa linear que procura retratar os diferentes fatos históricos que envolveram a busca pelo voto entre fevereiro e março de 1965, na cidade de Selma, no estado do Alabama. Usa uma linguagem que utiliza como plano na maioria das cenas o close-up, uma vez que procura identificar o clima de tensão presente no discurso fílmico e preza pelo estatuto artístico do melodrama. Conforme Aumont e Marie (2003), o gênero melodrama apresenta algumas características comuns: ação intensa fundada em acontecimentos violentos, uma narrativa simples em que se opõem a

inocência perseguida e a força do mal que oprime, uma intriga, uma confusão de identidade, um estilo enfático ou grandiloquência. Tais questões estão presentes no discurso fílmico de **Selma: uma luta pela igualdade**, fundamentado no conflito entre o opressor e o oprimido.

O filme **Labirinto do Fauno** (2006), dirigido pelo cineasta mexicano Guillermo del Toro, exibe uma narrativa fantasiosa e parcialmente sombria, à semelhança dos contos europeus expostos pelos camponeses no século XVIII[62], especialmente na França, carregados de simbolismos, de aspectos da mentalidade dos camponeses no período, com emoções intensas que lhes eram aparentes ou reprimidas pelo universo desgastante, pesaroso marcado por madrastas, órfãos, perigos nas florestas, trabalho árduo, pobreza e vida curta por exemplo. Também apresenta uma vertente mais realista, com uma representação histórica segundo o contexto político do regime ditatorial franquista na Espanha.

O referido filme remete-nos às discussões de Bergala (2008) e Fresquet (2013), quando argumentam acerca da presença do cinema na educação ao identificarem essa arte na educação como um: "elemento perturbador, um fermento de anarquia", que possibilita "sonhos e devaneios", reflexões, experiências e processos criativos com os estudantes nos diferentes ambientes educacionais, direcionados pelos atos de "aprender e desaprender". Obteve várias indicações e premiações, dentre elas: melhor fotografia, direção de arte e maquiagem na 79.ª edição da cerimônia do Oscar, em 2007; melhor diretor, atriz, fotografia, direção de arte, caracterização, maquiagem e efeitos especiais na cerimônia anual do Ariel, em 2007, que é o maior prêmio concedido pela Academia Mexicana de Artes e Ciências Cinematográficas.

A escolha dos filmes para a análise do cinema como comunicação ideológica foi direcionada pela temática e a estética desenvolvida. Dentre os filmes se encontra o **Expresso do Amanhã** (2013), do cineasta sul coreano Bong Joon-Ho, uma produção de ficção científica com um cenário apocalíptico distópico e cenas de ação. Foi seu primeiro filme na língua inglesa, teve sua produção realizada no Barrandov Studios, em Praga na República Tcheca, está fundamentado na *graphic novel francesa Le Transperceneige* (HQ), de Jacques Lob e Jean-Marc Rochette, foi o um dos últimos filmes gravados em película na Coréia do Sul.

---

[62] DARTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

A temática que ambienta a narrativa é a desigualdade social representada pela luta entre classes sociais distintas, inseridas nos diferentes vagões de um trem autossustentável, em constante movimento ao circular pelo planeta congelado, com imagens seguindo enquadramentos que revelam a intensidade dos discursos, das expressões e das ações entre os grupos sociais distintos. Uma insurreição ocorre como tentativa de mudança no *status quo* e a obtenção do controle do trem, com o avanço do movimento de insurreição os vagões vão sendo expostos e revelando as diferenças e os privilégios entre as classes que fazem parte do início ao final do trem.

Na abordagem do cinema como industrial cultural, um dos filmes selecionados é **Capitão América: o primeiro vingador** (2011), dirigido pelo cineasta estadunidense Joe Johnston. É um filme de ficção científica, ação e aventura que expõe um discurso político ideológico de defesa dos ideais patrióticos, de exaltação militar, do desenvolvimento científico e da supremacia política e econômica norte-americana, sendo colocado como referência para os demais povos do mundo. O ambiente social é realista, foi filmado em cidades dos Estados Unidos da América e da Inglaterra e fez uso de efeitos especiais computadorizados inclusive na caracterização do personagem Capitão América.

Exibe uma narrativa circular entre o presente (2011) e o passado (1941 - 1945), volta-se para os diferentes planos que vão desde o geral absoluto até o close-up, sendo filmado em 2D. As fotografias evidenciam as cores, o cenário, os figurinos e as expressões, levando os espectadores a uma possível análise do filme ao passar pelo estado de contemplação inicial para as primeiras relações interpretativas do enredo, até o momento da compreensão da totalidade das discussões presentes na narrativa.

Pela observação do discurso político ideológico inserido no filme **Capitão América: o primeiro vingador** (2011), podemos concluir que o cinema norte-americano trabalhou com uma representação de seu contexto histórico-social no cinema. A representação social passa por um mecanismo de elaboração que consiste na inclusão, retirada ou substituição de instrumentos, conforme a ação efetuada ocorra em excessos ou déficits, assegurando a credibilidade ao discurso e as suas intervenções. Isto posto, salientamos a necessidade de questionarmos como vemos e lemos o mundo e suas representações para identificarmos as estratégias utilizadas pelas mídias audiovisuais, especialmente na relação educação e cinema.

Findamos este capítulo reafirmando a imprescindível necessidade de formação audiovisual para professores, de forma inicial e continuada. É nesse contexto que se insere a sugestão da disciplina **o Cinema na Educação: humanidades, técnicas**

e linguagem, apresentada anteriormente. Reiteramos que dentre os distintos objetivos definidos para a referida disciplina, ela propõe-se a contribuir com o processo de regulamentação da **Lei nº 13.006/14**, que instituiu a obrigatoriedade do cinema nacional na educação básica, regulamentação que necessita ser realizada pelo Ministério da Educação.

Reconhecemos o desempenho das distintas instituições de ensino estaduais e federais pelo país e pela América Latina por suas diversas ações afirmativas com o cinema na educação pública. Porém, salientamos que as discussões na interface da educação e o cinema são amplas, com possibilidades de novas sugestões, abordagens e orientações que não se esgotam neste estudo.

Considerações Finais

Para nós, uma tese de doutorado refere-se a um momento decisório em nossa vida acadêmica. É neste período que definimos nosso campo de investigação, é quando visualizamos uma inserção profissional mais definitiva, portanto, é o tempo de ousar e pedir licença intelectual para voos que de uma certa forma podem mostrar-se utópicos. Aproveitando-se desta proposição, desenvolvemos uma discussão que, embora não seja nova no campo educacional, ressente-se de ações mais diretivas. Não tivemos a pretensão de esgotar o assunto ou postular ações definitivas.

Há um século nos debatemos sobre a formação audiovisual de professores e há meio século nos envolvemos em reflexões a respeito da necessidade do audiovisual e as tecnologias nas escolas. (SETTON, 2004). É tempo, pois, de darmos um passo adiante, na tentativa de avançar em aspectos que estão no chão da escola, no pensamento de alunos e mestres, bem como da sociedade em geral. Quem hoje não possui uma rede de contatos virtuais? Sem dúvida vivemos na sociedade da cultura de mídias. Urge uma manifestação mais sólida para mudarmos o que acreditamos ser necessário.

Nesse sentido, cada capítulo deste estudo foi desenvolvido com o propósito de aclarar o campo da formação audiovisual para profissionais da educação superior no Brasil, especialmente no que diz respeito ao cinema. Para a concretização dos objetivos colocados e implicações obtidos, utilizamos uma variedade de fontes bibliográficas, filmográficas e práticas pedagógicas. A busca foi para fundamentar as reflexões que evidenciassem as qualidades e as defasagens que necessitam serem sanadas no campo da educação e suas relações com o cinema, mais especificamente o seu processo de ensino e aprendizagem pelo país.

Enfatizamos a relevância deste estudo para o futuro das temáticas aqui abordadas e as possibilidades de contribuição na efetivação da **Lei nº 13.006/14** nos ambientes educacionais. Reiteramos que a referida lei requer regulamentação oficial a ser realizada pelo Ministério da Educação, no entanto, não foi divulgado até o presente momento algum documento oficial que notificasse as diretrizes para sua normatização.

Por intermédio da análise dos materiais pesquisados, tornou-se indispensável compreendermos os conflitos e as tensões que se estabelecem na relação educação, cinema e ambientes educacionais. Acentuamos mais uma vez a necessidade de ampliação de incentivos governamentais em equipamentos, suportes técnicos adequados, criação, manutenção de espaços físicos e, sobretudo, a formação docente, para um maior

envolvimento de comunidades acadêmicas e escolares na recepção, experiências e criações de filmes com os estudantes na educação superior e básica.

Reafirmamos que o cinema já faz parte do processo educacional brasileiro desde o século passado, uma vez que a sua inserção ocorreu por volta do ano de 1920. Entretanto, evidenciamos a permanência de resquícios de seus encaminhamentos iniciais ao ser difundido como um objeto a serviço do ensino que se limitava às teses de despertar o interesse, a curiosidade e chamar a atenção dos estudantes. Neste contexto de inserção do cinema nos ambientes educacionais no início do século passado, os filmes foram utilizados como um complemento de conteúdos disciplinares, um recurso didático de ordem secundária e, principalmente, como um instrumento de discurso político ideológico com maior ênfase no governo Getúlio Vargas (1930 – 1945) e no regime militar (1964 – 1985).

Nesta perspectiva, a tese procurou superar as discussões que reduzem o cinema/filmes à posição de fontes luminosas, para compreendê-los como objetos artístico-culturais, fontes de conhecimentos e instâncias pedagógicas com distintas formas de aprendizagens nos ambientes educacionais. Identificamos diferentes grupos de pesquisa pelo país e na América Latina com estudos promissores acerca da relação entre educação e cinema. Um desses exemplos é *a Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual (Rede Kino)* com sua diversidade de projetos de pesquisas, eventos e publicações que são difundidos por seus diferentes meios audiovisuais, além de uma variedade de instituições de ensino superior públicas e privadas com grupos de pesquisas, laboratórios e iniciativas relacionadas ao nosso objeto de estudo.

No entanto, a despeito desse cenário promissor e das contribuições de distintos estudos e iniciativas com o cinema na educação, faz-se necessário intensificar a formação inicial e continuada de professores e demais profissionais que integram os ambientes educacionais. É preciso também focar em uma formação audiovisual com ênfase no cinema na qualidade de arte, comunicação e indústria cultural, uma atuação profissional que amplie a valorização dos filmes nacionais e internacionais na educação para reconhecer a pluralidade inserida em sua produção, isto é, uma criação humanística, estética, temática, de gênero, metragem e de escolas cinematográficas.

Uma formação acerca do cinema que possibilite aos profissionais da educação superior e básica orientar os estudantes em fundamentos teóricos e práticos para a produção de filmes, ação passível de realização na atualidade pelos avanços tecnológicos, das telecomunicações, dos meios midiáticos, a ampliação do acesso a esses

materiais e a seus meios de divulgação. É neste contexto que se insere a disciplina **o Cinema na Educação: humanidades**, **técnicas e linguagem** que desenvolvemos neste estudo. Nossa tese é de que é possível propor uma formação geral para os futuros docentes em relação à teoria cinematográfica por intermédio da análise humanística e da produção de filmes com os graduandos em cursos de licenciaturas, especialmente a Pedagogia.

Com relação às tensões teóricas e metodológicas acerca da educação e o cinema ao ser analisado conforme a ótica da "*comunicação/linguagem/ideologia*" e de "*obra de arte/criação do novo*", compreendemos que ambas precisam fazer parte do processo educacional brasileiro. Contudo, convém aos profissionais envolvidos no processo ensino e aprendizagem, inseridos em distintos contextos de atuação, definirem os procedimentos que irão desenvolver em seus ambientes educacionais, sem que uma teoria necessite se sobrepor a outra, uma vez que ambas são complementares, promotoras de contribuições cognitivas, socioemocionais e artístico-culturais para os estudantes em formação.

Concluímos este estudo de perfil educativo e natureza exploratória respaldados por um processo investigativo caracterizado pela indagação, observação, objetividade na busca de significados e inter-relação entre a pesquisadora com seu objeto para a construção da teoria demonstrada; a pesquisa apresentou um caráter sistemático que resultou em dados fundamentados em discussões contextualizadas pela bibliografia acerca de práticas cinematográficas nos ambientes escolares. Uma investigação que priorizou os cuidados quanto às questões relacionadas aos procedimentos éticos, metodológicos e políticos da pesquisadora no cuidado com o objeto pesquisado.

A estratégia de coleta de dados utilizada foi a documental com a formulação de questões analíticas, o aprofundamento de revisão literária e a análise de dados para se organizar uma proposição. Esta desvelou aspectos nem tão novos acerca do objeto pesquisado, contudo não menos importantes para a sua efetivação. Dentre as distintas conclusões expostas neste estudo, consideramos primordial a necessidade de um forte investimento em formação inicial e continuada para profissionais da educação a respeito do cinema e suas abordagens nos ambientes educacionais pelo país.

Portanto, ressaltamos a relevância da composição de uma disciplina obrigatória que reitere o valor sócio pedagógico das relações entre educação e cinema, baseado em um programa formal em teoria, história e produção, para integrar as estruturas curriculares dos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas. Uma disciplina assegurada por políticas públicas federais, estaduais e municipais em recursos financeiros, técnicos,

manutenção e formação do profissional docente, em razão de um desenvolvimento cognitivo, socioemocional e artístico-cultural dos estudantes da educação superior e básica, além dos termos uma legislação federal acerca da presença do cinema nacional nas escolas.

Sugerimos que a regulamentação a ser realizada pelo Ministério da Educação ocorra de maneira similar ao Plano Nacional do Livro e do Material Didático, um apoio à prática educativa de forma sistemática, regular e gratuita. Também pode ser incluso ao Plano Nacional do Livro e do Material Didático como um objeto artístico-cultural de potencialidades múltiplas no contexto educacional, com catálogos de opções em sugestões fílmicas para escolha dos docentes nos ambientes educacionais, para comporem as propostas pedagógicas dos diversos espaços escolares pelo país e os planos de ensino nas áreas do conhecimento.

Buscamos uma ação pedagógica, fundamentada em ações variadas a serem definidas pelo corpo docente em seu contexto heterogêneo de atuação profissional, motivadas por teorias e metodologias acerca da educação e o cinema, em seus processos de recepção, experiências e criações. Pleiteamos que os filmes selecionados pelos docentes sejam enviados às escolas de modo a formar um acervo, cineclubes, oficinas de produção audiovisual (especialmente curtas-metragens) e cinematecas, com a inclusão de filmes nacionais e estrangeiros.

No entanto, antes de efetivarmos estas demandas e demais ações se concretizem, faz-se necessário uma firme formação audiovisual para os docentes e demais profissionais da educação. Talvez estejamos pedindo muito, contudo, a aceleração das culturas das mídias nos impõe esta conduta.

Referências Bibliográficas

ALEGRIA, J. & DUARTE, R. **Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação**. Revista Educação & Realidade. Jan/jun. 2008. n. 33, p. 59 – 80.

ALMEIDA, M. C. **Experiência pedagógica educomunicativa: o cinema nas Licenciaturas.** Revista Comunicação & Educação. Ano XX, n. 2, jul. /dez. 2015.

ALMEIDA, R. de. **Cinema e Educação: fundamentos e perspectivas**. Educação em Revista. 2017. Belo Horizonte: n.33. p. 1 – 28.

AMÂNCIO, A. C. **Novos Desafios Frente à Lei 13.006/14**. In: FRESQUET, A. M. (org.) **Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015.

AUMONT, J. **A Estética do Filme.** Tradução: Marina Appenzeller, 9ª edição. Campinas-SP: Papirus, 2012.

AUMONT, J. & MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas-SP: Papirus, 2003.

AZEVEDO, A. L. F. GRAMMONT, M. J. & TEIXEIRA, I. A. C. **O Cinema pela Escola: aproximações à lei 13.006/14**. In: FRESQUET, A. M. (org.) **Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015.

BAYMA, C. **Cinema & Literatura em Debate apresentou obra de Jorge Amado.** UNITINS/Palmas/TO, sábado, 24 de junho de 2011. Disponível em: https://www.unitins.br/portal/Noticia_principal_Visualizar.aspx?in=2290 Acesso em: 10/11/21.

BARBOSA, M. C. S. LAZZARETI, A. & SANTOS, M. A. **À Luz da Lei**. In: FRESQUET, A. M. (org.) **Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015.

BATISTA, S. H. S. S. **Formação**. In: FAZENDA, I. C. A. (org.). **Dicionário de Construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2002. p.136.

BENTO, I. **Gravidez na adolescência em debate na UNITINS**. Palmas/TO, quarta-feira, 28 de novembro de 2012. Disponível em: https://www.unitins.br/portal/Noticia_principal_Visualizar.aspx?in=2545 Acesso em: 09/11/21.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema. Pequeno tratado da transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Book link-CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.

BORDWELL, D. & THOMPSON, K. **A Arte do Cinema: uma introdução.** Tradução: Roberta Gregoli. São Paulo: Edusp, 2013.

BRASIL, **LEI Nº 13.006, de 26 de junho de 2014**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm Acesso em: 10/06/21.

CAVALCANTI, S. M. **Cinema & Formação de Professores: o trabalho com o tema transversal de pluralidade cultura a partir do filme "A princesa e o sapo"**. V ENID/UEPB, 2015.

CAROLA, C. R. **Meio Ambiente.** In: PINSKY, C. B. (org.) **Novos temas nas aulas de história.** São Paulo: Contexto, 2010; p. 173 – 200.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

COSTA, V. G. **Cinematografia e Formação Inicial de Professores: relato de experiência com alunos do Pibid-Matemática (UFTM)**. Revista Livre de Cinema v.1, n.1, jan. /abr., 2014. p. 09 – 14.

DEWULF, N. L. S. **Cinema: uma ferramenta pedagógica e humanistas para temas em saúde e educação. A experiência do CineSocial.** Medicina (Ribeirão Preto) 2011; 44 (3): p. 260 – 266.

DOC/SP. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**. **Curso: O Cinema como instrumento de formação cultural e cidadã.** São Paulo, sábado, 11 de abril de 2015. Disponível em: http://www.xn--evoluofuncional-okb1e.com.br/2015/04/dre-curso-o-cinema-como-instrumento-de.html Acesso em: 17/12/21.

DONATO, E. M. **Formación.** In: FAZENDA, I. C. A. (org.). **Dicionário de Construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2002. p.138.

DOU - **Diário Oficial da União** – Seção 1 – 27-06-2014 – **Lei nº 13.006/14.** Ano CLI No-121 Brasília – DF, sexta-feira, 27 de junho de 2014, ISSN 1677-7042. Disponível em: http://e-dou.com.br/2014/06/diario-oficial-da-uniao-secao-1-27-06-2014/ Acesso em: 08/11/21.

DOYLE, W. **Curriculum and Pedagogy**. In JACKSON, P. **Handbook of research on curriculum**. New York: Macmillan, 1992; p. 486 – 516.

DUARTE, R. **Cinema & educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FABRIS, E. H. **Cinema e Educação: um caminho metodológico**. Revista Educação & Realidade. Jan/jun. 2008. v.33. n.1 p. 117 – 133.

FALICOV, T. L. **A circulação global e local do novo cinema argentino.** In: MELEIRO, A. (Org.). **Cinema no mundo: indústria, política e mercado: América Latina.** São Paulo: Escrituras, 2007, v. 2, p. 145 – 173.

FELIPE, D. A. **Narrativas para alteridade: o cinema na formação de professores e professoras para o ensino de história e Cultura Afro-Brasileira e Africana na**

Educação Básica. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2009.

FIGUEIREDO, N. M. **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Paulo: Difusão, 2004.

FISCHER, R. M. B. **Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética**. Revista Brasileira de Educação. Jan./abr. 2009. Nº 40. p. 93 – 102.

_____. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação. Maio/ago. 2007. v. 12 nº 35. p. 290 – 298.

FISCHER, R. M. B. & MARCELLO, F. A. **Tópicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educação**. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 36, n. 2, maio/ago. 2011, p. 505 – 519.

FLORES, I. NOGUEIRA, M. ALCÂNTARA, P. H. **Do livro à tela: desdobramentos de A morte e a morte de Quincas Berro D'água no cinema.** In: GUSMÃO, M. C. S. & MENDES, E. S. (org.). **Cinema e memória**. (Série Cadernos ProCine, v. 2). Vitória da Conquista: Edições UESB, 2019.

FRANCO, M. **Você sabe o que foi o I.N.C.E**.? In: SETTON, M. da G. J. (org.) **A Cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: USP, 2004.

FRESQUET, A. M. **Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2013.

FRESQUET, A. M. & MIGLIORIN, C. **Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14**. In: FRESQUET, A. M. (org.) **Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015.

GADOTTI, M. **A Escola Frente à Cultura Midiática**. In: OROFINO, M. I. **Mídias e Mediação Escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

GAIO, R. CARVALHO, R. B. de; SIMÕES, R. **Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão**. In: GAIO, R. (org.). **Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 2008.

GATTI, A. **O mercado cinematográfico brasileiro: uma situação global?** In: MELEIRO, A. (Org.). **Cinema no mundo: indústria, política e mercado: América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2007, v. 2, p. 99 – 141.

GETINO, O. **As cinematografias da América Latina e do Caribe: indústria, produção e mercados.** In: MELEIRO, A. (Org.). **Cinema no mundo: indústria, política e mercado: América Latina.** São Paulo: Escrituras, 2007, v. 2, p. 23 – 63.

GUARESCHI, P. A. & BIZ, O. **Mídia, educação e cidadania**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

IZCUE, N. de. **A cinematografia dos países andinos.** In: MELEIRO, A. (Org.). **Cinema no mundo: indústria, política e mercado: América Latina.** São Paulo: Escrituras, 2007, v. 2, p. 199 – 216.

JCMT. **Oficina: produção audiovisual com indígenas**. Mato Grosso/MT, quinta-feira, 02 de dezembro de 2015. Disponível em: http://jornalcidademt.com.br/home/projeto-desenvolve-oficina-de-producao-audiovisual-com-indigenas/ Acesso em: 08/12/21.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Tradução Ivone Castilho Beneditti. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas 1999.

LEITE, S. **Cinema brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** (Coleção Magistério. Série formação do professor); São Paulo: Cortez, 2013.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. de. **Pesquisa e educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPV, 1988.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução: Ronald Polito & Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTIN, M. **A Linguagem Cinematográfica**. Tradução: Lauro Antônio & Maria Eduarda Colares. Lisboa/Portugal: Dinalivro, 2005.

MARTINS, E. S. **A Etimologia de Alguns Vocabulários Referentes à Educação: docente.** Revista Olhares & Trilhas. Ano VI. 2005. Nº6. p. 31 – 36.

MELEIRO, A. (Org.). **Cinema no mundo: indústria, política e mercado: América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2007.

MELO, J. M. de & TOSTA, S. P. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2008.

MIRANDA, C. E. A. **Fazer Cinema na Educação – Uma Utopia em Construção**. Revista Contemporânea de Educação. Rio de Janeiro, 2010 v. l5, nº 9. p. 39 – 52.

MOGADOURO, C. A. **Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta**). 428 f. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2011.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009a.

_____. **Cinema: experiência cultural e escolar**. In: TOZZI, D. (org.) **Caderno de Cinema do Professor: dois**. São Paulo: FDE, 2009b; p. 10 – 30.

NÓVOA, A. **Os Professores no Futuro Presente**. São Paulo: (conferência), 17/08/2017. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/conpe6/revendo/confer%c3%aancia.html Acesso: 16/11/21.

OLIVEIRA, H. J. C. **Os meios audiovisuais na escola portuguesa.** Universidade do Minho, Instituto de Ciências da Educação, Braga 1996, p. 122 – 127.

PINHEIRO, J. **E se eu assistir a duas horas de filme brasileiro por mês na escola?** In: FRESQUET, A. M. (org.) **Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015.

PIRES, M. da. C. F. & SILVA, S. L. P. **O Cinema, A Educação e a Construção de um Imaginário Social Contemporâneo**. Revista Educação & Sociedade. Abr./jun. 2014. n. 35. p. 607 – 616.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANABRIA, E. **"Crear redes de colaboración, proyectos comunes, diálogoentre quienes trabajan la educación para la comunicación".** Disponível em: https://www.aularia.org/ContadorArticulo.php?idart=350 Acesso em: 15/04/21.

SANT'ANNA, C. **Cinema, Educação e Pensamento Contemporâneo.** UnB/Brasília/DF, quarta-feira, 27 de maio de 2009. Disponível em: http://cineclubemostrataguatinga.blogspot.com.br/ Acesso em: 08/11/17.

SEE/PR. **Entrevista com Alain Bergala**. Dia a Dia Educação. 2012. Disponível em: http://www.filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1160 Acesso em: 10/11/21.

SETTON, M. da G. J. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **A educação popular no Brasil: a cultura de massa**. Revista USP, São Paulo, n. 61, p. 58 – 77, março/maio 2004.

_____. (org.) **A Cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: USP, 2004.

SILVA, M. **Metamorfoses das linguagens: história, cinema e literatura.** São Paulo: LCTE, 2009.

SILVA, M. R**. A linguagem audiovisual do cinema como elemento integrador da arte e ciência na formação cultural dos professores de ciências e matemática**. 273 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

SILVA, T. T. da. **Apresentação**. In: GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

SORLIN, P. **Indispensáveis e Enganosas, as Imagens, Testemunhas da História**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 81 – 95.

_____. **Sociologia Del Cine: la apertura para la história de mañana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

SOUZA, E. P. de. (org.). **Negritude, Cinema e Educação: caminhos para a implementação da Lei nº 10.639/2003**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

SPYER, T. & NAME, L. (org.) **Cinelatino: imagens da América Latina a serem decifradas.** Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil: Edunila, 2020.

STECZ, S. S. **Cinema na Escola: muitos desafios no horizonte**. In: FRESQUET, A. M. (org.) **Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015.

TERUYA, K. T. & FELIPE, D. A. **Narrativas de docentes sobre a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira**. Revista Educação. Porto Alegre, 2012. v. 35, n. 2, p. 208 – 216, maio/ago.

THIEL, G. C.; J. C. **Movie Takes: a magia do cinema na sala de aula**. Curitiba: Aymará, 2009.

TOZZI, D. (org.) **Caderno de cinema do professor: dois**. São Paulo: FDE, 2009.

TREVIZAN, Z. **As Malhas do texto: escola, literatura, cinema**. São Paulo: Cliper, 1998.

_____. **O Leitor e o diálogo dos signos**. São Paulo: Cliper, 2002.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

UEG. **VI Mostra de Filmes: a educação estética da infância**. Goiás/GO, quinta-feira, 01 de dezembro de 2016. Disponível em: http://www.ueg.br/noticia/29363_ueg_realiza_vi_mostra_de_filmes_em_sao_luis_de_montes_belos Acesso em: 09/11/21.

_____. **Projeto PIBID do curso de Pedagogia do Campus São Luís de Montes Belos realiza IV Mostra de Filmes em dezembro.** Goiás/GO, terça-feira, 29 de novembro de 2016. Disponível em: http://www.pibid.ueg.br/noticia/29215_projeto_pibid_do_curso_de_pedagogia_do_campus_sao_luis_de_montes_belos_realiza_iv_mostra_de_filmes_em_dezembro Acesso em: 09/11/21.

UEPB. **O curso de formação continuada sobre cinema e história da educação**. Campina Grande/PB, sexta-feira, 10 de abril de 2015. Disponível em: http://cinematografouepb.blogspot.com.br/2015/04/curso-de-formacao continuadacinema-e.html Acesso em: 08/11/21.

UFF. **Cinema, Educação e Direitos Humanos: Inventar com a Diferença.** Niterói/RJ, 2016. Disponível em: http://2014.inventarcomadiferenca.org/rede Acesso em: 08/12/21.

UFSC. **Oficina de Animação com Recortes de Papel**. Florianópolis/SC, 2013. Disponível em: http://lapis.ufsc.br/%e2%80%a2-videos-do-lapis/videos/festa/ Acesso em: 08/12/21.

UFSM. **Oficinas de Formação de Professores**. Santa Maria/RS, 2013. Disponível em: http://coral.ufsm.br/gepeis/index.php/publicacoes/oficinas-de-formacao-de-professores Acesso em: 07/11/21.

VANOYE, F. & GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica.** Tradução: Marina Appenzeller, 6ª edição. Campinas/SP: Papirus, 2004.

VILLAZANA. L. **Iniciativas sinérgicas de coprodução, distribuição e exibição no cinema latino-americano.** In: MELEIRO, A. (Org.). **Cinema no mundo: indústria, política e mercado: América Latina.** São Paulo: Escrituras, 2007, v. 2, p. 175 – 197.

VOLPI, A. **Curso: Cinema para Aprender e Desaprender**. UFRJ/Rio de Janeiro/RJ, sexta-feira, 19 de junho de 2009. Disponível em: http://cineadcap.blogspot.com.br/ http://cineadcap.blogspot.com.br/2009/06/ Acesso em: 10/11/21.

XAVIER, I. **O olhar e a cena**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. **O Cinema Brasileiro Moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Um Cinema que "Educa" é um Cinema que (nos) Faz Pensar.** Revista Educação & Realidade. Jan/jun. 2008. v.33. n.1 p. 13 - 20.